

Como se poderá vêr pelas referencias da imprensa criteriosa de São Paulo, e que vão insertas em outra secção, a *Revista de Ensino* continúa a ser acolhida com a maxima sympathy e enthusiasmo.

A' parte as phrases lisonjeiras, dictadas por uma polidez fidalga, e pela delicadeza camararia de quem trabalha para um mesmo fim nobre e grandioso—a elevação da Patria Brazileira—, áparte esse poderoso estimulo, perdoc-se-nos a immodestia de julgarmo-nos bem merecedores da distincção que nos tributam.

Effectivamente, lançada a reforma da instrucção publica de 1892, e que era a transformação radical dos nossos antigos moldes de ensino, ella só poderia ter o seu completo advento, si o professorado publico ensinante, além do compromisso formal, natural em sua moralidade, de bem cumprir as obrigações adstrictas ao seu mister, lhe quizesse prestar á consecução uma dedicação a toda a prova, um altruismo todo cheio de sacrificios.

Si elle regateou essa dedicação,—melhor do que palavras, mais significativas do que quaesquer allusões encomiasticas, ali estão a attestal-o as nossas escolas-modelo e grupos escolares, cuja organização tem provocado as mais elevadas referencias de pedagogos notaveis que os têm visitado.

Basta isto tão sómente para demonstrar á evidencia que cada professor cumpriu mais do que a si mesmo promettera; pois que uma refórma de ensino, nas condições da que foi proposta em 1892, não teria uma realidade tão brilhante si o professorado se abroquelasse no egoismo das commo-didades e do interesse pessoal, como os inconsiderados andam a apregoar.

Em toda a evolução social, os que se retardam, por incompetencia moral ou baldos de energia, ou ficam a marcar passo no campo da rotina, ou apedrejam maldosamente aos que, mais trabalhadores, mais fortes, se collocam nas primeiras filas dos progressistas, de peito descoberto a todos os ataques.

Esta verdade ainda agora se traduz de um modo caracteristico em a guerra pequenina e ridicula feita aos professores que mais procuram impulsionar a evolução do nosso ensino publico primario, isto é, áquelles que, não sabem nem nunca quizeram descansar nas posições conquistadas.

As boas intenções que elles hão manifestado, já melhorando os processos didacticos de ensino, já reclamando reformas que visam assegurar essa mesma evolução, traduzem os inconscientes detractores como intuitos menos nobres de ganancia e avidez de dinheiro.

Mas tudo isso, todas essas objurgatorias que deslustram a imprensa que as acolhe, não passam de inoffensivas balas de estalo.

Como vingança pessoal, o ataque se desculpa e se justifica, ficando apenas na paixão e na bilis derramada todo o mal. Como tentativa, porém, de desprestigio á classe que mais tem levantado lá fóra o nome glorioso de S. Paulo, é que tanta tinta consumida se torna inutil e desperdiçada, e resume a mais notavel ingenuidade.

Deixando-se levar pelos máus impulsos de sua insoffrida paixão, esquecem esses mesmos detractores que escrevem para um povo que sabe como lhe educam os filhos na escola publica primaria; que é o maior fiscal dos professores; e que sempre os tem amparado nos seus momentos de desanimo e luctas com actos de sympathia e palavras generosas que lhes fortificam a coragem para a trabalhosa vida do magisterio.

Por esse lado, repetimos, todo o ataque é infructifero, e fica isolado e perdido na sua propria inutilidade.

O trabalho extraordinario do professorado publico paulista, nestes dez annos, e que já é conhecido de todo o mundo que se interessa pelo futuro do Brazil, serve-lhe de escudo contra as villanias de quem quer que seja.

E si a imprensa do Estado, em quasi a sua unanimidade, lhe tece francos louvores, é porque os mereceu, é porque a elles fez jús.

Bem o disse a *Comarca* de Mogy-mirim: « quem sabe quanto trabalhou e quanto o ensino aproveitou na proporção do seu trabalho, » não se entibia com uns arremedos de Cabrion, que de quando em quando surgem na sociedade, como uma nota dissonante e ridicula no concerto geral.

Não nos tirarão, por isso, a calma que queremos e havemos de manter no aperfeiçoamento da instituição mais fecunda e poderosa para a grandeza da Patria.

E de futuro, a unica resposta que nos merecerão os gratuitos detractores do ensino publico paulista, será o significativo silencio de quem conhece o seu valor proprio e despreza as investidas dos que da vida só conhecem a parte... *divertida!*

QUESTÕES GERAES

CARTAS ANEPIGRAPHAS

III

DÉCANO OU DECANO ?

E' incontroverso que esta palavra apresenta em portuguez duas formas divergentes e dois aspectos phonicos differentes.

E' um phenomeno este que se observa em todas as linguas, as quaes adquirem, no seu periodo de formação, muitas palavras com uma ou mais significações novas, e conservam ou perdem a que tinham originariamente em latin ou grego.

Não se póde negar que o latin *decánus* deu as duplas formas portuguezas *deão* e *decano*.

A primeira, contracção da segunda pela queda ou supressão de *en*, é de origem popular. E' o dignatario ecclesiastico que substitue o bispo ou arcebispo, etc.

A outra, *decánus* é de origem erudita. Significa, ao tempo de Vegetius, auctor dum tractado de estrategia, official subalterno que commandava dez soldados; segundo Augustinus e Hieronymus, superior nos mosteiros; no Codex Justinianus é synonymo de cozeiro; e o mathematico Formicus denominava assim o Genio que presidia a dez grãos do zodiaco.

Modernamente é o membro mais antigo duma junta, corporação, collegio, etc.

Mas qual é a sua filiação? E' latina ou grega? E' vocabulo primitivo ou derivado? Quaes são as suas partes componentes?

Eis diversas perguntas a que não se póde responder com criterio seguro, poisque, nenhum philologo, nenhum lexicographista tem até hoje elucidado a sua etymologia.

Ao passo que os etymologistas explicam perfeitamente as partes que compõem outras palavras começando por *déca*, em *decánus*, não explanam absolutamente coisa alguma.

Exemplifiquemos, analysando *decámyron*, *décandro*, *decánemo*.

O grande Larousse explica:

« *Decámyron*, do grego *déka*, dez e *myron*, perfume. » E' um perfume contendo dez essencias differentes.

« *Décandro*, do grego *déka*, e *ánér*, *andros*, homem, organ macho. » E' uma planta possuindo dez estames.

« *Decánemo*, do grego *déka* e *nêma*, fio. »

E' um genero de arbustos.

Ora, quem lê estas palavras compostas, com os seus radicaes e suffixos ao lado, facilmente estabelece a sua filiação, apprehende a sua origem, formação e significação.

E que nos diz o mesmo Larousse sobre *decano* ?

« *Décan*, do latin *decánus*, do grego *déka*. » E nada mais.

A flexão latina *nus* vem enxertada ao *déka* grego, sem que ninguem possa saber o que significa, e donde se originou.

A etymologia que Littré dá é bem extravagante.

«*Décan*, do latim *décanus*, do radical *dec*, que está em *decem*, dez ».

Isto quer dizer em portuguez claro que os Romanos ao *dec* deram como suffixo flexional o substantivo *anus*. Mas *anus* em latim é o mesmo que em portuguez.

Logo *decánus* não é mais o membro mais velho e respeitado duma classe, porém sim *dez anus*.

E' pois impossível, pelos dados que nos fornecem os dicionarios, conhecermos a origem, a morphologia, a graphia e a prosodia primitivas de *décano*.

Para explical-as é forçoso recorrer ao methodo comparativo que preside ás aproximações e á direcção geral das pesquisas philologicas.

Desde os tempos mais remotos comparou-se o latim ao grego. Ambos porém, assim como os diversos idiomas europeus, tiveram uma origem commum muito anterior: o *sanskrito*.

Não sendo nosso intuito ir tão longe buscar raizes, radicaes e suffixos, diremos apenas que as palavras duma lingua seguem tres processos de formação: A *imitação*, a *derivação* e a *composição*.

Deixando de parte os dois primeiros que nos levariam a longas explicações, só nos referiremos ao terceiro, que importa saber para o caso vertente.

A composição opera-se de dois modos:

1.º Pela reunião em uma só palavra de duas ou mais palavras simples: nome, adjectivo ou verbo.

2.º Antepondo ao radical uma ou mais particulas prepositivas chamadas prefixos.

O latim *decánus* é de origem grega, ou antes, é a propria palavra grega latinizada.

Civil e militarmente, na antiguidade romana, havia as *decurias*, (de *dec*, prefixo de *decem*, e *úria*, de *vir*,

homem), compostas originariamente de dez homens, e, mais tarde, de um numero indeterminado. O chefe de uma decuria era o *decurio*, *decurionis*.

O grego por sua vez tinha e tem as *dekánias* (de que o latim fez *decánia*,) que pôde muito bem ser a contracção de *déka*, dez, e *aner*, *andros*, homem.

Uma *dekania* é pois um grupo de dez homens, e, em geral, uma dezena.

O seu chefe é o *dékanos* que tambem se chama *dékarchos*.

Com a evolução da lingua e o correr do tempo o *dékanos* ou *dékarchos* passou a ser o individuo mais velho, mais antigo, mais respeitavel de uma aggremação.

Eis em traços geraes e ligeiros a origem, a prosodia, as morphologias, e as diversas accepções deste vocabulo em grego e latim, donde se derivou o portuguez *décanos* que, além do mais, é *homoprosodico* a *década*.

IV

Hippódromo ou *hippodrómo*?

Diz o illustrado escriptor Figueiredo:

«Da geral pronuncia *hippodrómo* e *chrysanthémo*, já eu tenho falado varias vezes, só para dizer que não ha pronuncia mais disparatada, e que o disparate não existiria, si os escriptores e a imprensa se habituassem a accentuar graphicamente as palavras esdrúxulas, pelo menos: *hippodromo*, *chrysanthémo*...»

Sobre o ultimo vocabulo pouco se tem a dizer porque em grego e latim assim se pronuncia.

Comtudo a dicção *chrysanthémo* está tão generalizada entre o povo, que as pessoas que assim a pronunciam podem chamar em seu apoio o habitualismo que, em questões de pronuncia, é o supremo arbitro.

Quanto ao primeiro, não existe disparate algum dizendo-se *hippodrómo*.

Lá se vão dezeseis annos que combati pela imprensa a opinião de Julio Ribeiro que, na sua *grammatica analytica*, deu curso á seguinte regra absurda: «*Hippódromos* em grego é a raia das carreiras; *Hippodrómós* é o *Jockey*.

«Segue-se que o termo portuguez *hippodromos*, que significa somente a *raia das carreiras*, deve ser pronunciado *hippodromo* e não *hippodrómo*.»

Si é por haver em grego differença notavel entre *hippodromos* e *hippodromós* que tambem o senhor Figueiredo qualifica de disparatada a pronuncia *hippodrómo* em portuguez, pedimos venia a S. S. para dizer que não lhe assiste a razão.

Ou por ventura S. S. entende que vindo esta palavra do latim *hippodromus* tambem em portuguez deve ser *hippodromo*?

Seja como fôr, acho que este modo de pensar não é corroborado por argumentos decisivos. E' apenas um sophisma engenhoso.

Os que estudam latinidade não dizem *hippodromus* porque em grego *hippodrómos* e *hippodromos* exprimem idéas diversas e diametralmente oppostas; sim, porém, porque pelas regras do accento tonico latino, que constituem leis absolutas e inviolaveis, ninguem, a menos que ignore completamente a lingua de Cicero, pôde pronunciar de outra maneira.

Já num dos artigos precedentes tenho enuciado estas regras invariaveis que não soffrem excepção alguma em latim.

Relembremos uma dellas: «Uma vogal seguida de duas consoantes é longa por posição.»

Por conseguinte em *hippodromus*, sendo o de *hippo*, seguido das consoantes *dr*, ha de fatalmente ser a syllaba longa e, ipso facto, a tonica.

Mesmo que em grego houvesse unicamente *hippodrómos*, o latim sempre e invariavelmente ha de dizer

hippodromus, pois não admitte, como já foi dito, palavras cuja tonicidade vá de encontro á sua prosodia.

E' preciso tambem notar que em grego não temos sómente *hippodromos* e *hippodrómos*.

Existem ainda *hippodrómion* e *hypodromos* ou *ypodromos*.

Vamos portanto proceder a um rapido exame de cada uma destas palavras.

Hippódromos, no sentido proprio, é a raia onde se effectuam as corridas de cavallos, circo, carreira. No figurado, arena, logar onde alguém exercita seus talentos.

Hippodrómós, corredor a cavallo; soldado de cavallaria ligeira; deus equestre.

E' o epitheto de Neptuno.

Hippodrómion exprime tão sómente o logar para as corridas de cavallos ou carros.

Hippódromos ou *ypodromos*, abrigo, asylo, porto onde os navios abordam em caso de tempestade, passeio coberto, etc.

Basta uma simples leitura do que precede para perceber as diversidades de fórma, de pronuncia e de significações destas quatro palavras.

Esta é a razão porque os Hellenos, quando queriam indicar o logar das corridas, geralmente usavam, e ainda usam de preferencia, o neutro *hippodrómion* que é impossível confundir com as variadas accepções das outras tres, e sobretudo com as de *hippodromos*.

Ora, provado como está que, em grego, *hippodromos* tem varios significados, e que *hippodrómion* indica unicamente raia de corridas a cavallo, é preferivel que o portuguez *hippodrómo* venha do ultimo, porquanto exclusivamente tambem o usamos para indicar o espaço em que correm cavallos, e nunca exprime cavalleiro que corre.

Não sou, nem devo ser porém intransigente. Não esqueço que tudo

na linguagem humana procede do homem que, ao mesmo tempo, é o principio e o fim della.

Tolero, admitto mesmo as duas pronuncias, porque, com isto, pouco perdem a humanidade e as lettras em geral, e os meus benevolos leitores em particular.

V

Conclui, com a carta anterior, as objecções que tinha a fazer contra a prosodia dalguns vocabulos, adoptada pelo operoso auctor no *Novo dictionario da lingua portugueza*.

Citei outrosim a regra formulada inconsideradamente por Julio Ribeiro em relação a *hippódromos* e *hippodrómos*, e pela qual suppunha provar que a pronuncia do primeiro era a unica admissivel e correcta em portuguez, por exprimir o segundo, em grego, conceito mui diverso.

O philologo Candido de Figueiredo, induzido pela mesma razão, ou por outra que não conheço, condemna desapiadadamente *hippodrómo* e quer que só se diga *hippódromo*.

Entretanto, numerosissimos vocabulos temos tomado directamente do grego que estão no mesmissimo caso, e todavia s. s. manda pronuncial-os não só contra todas as regras da prosodia grega e latina, mas de modo tal a produzirem enormes dislates.

Para maior clareza e comprehensão do que vou dizer, é indispensavel fazer um pequeno resumo do accento tonico grego nas palavras compostas, que pôdem exprimir duas idéas bem diversas só com a mudança da sua syllaba tonica»

1.º As palavras compostas recuam o accento tonico o mais possivel: Supponhamos que de *philos* e *sophos* desejamos formar uma só palavra. Teremos então *philosophos*.

A syllaba tonica *phi* da primeira, palavra simples, e *phos* da segunda tornam-se átonas, isto é, perdem o accento tonico que vai recahir no seu

composto sobre a syllaba *ló*, *philosophos*.

2.º Em geral, as palavras compostas de um substantivo e de um verbo, levam o accento prosodico: na penultima syllaba, si a significação é activa, e na antepenultima, si ella é passiva.

Na passagem de muitissimas palavras do grego para o portuguez não se tendo observado esta regra importantissima, trouxe tal falta, como consequencia, o desaparecimento da voz activa, e ficou a voz passiva que justamente exprime o contrario do que se quer exprimir.

E, emquanto escriptores daqui e dalém mar discutem e estabelecem *ex-cathedra* normas de prolação de algumas palavras, cujo sentido soffre pouca alteração, admittindo ou não a sua pronuncia de origem, adoptam entretanto, por esquecimento ou ignorancia, uma infinidade de outras cujo accento prosodico, profundamente adulterado, dá-lhes uma accepção que é um verdadeiro contra-senso, e forma, por assim dizer, o cumulo das aberrações grammaticaes.

Entre os muitos termos desta categoria, tomo os quatro seguintes: *Anthropóphago*, *ichthyóphago*, *necróphago*, *zoóphago*.

Que significam estas palavras, segundo todos os dictionarios de portuguez, inclusive o de Candido de Figueiredo?

Anthropóphago, que se sustenta de carne humana.

Ichthyóphago, que se nutre de peixes.

Necróphago, que come cadaveres.

Zoóphago, carnivoro que se alimenta da carne viva dos outros animaes.

Comtudo, em grego, exprimem elles idéas mui diversas.

Anthropóphagos, passivo, é a carne humana comida.

Anthropóphagos, activo, que come carne humana.

Ichthyóphagos, passivo, aquelle que é comido pelos peixes.

Ichthyóphagos, activo, aquelle que se alimenta de peixes.

Necróphagos, passivo, é o cadaver devorado.

Necróphagos, activo, o que devora cadaveres.

Zoóphagos, passivo, é o animal devorado por outro.

Zoóphagos, activo, o que se nutre da carne dos outros animaes.

Pela synopse, que acima expomos, fica peremptoriamente demonstrado que para ser-se estrictamente correcto e coherente em portuguez, dever-se-ia adoptar as formas activas; porque, si na opinião de alguns, ha vicio em dizer-se *hippodrómo*, commettem elles um muito maior dizendo *anthropóphago*, etc.

Que conclusão se deve tirar de todo este cahos que se observa na lingua portugueza?

A resposta é sempre a mesma. E' o uso que prevalece; é o uso que adoptou a forma passiva em detrimento da activa; é o uso emfim que manda pronunciar como o fazemos.

Pouco importa que em grego haja differença sensibillissima de significação entre as duas formas.

Desde o momento que o portuguez forma a voz passiva com o auxilio do verbo ser, uma ou outra graphia adoptada neste idioma, representaria, como de facto representa, a voz activa.

Tomemos os factos da linguagem como são e não como queremos que sejam ou deveriam ser.

H. SCROSOPPI.

Paginas civicas

Desejando que seja espalhado pelas escolas o conjuncto dos meios empregados para preparar na creança o futuro cidadão—resolvemos encetar, na «Revista», umas paginas civicas,

cujas linhas e cujos paragraphos, como simples suggestão aos professores que nos lerem, virão frisar o interesse com que ministramos o ensino de uma disciplina de palpitante necessidade.

Prepara-se o futuro cidadão—ou augmentando-lhe os conhecimentos, ou formando-lhe o caracter, os habitos e os sentimentos. Consagramos, portanto, as paginas civicas ou ao ensino, isto é, á aquisição dos conhecimentos, ou á educação: tractaremos da instrucção e da educação civicas.

A instrucção civica tem grangeado a attenção dos reformadores; e, desde o principio do seculo passado—o saudoso seculo dezanove—figura como parte obrigatoria nos programmas escolares.

Como é triste o ignorar um cidadão as leis que regem a sua Patria e os seus direitos e deveres perante a sociedade!

Todo o cidadão, por mais obscuro, por mais letrado que seja, tem a obrigação de se interessar pelas cousas patrias.

Muitas vezes, repasmado os circumstantes ou interlocutor com a sua grandiloquencia, levados pela contingencia das crenças e convicções e pelo pessimismo tradicional, perante estrangeiros que nos observam e criticam despidosamente—atiram os nossos concidadãos, aqui e alli, exclamações inconvenientes, phrases, dictos e chalaças—timbrando em devolver em logares publicos a mais solemne apothese ao ridiculo—sobre tudo o que é nosso, sobre os productos indigenas ou nacionaes.

As nossas poucas originalidades como povo desaparecem e são obscuras pelo fumo das novidades: o melhor chapéu é o de fabrico nacional; mas deve trazer o X. P. T. O.—London, no fundo.

Desde a honestidade dos nossos magistrados até ao prestígio das autoridades, tudo se accommetteu: a impiedade do ataque tentou arrasar pela base a dignidade dos nossos homens publicos.

A figura veneranda de Pedro II sempre foi alvejada pelos epithetos baixos e despreziveis da imprensa e do povo: elle era o *Pedro-banana* e a sua Familia uma sucia de libertinos.

Nos embates porfiosos da politica, atacavam-se menos os princípios e as imperfeições da fórma de governo, do que a honra dos adversarios.

Numa situação liberal, os jornaes conservadores, obcecados pela paixão partidaria, mimoseavam os seus compatriotas com uma virulencia de linguagem capaz de enrubecer um bloco de granito.

Numa situação conservadora, pouca tarefa tinham os liberaes para es *puffs* opposicionistas: bastava-lhes, apenas, accommodar, pelo programma da casa, as gentilezas dos seus antagonistas de hontem...

O estrangeiro—hospede que bem poucas vezes nos respeita—desejando sangrar a nossa Terra no que ella tem de mais sagrado, que é a dignidade do seu governo—passa para as columnas dos seus jornaes as diatribes liberaes ou conservadoras e republicanas; e qual será a auctoridade de altivez opportuna para fazer emmudecer aos famintos e iconoclastas de alem-mar?

O nosso paiz é ridicularizado nos bondes e em todos os sitios publicos.

O governo é o responsavel por tudo... até pelas mazellas do proximo...

Não ha presidente da Republica que não seja um miseravel; não ha secretario da Fazenda que não seja um gatuno; não ha patriota que não comesse, sugando o erario publico.

O peor fóco de descredito, a maior lama com que se macula a honestida-

de dos nossos homens de estado—mareando-lhes os titulos á benemerencia popular e refreando-lhes os impetos da iniciativa—está na rua do Ouvidor do Rio de Janeiro, onde milhares de desoccupados—amadores de arruaças e bernardas—vagam incolumes, sem que a policia os prenda e remetta para as escolas correccionaes.

E' ahi que predomina, como polvo de numerosos tentaculos, o carrancismo demolidor, e é dahi que elle sae, para os quatro ventos do paiz, na sua imprensa diaria.

Todo o situacionista, todo o governista é um engrossador; todo o adhesista é um ente servil e todo o opposicionista é um sabio patriota...

Nas escolas da poderosa Alemanha—a patria da disciplina—quando, em qualquer aula, em qualquer passagem, numa leitura ou recordação de Historia, é pronunciado o nome—*kaiser*—o alumno se levanta num movimento marcial de respeito, preciso, resolutivo e sincero.

Não haverá na terra de Bismarck elementos opposicionistas?

Si os ha! Mas o patriotismo, a disciplina, que é o timbre da raça anglo-saxonia, lá existem com o seu sequito de beneficios.

Obedecer não é servilismo.

Por disciplina, por um dever civico, porque não acataremos os funcionarios da Lei?

Si temos uma auctoridade, por menor que seja o seu poder, por mais restrictas que sejam as suas attribuições—devemos prestigial-a, pois, si ella o é, é porque o merece.

Não cae ninguém do céu por descuido para vir satisfazer ao estado morbido e á anarchia dos demolidores: nós temos o que temos.

Pedro II, Prudente de Moraes, Deodoro—seja lá quem fôr que esteja na suprema magistratura do paiz merecem uma distincção de trato, mormente, no exercicio nobre e penoso, de suas elevadas funcções.

Nas escolas, como poderão os professores inculcar nos alumnos o sentimento civico, o amor da patria e a fidelidade ás instituições?

Deve investir-se o professor de um verdadeiro sacerdocio moral, numa especie de magistratura intellectual—afim de que o ensino, neste caso, não seja uma pêa lançada pelo estado á liberdade individual, nem degenerere em preleções politicas e nem numa especie de propaganda official e permanente em favor do governo e que seja imposta aos professores com grande detrimento de sua independencia professional e da sua auctoridade moral.

Assim seriam as objecções de character politico, si a instrucção civica—em vez de visar uma apreciação imparcial das instituições nacionaes, ou um appello caloroso para os sentimentos patrioticos—decahisse para a arena da politicagem nefasta, que tanto separa e afasta os homens.

Deve o mestre possuir criterio bastante para, collocando-se em posição superior ás miserias das pequenas seitas e abrindo mão de sua predilecção politica—prégar o respeito á Lei: a lei é a lei, e o primeiro dever, tanto do professor como de todo o cidadão, é respeitá-la.

Prégar o culto pelas leis do paiz não é abdicar o professor das suas convicções.

Não se lhe exige que as aprecie: tem, apenas, de expô-las como um grande facto historico, que não é licito ignorar.

Bastam-lhe, para fazel-o, muito tino, tacto, reserva e discernimento.

Deve o professor fazer o alumno—o futuro cidadão—examinar de perto a constituição e a organização politica do paiz, que a todos interessam; deve fazer conhecel-as muito cedo, para que não sejam as creanças indifferentes ás cousas patrias e evitem depois as phrases ócas, as expressões presumidas—que só podem causar numerosos prejuizos.

Quanto ao ponto de vista pedagogico, dizem os theoristas que esse estudo, sobre ser muito arido e difficil, se torna aborrecido e sem valor didactico, portanto.

Ora, esta objecção é destruida pela capacidade e pela tactica educativa do mestre.

Si, por exemplo, forem muito elementares as classes—as creanças ignoram por completo o que é a sociedade em geral e o seu paiz em particular; e essa ignorancia, em que se acham, faz que novos conhecimentos lhes sejam verdadeiras revelações.

Tirárá o mestre as licções do meio em que se acham as creanças, do circulo dos seus conhecimentos immediatos; aproveitará qualquer facto da vida escolar ou do mundo para fazel-as chegar á systematisação das licções.

Conversará com ellas sobre as razões que têm os homens a unir-se uns aos outros; sobre o auxilio mutuo e a defesa commum; sobre a protecção reciproca; sobre o trabalho em que se absorve a humanidade; sobre os sentimentos affectuosos tão necessarios para o desenvolvimento da alma; sobre a constituição da familia em que repousa o progresso das nações; sobre o agrupamento das familias em aldeias; das aldeias em cidades; das cidades em estados ou provincias; e, como synthese de todas as suas licções e de todos os seus esforços, mostrará o professor aos alumnos o que é—a Patria—o logar santo, o berço das nossas esperanças e o tumulo das nossas illusões!

Todas essas cousas absorvem e captivam as creanças, porque lhes são inteiramente novas e realmente interessantes.

Depois então, por si mesmas, ellas irão comprehendendo o sentido de tantos termos que diariamente lhes ferem os ouvidos, e explicarão a ne-

cessidade de tanta cousa, como a da escola, a da egreja, a do soldado, a do marinheiro, a da bomba de incendio, a das estradas, a do juiz de paz, a do vereador, a do deputado e, dahi, a do presidente do Estado.

Fará, por esse modo, um ensino directo; e é desses elementos de instrução civica rudimentar ou desse conjuncto de meios, mais tarde generalizados, que sahirá o futuro cidadão, conscio dos seus direitos e deveres.

Quanto ao ensino indirecto, aproveitará o professor todos os factos historicos e geographicos, que mais se prendem aos progressos sociaes; aproveitará o assumpto das lições de cousas e os acontecimentos da occasião, como o lucto e as festas nacionaes, e fará assim nascer e gravar, no coração e no espirito, a memoria dos factos notaveis e o reconhecimento para com os nossos antepassados; mostrará que só é grande o povo que tem tradições e estima ao paiz natal; só é poderoso o povo que tem consciencia de si proprio e adoração pela patria; valer-se-á tambem das aulas de exercicios gymnasticos e militares e, por fim, de todos os exercicios escolares.

Quanto á parte educativa do ensino civico, deverá o mestre sempre falar nos sentimentos de gratidão e de afeição.

Será, então, patriota o professor que puder transmittir á sua classe essas utilissimas noções civicas.

Ser patriota é ensinar por esse modo, propagando esses principios; ser patriota é frequentar as escolas, onde se preparam as gerações para a lucta, desenvolvendo-lhes as forças physicas, mentaes e affectivas.

Ser patriota é gastar o verdo^r da mocidade no espaçoso recinto das officinas e das fabricas, na poeira das estradas, ao sol dos campos e das fazendas; ser patriota é consumir o

corpo e enriquecer o cerebro em beneficio da Humanidade.

Ser patriota é defender o paiz, em todas as emergencias, mesmo com o sacrificio dos deveres e da propria vida.

E é preciso, é urgente que o sejamos: quando uma molestia ataca o organismo, vai-se apossando delle aos poucos e o levará ao tumulo.

Pois nós estamos com a doença em casa: os estrangeiros têm escolas, em que não ensinam a nossa lingua, nem a nossa chorographia e historia e mantêm imprensa em que pouco se preocupam com os interesses nacionaes.

Ninguem se antepõe a essa propaganda surda, mas lenta e eficaz.

Pois bem: tratemos nós—os professores—sem delongar a reacção, de prevenir esta calamidade politica — a enfeudação da nossa Patria.

AUGUSTO R. CARVALHO.

Notas de portuguez

(Pallido esboço das sabias lições do sabio mestre e amigo dr. Silva Jardim)

Estudo abstracto da lingua: grammatica geral applicada á lingua portugueza

I

Homem, ser sociavel—necessidade da communicação—evolução da lingua—seu character—sua definição—sua formação—predisposição para a fala—divisão da lingua—linguagem geral—linguagem particular.

O homem é um ser fatalmente sociavel. Desde a mais remota antiguidade, desde o seu estado selvagem, como ainda hoje o encontramos

em diversas regiões do globo, vive elle em companhia de individuos de sua categoria e de categorias inferiores. Este phenomeno sociologico trouxe como consequencia logica o desenvolvimento da sua tendencia natural para a communicabilidade, que, por seu turno, revela e envolve a sociabilidade, cujo throno tem por pedestal de seu engrandecimento as sacrosantas instituições da — familia, propriedade, religião e governo.

Sem este systema poderoso de alavancas, sem este incomparavel machinismo, a communicabilidade não passará de uma simples abstracção.

A linguaagem, meio de communicação entre os homens, foi inspirada pela FAMILIA e constituída pela sociedade, que é o MEIO em que ella se produz.

Com ella nasceu a religião e o governo, elementos que concorrem fortemente para a sua estabilidade e engrandecimento na região em que lhe é dado estabelecer o seu dominio.

Os animaes da escala inferior, não tendo conseguido crear uma linguaagem, não constituiram governo, ainda que sociaes. Esta prova indestructivel do poder systematizador da linguaagem, mostra-nos os perigos a que estão sujeitos os que, desalentados na lucta pela vida, se collocaram á mercê da vontade do mais forte, sempre disposto a tirar o melhor partido das posições conquistadas.

A communicabilidade é uma lei social: manifesta, portanto é a sua necessidade.

O encontro de dois individuos, desde as mais remotas eras, fez-lhes sentir a necessidade fatal da communicação, pois, é ella o meio pelo qual é dado ao homem manifestar as suas idéas e sentimentos ao mundo exterior.

A proporção que a especie humana foi progredindo, mais complicados

se foram tornando os meios de communicação empregados. Estas diferentes maneiras de communicar-se, de transmittir idéas e sentimentos, constituem as diversas phases por que passou a linguaagem tal qual a temos hoje.

Nos primeiros tempos a communicação entre os homens era feita por ACTOS ou ACCÕES, meio de communicação este que é, apesar de ser o mais rustico e portanto menos comprehensivel—o mais energico e expressivo de todos.

Seguiu-se-lhe a dos GESTOS, chamada geralmente—linguagem mimica—, que comprehende a do silencio, e é mais complicada que a primeira.

A ESCULTURA—linguagem *dos gestos paralyzados*—é o terceiro meio de communicação ou terceira phase da linguaagem. Ahi ha a estatua no seu estado de repouso.

Ha intima relação entre a cultura e a ARCHITECTURA, que constitue o quarto meio de communicação e portanto uma nova phase da linguaagem. Ella tem hoje um fim inteiramente pratico: construcções de predios, templos, etc.

Depois da architectura vemos apparecer a PINTURA, que tanto tem cooperado para aperfeçoar os nossos sentimentos moraes pela contemplação de seus primorosos quadros, os quaes constituem a gloria dos maiores artistas.

A MUSICA no estado primitivo, expressa quasi sempre por meio de gritos e de sons desharmoniosos, arrancados a instrumentos selvagens, constituiu a sexta phase da linguaagem, e hoje nos eleva e nos encanta pela execução de suas sublimes produções.

Evoluiu-se daqui a linguaagem, para a POESIA. A poesia primitiva, entretanto, constituia-se apenas de sons musicas.

Em oitavo e ultimo lugar, satisfa-

zendo a todas as nossas necessidades intellectuaes e moraes, appareceu a PROSA.

Ser social em sua origem e em seu destino é, pois, o caracter da linguagem.

A linguagem, cuja palavra se deriva de um dos orgams de phonação, que á a lingua, é a manifestação de nossas idéas e sentimentos ao mundo exterior.

No entanto, sendo as idéas, em suas origens, formadas pela contemplação do mundo externo, pelos sentidos, que são as janellas do cerebro, que elabora, esclarecendo-as pela intelligencia e expandindo a outrem pela actividade, auxiliada pelo apparelho de phonação, podemos definil-a de modo mais consentaneo com a natureza dogmatica do assumpto: « linguagem são as impressões subjectivas transmittidas ao mundo objectivo ».

Notamos, pelas considerações que precedem esta definição que o immortal Aristoteles tinha sobejas razões, dizendo: « nada existe na intelligencia que não tenha passado pelos sentidos ». « Excepto as deducções da propria intelligencia », completou Leibnitz.

Ha duas hypotheses para a expliação da origem das linguas: a theologica e a scientifica.

Pela primeira, quando Deus creou o mundo deu ao homem uma linguagem perfeita, a qual, segundo os textos biblicos, foi confundida quando se construia a torre de Babel. Dahi sahíu cada individuo falando um idioma diferente a povoar as diversas partes do globo, constituindo-se deste modo muitas nações.

Esta hypothese, que por muitos seculos foi tida como verdadeira, não é hoje aceita em face dos progressos da sciencia positiva que tem demonstrado pela grande analogia e homogeneidade entre as linguas ser essa diferença apenas uma questão de meio.

No entanto, embora esta hypothese não tenha um cunho scientifico, prestou ella comtudo relevantes serviços á causa da linguagem. Foi no seu dominio que se descobriram as principaes faculdades da alma, e Gall, depois de uma serie de experiencias em animaes de escala inferior e superior, localizou o orgam da linguagem na terceira circumvolução frontal do hemispherio cerebral esquerdo, isto é, entre a vista e o ouvido.

Pelas referidas experiencias tornou-se patente ser o cerebro o fóco do systema nervoso.

O orgam da linguagem e o cerebro são condições necessarias á vida. Este preside as funcções dos outros orgams.

Pela segunda hypothese, que é a relativa ou scientifica, a linguagem é creação da propria humanidade. Esta hypothese não pôde deixar de ser aceita por todos, visto ser mais conforme com a razão e portanto com a natureza dogmatica dos conhecimentos humanos.

Possuindo o homem, como sabemos, o apparelho de phonação e o cerebral correspondente, a predisposição para a fala lhe é inherente, e o novo meio de communicação patenteou-se espontaneamente, logo que o desenvolvimento do referido orgam se tornou compativel com as funcções destinadas ao seu desempenho.

A linguagem ou é geral ou particular, no seu estado presente.

A primeira, cuja existencia é incontestavel, por isso que depende do sentimento que reside tanto no selvagem como no homem de letras, é filha da identidade da constituição humana. Por essa identidade a linguagem devia ser universal, como é o ideal, comtudo embora essa identidade seja manifesta, embora tenham todos sentimentos, devido ao meio — situação geographica, clima, alimentação, etc. — não são iguaes entre si, modificando-se por seu turno a

A REFORMA DOS ESTATUTOS

Já lá foram quasi tres annos depois que se fundou a « Associação do Professorado Publico » e é com espanto de muita gente que ella se ostenta garbosa em uma prosperidade muito longe de esperar pelos incredulos que formayam a maioria da nossa classe.

Não fôra um grupo, é facto, de persistentes que, enfrentando a differença de muitos, a incredulidade de quasi todos e a má vontade de alguns, tomou a si a firme resolução de assumir a responsabilidade de sustentar, ainda com os maiores sacrificios, a grandiosa idéa, talvez ainda hoje os professores publicos paulistas, estivessem vegetando na sua proverbial desunião, causa da pouca consideração com que sempre foram tratados.

E' certo que ainda não galgámos o logar a que dá direito a nossa posição social. Ainda não conseguimos vencer os preconceitos de que somos victimas: o professor primario ainda continúa, graças á ferrenha educação social do nosso meio, a ser considerado como o *mestre-escola* dos tempos das *escolas regias*. Tal é ainda hoje, em regra geral, o estado da nossa classe.

Entretanto, a escola, nos ultimos tempos, como que quiz ser nobilitada, com a orientação democratica de C. de Campos e reformas salutaes de Prudente e Pestana e com o interesse solícito de Bernardino, Cesario e outros, porém a reacção contra esta classe de modestos trabalhadores não se fez esperar e em bem poucas localidades do Estado o professorado encontra a consideração de que é digno; em muitas, a hostilidade é surda e, em outras, ella é feita abertamente e se manifesta por denunciaes anonymas ou por exigencias,

linguagem. Surge dahi a linguagem particular que nada mais é que modificação da linguagem geral, segundo a região em que lhe é dado prosperar.

A linguagem, pelas circumstancias de que fizemos menção, no entanto, não só varia de nação para nação, como de povo para povo, de individuo para individuo, o que no ultimo grau da escala traz a vantagem de nos arrebatara a imaginação pela ausencia da monotonia tão contraria ao principio scientifico da constancia na variedade.

Portugal, como é sabido, implantou o seu idioma no florescente Brasil, uma das melhores esperanças da civilização americana; no entanto si compararmos o portuguez falado em Portugal com o falado no Brasil, encontraremos uma differença tamanha que chegaremos a acreditar na existencia de uma nova lingua a—brasileira.

Capital, 3—V—903.

LUIZ CARDOSO.

Dr. Lauro Sodré

São estas as palavras que o illustre paraense, amigo de S. Paulo, deixou escriptas no *Album dos visitantes* da Escola Normal, quando a visitou no dia 22 de Abril proximo passado:

« Esta bella instituição incomparavel não é apenas a gloria do Estado de S. Paulo. Della ficou honrar-se a nossa Patria toda. E ainda bem que para o meu espirito de brasileiro eu pude contente descançar a minha vista nesta casa e na esperançosa mocidade que a enche e encanta, porque eu saio daqui certo de que dentro das fronteiras da nossa terra ha um recanto glorioso, onde a gente pode escolher modelos de organização de ensino publico, sem ir pedir essa lição a terras estrangeiras. — 22—4—1902. — LAURO SODRÉ. »

algumas vezes imprudentes, dos chefes politicos aos poderes publicos.

Sendo assim, é claro, não podemos deixar de nos apparellhar para a lucta de modo que possa a nossa classe se impôr, e o meio mais simples para tal conseguir é o nosso trabalho, é a rectidão do nosso procedimento; mas estes elementos não bastam, porque contra as trevas da ignorancia a força moral nem sempre é sufficiente, são precisas muitas vezes forças positivas e nós só as poderemos adquirir pela união, pela identidade de esforços.

Até ha pouco, faltava-nos um nucleo ao redor do qual convergissem as nossas idéas, donde partissem os brados de alarma contra as prepotencias de que, por ventura, fossemos victimas. Hoje, porém, existe a *Associação* que pôde e deve constituir-se em palinuro das nossas aspirações, em escudo das nossas garantias.

A prosperidade adquirida em tão pouco tempo é uma prova de que o professor publico tem consciencia de sua missão e é uma garantia para que a *Associação* cada vez se eleve mais para honra e dignidade da classe a que pertencemos.

Apesar, porém, do estado prospero da nossa sociedade, ha quem pense em reformar os seus estatutos, tendo sido proposta, si não nos enganamos, na ultima assembléa geral, a nomeação de uma ou duas commissões encarregadas de formular um projecto de reforma para ser discutido, logo no principio do anno vindouro.

Bem avisados andaram os iniciadores da fundação da *Associação Beneficente do Professorado* quando aceitaram a idéa do autor destas linhas, ao collocar entre as disposições da lei fundamental da sociedade, aquella que determina que os estatutos não pôdem «*debatxo de pretexto algum, ser alterados, antes de decorrerem tres annos, a contar da posse da primeira directoria*».

Observador cuidadoso do nosso meio —comprehendemos logo o perigo para a instituição nascente si ficasse margem para certa ordem de discussões, onde o embate de idéas poderia decambiar para o terreno ou do interesse ou do amor proprio, dando como consequencia offensa de susceptibilidades, que trariam talvez a queda do *desideratum* que se tinha em vista.

Foi ainda em motivo a taes ordens de considerações que ficou deliberada a criação da sociedade, sem discussão de estatutos, os quaes foram approvados, em confiança, podemos dizer, mediante o exame dos iniciadores, discutindo-se em conferencias particulares os pontos principaes.

Que esta orientação foi a melhor está dizendo o estado de progresso a que chegou a associação, mau grado a desconfiança que reinava no professorado.

Pois bem, si a Associação tem progredido, como não podemos negar, e de um modo admiravel, não tem sido, perguntamos, á sombra desses estatutos, os quaes se pretende reformar?

Não foi ao redor desses estatutos que se congregou grande parte do professorado paulista, trazendo á Associação em tão pouco tempo uma prosperidade pouco commum?

Essa prosperidade não é baseada no facto de representarem as disposições da lei fundamental necessidades da nossa classe?

Precisamos não nos deixar seduzir por esses pruridos de reformas impensadas que, á semilhança das que entre nós, acontece ao Estado, longe de trazer a felicidade social, são elementos de destruição e de confusão.

Demais, não nos illudamos, o estado prospero da nossa Associação, posto que seja tão lisongeiro, ainda não nos garante a sua completa consolidação; consequentemente, ainda prevalecem os motivos que predomi-

naram no espirito dos iniciadores quando procuraram libertar a sociedade nascente do perigo de discussões inuteis, em prejuizo, talvez, da sua vida.

E' possivel que, apesar do progredir constante da sociedade, á sombra dos actuaes estatutos, encerrem estes defeitos que devam ser sanados.

Para isso, porém, não necessitamos de trabalhos de commissões, *senado* e quejandas outras idéas.

Basta que a directoria vindoura, de accordo com as necessidades sociaes, manifestadas durante o primeiro triennio, proponha em sessões extraordinarias de assembléa geral, especialmente convocadas para isso, as medidas tendentes a corrigir essas faltas, não importando taes medidas uma reforma radical na nossa lei fundamental, convindo ainda que certas providencias secundarias, sejam regulamentadas fóra dos estatutos, assim á feição de regimento interno ou cousa equivalente.

Convirá, acaso, alterar as nossas disposições fundamentaes, pelo facto de não se ter previsto, uma ou outra formalidade a respeito de eleições de directoria? por que fazem por exemplo, interpretações differentes ao artigo em que exigem *cedulas lacradas*?

Convirá, então, reformar os estatutos para a regularização da caixa de empréstimos, quando pela experiencia das directorias anteriores pode-se formular, aparte, uma serie de regras, que torne essa benefica instituição da sociedade, uma verdadeira fonte de beneficios, em vez de margem para abusos de um ou outro socio pouco escrupuloso?

Parece-nos que não.

E como este artigo vai se tornando longo, escreveremos si assim nos parecer conveniente, ainda outras considerações, sobre o assumpto, no proximo numero e, até lá, pedimos aos distinctos consocios que meditem

maduramente sobre as reflexões que fizemos acima, afim de que do esforço e do bom senso de todos nós, continúe medrar garbosamente a nossa associação, para grandeza e progresso da nossa classe.

ANTONIO R. A. PEREIRA.

Festas das arvores em Itapira

O gentilissimo povo de Itapira acaba de realizar mais uma imponente festa de educação.

Como festa de educação a consideramos, a festa das arvores, essa instituição *yankee*, já transplantada para alguns paizes europeus e que em boa hora, foi brilhantemente iniciada no nosso Estado, pelo zeloso inspector do 2.º districto agronomico, dr. João Pedro Cardoso.

A reconstrucção das florestas é problema que, em futuro não muito remoto, tem de ser resolvido por todos os paizes e é, por certo, trabalho altamente educativo, aquelle que visa preparar as gerações vindouras para a resolução d'elle, inculcando no espirito do povo a veneração pela arvore, pelas florestas.

Estas verdades bem comprehendeu o intelligente inspector do 2.º districto agronomico, quando tomou a resolução de iniciar a campanha a favor do *arbor day*, conseguindo levar a effeito pela primeira vez no nosso paiz, uma dessas magnificas festas, cabendo tal gloria á cidade de Araras.

O exemplo desta, foi secundado pela orgulhosa Campinas, que ainda uma vez demonstrou o seu entusiasmo pelas idéas alevantadas.

Agora é Itapira, uma das joias, no dizer de um dos oradores da festa, do Estado de S. Paulo, que vem trazer o seu valioso contingente em favor da vida das florestas.

Não podia ter sido mais imponente a util solemnidade.

No bellissimo parque, tão bem descrito pelo representante do *Comercio*, achavam-se em alas cerca de 400 creanças, alumnas do grupo e das outras escolas depois de terem effectuado uma deslumbrante passeiata pelas ruas da cidade, por entre a admiração e as aclamações do povo.

Como que fazendo fundo a essas alas erguia-se um elegante pavilhão, onde se achavam auctoridades, representantes do Governo e da Imprensa e outros convidados.

Além, enfrentando o pavilhão, ostentava-se o bello edificio da cadeia publica, em cujas janellas superiores muitos cavalheiros e Exmas. senhoras abrilhantavam a solemnidade, em quanto que das grades os condemnados, com notavel interesse presenciavam o edificante exemplo da infancia, como bem notou o distincto estylista quando electrizou os assistentes com a sua magica palavra.

A' direita do pavilhão, no alto da collina, magestosamente erguia-se o symbolo da fé — o cruzeiro e á esquerda, a alguns passos, o templo da instrucção — o symbolo da esperança, tambem ornado de senhoras e cavalheiros

Este quadro tão brillantemente notado em um dos bellos discursos impressiona de tal modo, que somos impellidos a descrevel-o, mau grado nosso.

— Executado pela banda o nosso hymno nacional foi dado começo á execução da solemnidade, entoando as creanças as letras do hymno das arvores pela musica do bellissimo hymno academico, do nosso pranteado maestro Carlos Gomes.

As evoluções necessarias foram feitas pelas creanças com tal presteza e alegria que levaram a admiração ao espirito de todos, enchendo de verdadeiro orgulho os promotores da festa e os educadores.

Ao discurso official do dr Maciel, vice-presidente da Camara Municipal, seguiu-se uma emociante e suggestiva allocução do distincto representante do Centro de Sciencias e Letras de Campinas, dr. Alvaro Müller; falaram ainda brillantemente, o vice-presidente do mesmo Centro, sr. Angelo Simões, pelo *Comercio de Campinas*, e sr. Arlindo Leal, pela *União dos Lavradores*, e o Dr. Mario Bulcão, inspector geral do ensino, pelo Governo do Estado.

Começou o plantio por uma muda de *Pau Brazil*, trazida em elegante andor, conduzido por gentis *senhoritas*, e que foi enterrada e coberta de terra pelas auctoridades e convidados.

Seguiu-se o plantio das demais mudas, feitas ao som do hymno das arvores pela alegre meninada, a quem, ao terminar, foram distribuidos cartuchos de doces e uma lembrança, constante de um cartão, impresso a côres, com a poesia de A. F. de Castilho — *Quem poupa as arvores encontra thesouros*.

Dahi desfilaram para o grupo as creanças com a mesma ordem até então, admirada.

Completaram o conjuncto agradável da festividade a cerimonia, realisaada á noite, da bençã do *Cruzeiro*, a reunião dos convidados em um banquete intimo, em que se levantaram diversos brindes, a distribuição de um numero especial da *Gazeta de Itapira* e a realisação de uma animada *soirée* musical e dançante na noite do dia seguinte.

Terminando, felicitamos o povo de Itapira, o dr. J. Pedro Cardoso e o Governo do Estado, pelo brillante exito desta propaganda em favor das florestas e agradecemos á Camara de Itapira e aos promotores da festa a gentileza do convite que nos dirigiram, e pedimos venia para transcrever abaixo o brillante discurso de Coelho Netto e a poesia distribuida, a que nos referimos.

COELHO NETTO :

«E' a primeira vez na minha vida que encontro, trasladada para o real, uma ficção formosa. Sou um ardente propagandista da natureza; a minha religião é ainda, na sciencia, o panteismo e aqui estou como em um templo illuminado pelo sol, lampada viva creada pelas arvores, sacerdotizas serenas que officiam a Deus constantemente offerecendo-lhe como hostias puras as suas flores.

Bemditos sejam os que vêm renovar a Patria no que ella tem de mais formoso — a sua gloria.

E' com a mais viva emoção que a minha alma contempla debruçada ás janellas do meu olhar, esse bando de creanças louras, ao sol, como fagulhas alegres no esplendor dum incendio, festejando, como um culto, a arvore.

A arvore, disse o sereno Goethe, é o diversario do homem e da ave — hospedaria posta por Deus em todos os caminhos para agasalho e regalo dos errantes.

Mas aqui, além da festa no seu puro intuito de reconstituição pelo renovamento, ha o exemplo.

Pelos sous marciaes dos clarins e dos tambores, pelo vosso aspecto, infantis, porque trazeis aos hombros armas que brilham, parece que nos achamos em presença de um exercito.

Bem haja a milicia do bem. Sois vós os milicianos — alli, não longe, repousa, reluzindo á luz, formados como em baterias, não os canhões que devastam, mas a machina agricola que fertiliza — não é o gume que mata, é o córte que fecunda.

Por manição trazeis a sementeira e a vossa batalha é contra a esterilidade — os despojos que almejais são os que acogulam os colleiros.

Mas vêde, senhores, a linda pagina viva que aqui temos — a creança, a pureza, dando exemplos ao ruim.

(*Mostrando a cadêa*). Vêde a sinistra alcaçova!

Aquelles infelizes que alli estão,

agarrados aos varões do carcere, como que se esforçam, luctam, querendo correr aos pequeninos a agradecer-lhes o bem que lhes fazem em tão doce raridade dum exemplo honesto.

Aquillo é a torre da miseria, edificada pela ignorancia e pelo vicio. Alli (*mostrando o grupo escolar*) tendes o altar da instrucção, a casa abastecedora da alma.

Ceci tuera cela — a Escola matará a cadêa.

Lá ao alto, naquelle Cruzeiro, tendes a fé — que nos aproxima de Deus.

A vossa festa, infantis, não se podia realizar em circulo maior — entre luzes — o saber e a crença com aquella sombra ao fundo.

Mas, volvamos á festejada de hoje — que vos hei de eu dizer da arvore mais do que tenho dito?

Ella é tudo.

Estamos ligados pela arvore que é como um traço de união — ella é berço, é tumulo — liga a vida á morte.

Na terra ella é a vida — as suas raizes cravam-se no sólo, a sua frente dilata-se na altura, e, cruz, ella abriga o homem em seus brancos braços, imitando Deus, a floresta magnifica de misericordia ».

(*Do nosso correspondente*).

O illustre sr. dr. João Pedro Cardoso fez distribuir ás creanças e mais assistentes, como uma recordação da bella e patriotica festa, um lindo cartão, com a seguinte primorosa poesia de A. Feliciano de Castilho:

Quem poupa as arvores encontra thesouros

O visinho Milão, que hoje é tão rico,
Não tinha mais que uma arvore, e de terra
só quanto aquella sombra lhe cobria.
— «Corta-a, Milão, diziam-lhe os pastores.
Alegres teu campinho, e terás lenha
Para aquecer a choça um meio inverno.»
— «Eu? respondia o triste, eu pôr machado
Na bôa de minha arvore? primeiro
Me falte lume allieio o inverno todo,
Que eu mate a que meu pae já dava sôstas,
A que de meu avô me foi mandada,

Que a não poz para si; e a que nos braços
Me embalou tanta vez sendo menino,
Os deuses a existencia lhe dilatem,
Que assim lhe quero en muito, e o meu campinho
Produza o que poder, que eu sou contente.»
Sorriam-se os pastores: o carvalho
Cada vez mais as sombras estendia,
E Milão de anno em anno ia á mais póbre.
Lembrou-lhe um dia em bem, que uma videira
Plantada á par com o tronco, o enfeitaria,
E os cachos pendurados pela cópa
Lhe dariam tambem sua vindima:
E eis que ao abrir a cóva, acha um thesouro!
Desde então ficou rico, e diz-se sempre,
Que os deuses immortaes lh'o hão dado em premio,
Por amar suas arvores. E' elle
Quem m'as ensina a amar, são d'elle os versos,
Com que ao bosque de Pan cantei louvores.

A. F. de Castilho.

SYNTAXE DO PRONOME SE

Da esplendida *Revista Didactica*, que se publica em a Capital Federal, sob a direcção do sr. dr. Luiz C. Duque Estrada e dr. Laudelino Freire, transcrevemos o artigo, que certamente muito aproveitará aos nosos distinctos collegas.

Syntaxe do pronome SE

O pronome *se* tornou-se na lingua portugueza uma das particulas que mais funcções exerce.

Assim póde elle servir de objecto directo, objecto indirecto, particula *apassivante*, particula *expletiva* e *sujeito indeterminado*.

O pronome *se* póde servir de

{	objecto directo.
	objecto indirecto.
	part. <i>apassivante</i> .
	part. <i>expletiva</i> e sujeito indeterminado.

a) Será objecto directo sempre que o sujeito da proposição, indicando um ser animado ou personificado, possa exercer a acção ou facto expresso pelo verbo, ex.:

« Levantou-se o *cardeal* e subiu ao estrado do principe ». — Fr. Luiz de Souza.

« Os *peixes* lá se mergulham nas suas grutas ». — P. Antonio Vieira.

« Sumiu-se o sol esplendido. Nas vagas rumurosas ». — A. F. de Castilho.

b) Será objecto indirecto sempre que o verbo tendo objecto directo, o se significar a *si*, ex.:

« Elle se impoz o dever de estudar ». « O estado reserva-se o direito de cunhar moeda ».

c) Será particula *apassivante*, sempre que o sujeito geralmente inanimado não puder confôrme o conceito da preposição, exercer a acção ou facto expresso pelo verbo, ex.:

Mil praticas alegres se trocavam (eram trocadas). — Luiz de Camões.

Entre os parciaes de D. Leonor *viam-se* (eram vistos) muitos fidalgos. — A. Herculano.

d) Será particula *expletiva* ou de realce, sempre que, servindo apenas para ornar o verbo, puder ser eliminada da preposição sem lhe alterar o sentido, ex.:

Vão-se os reis, mas as nações ficam. — Luiz de Camões.

e) Será sujeito indeterminado, sempre que, exprimindo indeterminado e não havendo palavra na phrase adaptada á função de sujeito, o verbo seja alem disso *intransitivo* ou *transitivo directo*, ex.:

Durante largos annos *se* viveu em Portugal sob este regimen de tolerancia. — Latino Coelho.

Entre-se em uma escola. — A. F. de Castilho.

Havendo fallecido D. Henrique de Menezes... fallou-se de suas prendas em roda de outros fidalgos. — P. Manoel de Bernardes.

Tracta-se da possibilidade de persistir a contracção do ventriculo... — Dr. Francisco de Castro.

O VERBO IMPESSOAL

Diz-se *impessoal* qualquer verbo que, empregado ou usado apenas na

terceira pessoa do singular não tenha um sujeito conhecido e adaptavel á phrase.

A *impessoalidade* do verbo depende da propria significação ou da accepção, esta do modo como o verbo se acha empregado.

Assim os verbos *impessoaes* se pódem dividir em *accidentaes* e *essenciaes*.

Verbos impessoaes	{	accidentaes: <i>bastar, fazer, dar, ser, haver, parecer, etc.</i> (1)
		essenciaes: <i>chover, trovejar, nevar, amanhecer, alvorecer.</i>

Exemplos dos primeiros:

« Basta, não quero mais. — Faz dez annos que aqui estou. — Deu onze horas. — Parece que tens razão. — Era destas noites serenas em que... »

Exemplos dos segundos:

« Trovejou toda a noite. — Choveu quarenta dias. — Nevou o anno pasado. »

Syntaxe do verbo H A V E R

O verbo *haver* emprega-se:

a) encerrando a noção de existencia, mas sem sujeito conhecido (2) ex.: Si não *HOUVESSE* ingratições, como *haveriam* finezas. — Antonio Vieira. Si *ha* doces sonhos no viver ce-leste. — Casemiro de Abreu.

b) na accepção de *adquirir, conseguir, alcançar*, ex.:

O mar, de onde *houveste* o teu rugido? — Gonçalves Dias.

c) na accepção de *portar-se, conduzir-se*, quando estiver empregado pronominalmente.

« Não sabia como *se* houvesse naquella ardua empreza. »

« Como *me* *haver* nesta conjunctura? »

« Não *te* *houveste* bem no dia do exame ».

d) na accepção de *ter*, servindo então de auxiliar ao *participio pasado*. Ex.:

« *Haviam* os cavalheiros da Cruzada *accitado* as offeras de Aleixo... » — P. Theodoro de Almeida.

e) como verbo auxiliar, formando uma expressão com o infinito a que está ligado pela preposição *de*, ex.: hei de ir, havia de passar, ha de comparecer, etc.

« E noções que timidamente se enunciam, *hão de*, com o correr do tempo, *apostar* evidencia com as verdades consagradas. » — Dr. Francisco de Castro.

Syntaxe da palavra QUE

A palavra *que*, além de se empregar, para exprimir diversas junções póde substituir a maior parte das conjuncções *circunstanciaes*: modal causal, temporal, concessiva, comparativa, consecutiva e final.

A palavra <i>que</i> póde ser:	{	Pronome	{ relativo
			{ indefinito
	{	Adverbio de quantidade	
		Conjunção	{ circumstancial
			{ integrante
{	Adjectivo indefinito		
	Particula expletiva	{ optativa	
		{ iterativa	

Será pronome relativo, quando se referir ao nome antecedente, podendo ser substantivo por o *qual* a *qual*, os *quaes* as *quaes*, exemplo:

A este ponto faz o apologo *que* se conta das cotovias *que* tinham seus

(1) Considera-se *impessoal* o verbo cujo sujeito for uma proposição conjugal.

(2) Comquanto neste caso o verbo *haver* não seja synonymo de *existir*, comtudo as phrases se equivalem, sem que tenham a mesma syntaxe ex.: *Ha* homens e *existem* homens.

ninhos entre as searas. — *P. Manoel Bernardes.*

Será pronome indefinito, quando praticamente significar *que cousa*, exemplo:

Que é o protestantismo sinão um desfibrador de crenças?

Será adverbio de quantidade, quando, modificando a um adjectivo ou a adverbio significar *como, quanto* ou *quão*, exemplo:

Oh, *que* lindamente canta! Oh, *que* enganados andam os homens! — *P. Manoel Bernardes.*

Será conjunção *integrante*, quando estiver ligando uma proposição, servindo de sujeito ou objecto á outra.

Exemplos de *que* como conjunção subjectiva:

E' certo	} que tens razão.
Parece	
Acontece	
Está provado	
Succede	
Occorre	
Diz-se	

Exemplos de *que* como conjunção objectiva:

Ninguém póde contestar *que* as monarchias estão chronicamente enfermas. — *Latino Coelho.*

Dissemos *que* o choque precordial é uma das manifestações exteriores da revolução cardiaca. — *Dr. Francisco de Castro.*

Será conjunção *circunstancial*, quando substituir a qualquer conjunção subordinativa.

Exemplo de *que*:

c) *causal* — a *porque*.

Inclinae por um pouco a magestade *que* neste tenro gesto vos contemplo.

Luiz de Camões.

b) *concessiva*:

Qualquer *que* seja a especie cardiaca, ha alguns elementos geraes do raciocinio. — *Dr. Francisco de Castro.*

c) *comparativa*, depois dos adverbios *mais* ou *menos* isolada ou com a particula *do* ou *de*, exemplo:

Pedro é mais alto *que* Paulo.

» » menos » » »

d) *temporal* — a quando, exemplo: Não andam muito, *que* no erguido cume se acharam. — *Luiz de Camões.*

e) *modal* — a de sorte que, exemplo:

«Que mysterio é este, que não o podemos comprehender.»

Deus, ó Deus, onde estás? *que* não respondes. — *Castro Alves.*

f) *consecutiva* ou *correllativa*, depois de uma das palavras *tal, tão tanto* e *tamanho*, exemplo:

Tão temerosa vinha e carregada *que* poz nos corações um grande meão.

Luiz de Camões.

tal	} o seu valor <i>que</i>
«E' tanto	
tamanho	
} todos o respeitam»	

g) *final* á *para que*, porém geralmente nos escriptores antigos, exemplo:

Que se cante e se espalhe no universo... — *Luiz de Camões.*

Será adjectivo indefinito, quando significar *quanto* ou *qual* modificando a um substantivo, exemplo:

Que gloriosas palmas tecer vejo. *Que* occupação é a tua?

Luiz de Camões.

Será particula *optativa*, quando apparecer na proposição optativa, isto é, tendo o verbo no subjunctivo, exemplo:

«Ah! *Que* me seja perdoada a rude franqueza.» — *Bispo do Pará.*

Será particula *iterativa*, quando por elegancia denotar a repetição emphatica de outro *que* anteriormente expresso, exemplo:

Que prantos *que* não regaram As faces de D. Martinho? — *Thomaz Ribeiro.*

As naus *que* pouco havia *que* ancoraram. — *Luiz de Camões.*

Collocação de pronomes

As variações pronominaes *me, te, se, lhe, o, a, os, as, nos, vos*, por não terem accentuação tónica giram em torno do verbo, de sorte que se antepõem (*proclise*); se interpõem (*mesoclise*) e se pospõem (*enclise*).

Assim se dizem *procliticas, mesocliticas e encliticas.*

Collocação por	}	Proclise
		Mesoclise
		Enclise

PROCLISE

A proclise apparece nas phrases *negativas*, nas *subordinadas* e nas *preadverbiadas*.

Exemplos de proposições negativas: Não *vos* esperava tão de salto. — *A. Herculano.*

Em *nenhuma* outra região *se* mostra o céo mais sereno. — *Rocha Pitta.*
«A tua filha *nunca* *te* accusará ante o supremo Juiz». — *A. Herculano.*

Exemplos de proposições subordinadas:

Não daes logar a *que* *vos* peça, pois *me* mandaes de tudo. — *Rodrigues Lobo.*

O Sempiterno nos creou, *quando* a nossa primeira mãe *nos* verteu em reprobos. — *A. Herculano.*

Os mudos clamores desta maravilha a *qual* *se* duplicou, entrando o santo. — *Manoel Bernardes.*

Então o demonio *lhe* tocou no rosto onde *lhe* deixou impresso um signal. — *Manoel Bernardes.*

Exemplos de preposições preadverbiadas, isto é, naquellas a cujo verbo preceder qualquer adverbio:

«Então o demonio *lhe* tocou no rosto» — *Manoel Bernardes.*

«*Já* *me* combatem molestias por mil partes». — *B. de Briço.*

«*Alli* *nos* agasalhamos aquella noite.» — *Fernão Mendes.*

«*Sobremodo* *se* enfureceu aqui o governador.» — *Manoel Bernardes.*

Assim *se* verificou á risca a prophacia de *Isaias*.

Neste caso não é de todo rigor porquanto exemplos occorrem de collocação diferente nos verbos preadverbiados em escriptores de nota, ex.:

Outro *ra* escreviam-*se*, carteavam-*se* de longe os reis. — *Latino Coelho.*

Emfim acabar-*se*-á no Brazil a christandade catholica. — *Antonio Vieira.*

MESOCLISE

A mesoclise apparece nas proposições *principaes* e *coordenadas* principalmente si estas *começam pelo verbo no futuro, condicional* ou tempos compostos, ex.:

«Em fim acabar-*se*-á no Brazil a christandade catholica.»

«Dir-*se*-ia que Portugal inteiro acordava para o arrependimento» — *Oliveira Martins.*

Ia-se pouco a pouco *acrescentando.*

Estava-se com as ondas *ondeando.*

— *Luiz de Camões.*
A flecha *tinha se* *lhe* embebido no lado. — *Alexandre Herculano.*

ENCLISE

Nunca *se* começa proposição por variação pronominal, taes como: *me* dizem, *lhe* trago, *o* vejo, *te* espero, etc.

«Assusta-*me* a tormenta e a noite escura». — *Casemiro de Abreu.*

«Alegrae-*vos* de eu não estar mal.» — *Rodrigues Lobo.*

«Faze-*te* mais ao largo e deita as rédes.» — *Rabello da Silva.*

«Cerrou-*se* a noite clara e serena.» — *Fr. Luiz de Souza.*

«Traziam-*na* os horribicos algozes.» — *Luiz de Camões.*

«Achando-*se* Jesus pela segunda vez do outro lado, creceu grande concurso de povo.» — *Rabello da Silva.*

Podemos usar indifferenteemente de proclise ou enclise nas proposições *intercaladas* e nas expressões formadas por um infinitivo e um verbo principal, ex. .

«A cortezia, *lhe* respondeu elle, é o sobrescripto.—*Rodrigues Lobo.*

Isto se pode ver mui claramente, —*Francisco de Andrade.*

O mal não pode enojar-me—*Luiz de Camões.*

Tão grande era de membros que bem posso certificar-te. . .—*Luiz de Camões.*

Assim podemos: elle *te* vem ser ou vem ser-te. Elle *se* quer instruir ou instruir-se. Não *me* devo arrepende ou arrepende-me; tem que afirmar-te ou *te* afirmar.

MAXIMIANO MACIEL

GARANTIAS AO PROFESSORADO

IV

O Estado deve-nos o respeito de nossos direitos e a protecção de nossos interesses legítimos.

ROUSSELOT.

O professorado publico paulista deu sempre sufficientes e inequívocas provas de seu amor á profissão.

Actualmente, porém, a descrença começa de invadir-lhe a alma.

Antevendo o que seja o dia seguinte, as nuvens negras que se accumulam no horizonte de um futuro não mui remoto, não poucos de bons professores apoiam-se no magisterio official, qual degrau de solido alicerce, para alcançar outras profissões, que lhes garantam dias mais tranquilllos.

Os ultimos exames de preparatorios falam bem alto; bem alto fala ainda o curso de nossa Faculdade de Direito.

Qual a causa?

Simplemente a falta de garantias á classe, a que só se criam obrigações, aliás pedidas pelo serviço publico, mas tambem se negam regalias.

As poucas garantias, que *lhe* ainda restam são quasi que diariamente golpeadas.

Ao fim de afanoso preparo profissional, ao iniciar a lucta pela vida, os róseos sonhos do preceptor desfazem-se, como phantasticas nuvens, ao deparar-se-lhe na petição de provimento um—*ESPERADO*—ou ao saber que o provimento é problemático, que foi adiado para... quando houver oportunidade! Suas vistas voltam-se naturalmente para outros horizontes, retiram-se os mais aptos. Os que ficam, encontrando uma ta-boa de salvação, uma unica entrada, embora estreita e escura—a recommendação dos directorios politicos, por ella soffregamente penetram, indo mais tarde topar com novos obstaculos, novas agruras e então insuaveis.

E, porque, em taes condições, o mestre não é o que cumpre ser, «os mais bellos programmas e providentes instrucções se inutilizam, e se tornam inefficazes; os mais engenhosos methodos se desnaturam e viçosas esperanças se esvaeem.» A personalidade do mestre passa fatalmente para a escola e «parece-me vel-o reflectido em cada alumno, como um semblante reproduzido em um espelho facetado» diz Mr. Moseley. *Tal mestre tal escola.*

O professorado publico precisa, pois, de leis que *lhe* garantam, á sombra dellas, o fiel cumprimento de seus deveres; que o provimento dos respectivos cargos seja feito na razão directa do preparo do cada um, livre absolutamente de influencias estranhas. Entrarão os mais aptos e se conservarão os veteranos. Desapparece a desconfiança, o ensino progride, porque «as escolas primarias bem dirigidas serão a segurança dos costumes e das idéas», disse Laurentie.

*
*
*

A revogação do augmento de vencimentos creado pelo artigo 58 da lei n. 88, de 8 de Setembro de 1892, comquanto fosse o sequestro de uma

das regalias de que ia gosar o professorado, não é todavia de natureza a insistir-se nella por ter feição pecuniaria.

Nosso fim principal, nestas poucas linhas, é chamar a attenção do professorado para certas disposições da lei n. 220 de 26 de Agosto de 1897, cujo Regulamento baixou com o decreto n. 518, de 11 de Janeiro de 1898.

Até então, em virtude de disposições do Regulamento de 27 de Novembro de 1897, baixado com o decreto n. 218, o professor primario paulista era vitalicio no cargo, do qual só poderia ser demittido em virtude de processo disciplinar ou a pedido. Mas o artigo 56 do Regulamento de 11 de Janeiro dispõe:

«As escolas absorvidas pelos grupos escolares deixarão de ter existencia propria, e serão eliminadas do quadro geral das escolas, passando os respectivos professores, que forem effectivos, a ser considerados como adjunctos do director.»

O citado Regulamento, em seu art. 65, dispõe ainda:

«Os adjunctos poderão ser dispensados, quando seus serviços se tornarem desnecessarios ou quando assim convier ao ensino.»

Nenhuma illusão mais sobre a sorte dos *adjunctos* podia ser acalentada. Ficaram pois, em virtude dos citados artigos, entregues ao arbitrio dos directorios politicos das localidades do interior ou aos caprichos de directores, ás vezes, pouco escrupulosos. Até então, um processo disciplinar — medida de rigorosa justiça—era feito como meio de elucidar os factos.

Agora, porém, os processos de eliminação são mais summarios, mais expeditos.

Qual a causa de tanto rigor para os que buscam o pão da existencia encanecendo nos serviços da Patria?

Fomos achal-a no seguinte trecho do Relatório do Interior, de 1897:

«Foram instituidos os grupos escolares, tendo por molde, por typo as escolas-modelo na sua economia interna, na sua organização propriamente pedagogica. Entretanto, ao passo que nas escolas-modelo exercem os directores certa ascendencia sobre o pessoal docente, podendo propôr ao Governo a dispensa de qualquer de seus membros, quando essa medida convenha aos interesses do ensino, nos grupos escolares, porque as escolas que os constituem foram creadas por leis especiaes e os seus professores, na maioria dos casos considerados vitalicios, tambem por força de leis, torna-se enfraquecida a acção dos directores, julgando-se cada um dos professores com igual autonomia e auctoridade, visto não poderem ser dispensados por acto do Governo, sob proposta do director, como occorre nas escolas-modelo.

«Esse inconveniente embaraça a regularidade do serviço em taes estabelecimentos, occasionando muitas vezes attritos desagradaveis entre director e professores, com quebra da disciplina, offensa do prestigio moral que deve ter a auctoridade administrativa, e, em geral, com incalculavel prejuizo para a instrucção.

«Obviaria a esse inconveniente qualquer disposição legal, que considerasse supprimidas as escolas que fossem reunidas em grupo, como que por elle absorvidas, e prevalecendo apenas, em substituição, o decreto ou o acto do poder executivo creando o grupo escolar.

«Nenhuma offensa haveria assim á vitaliciedade do professor: 1.º) porque todas as escolas publicas, mesmo as providas por professores normalistas estão sujeitas á suppressão; 2.º) porque aos professores ficava salvo o direito de remoção, permuta ou nomeação para outras escolas vagas.»

Do que fica transcripto resaltam as boas intenções do Dr. Secretario

de então, e estamos certos de que seu fim era coibir abusos e fortalecer o princípio da auctoridade administrativa.

Infelizmente, porém, a medida lembrada e convertida em lei, transformou-se em uma valvula medonha de interferencia politica e perseguição ao professorado, pelos directorios locais.

Pouca importancia pareceu haver, quanto a vitaliciedade do professor: do que elle carece é de garantias para desassombadamente desempenhar seu ministerio, e si transgressão de disposições regulamentares se dão, é mais humano, mais conforme os principios de Justiça, que punições haja, mas em virtude de processo disciplinar.

GABRIEL ORTIZ.

Os sentidos

Todos os nossos conhecimentos têm sua origem nos sentidos. Elles são os agentes principaes de nossa educação. Nada está na intelligencia que não tenha estado nos sentidos; dizia Descartes ha ja alguns seculos.

Si o cerebro é o instrumento material do espirito, os sentidos são as portas por onde penetram os elementos que hão de ser analysados por aquelle poderoso instrumento. Nenhum trabalho intellectual pôde realisar-se, sem que os sentidos proporcionem os materiaes para elle.

Sem os sentidos, a mente humana-se veria privada de todo conhecimento. A falta de um só desses orgams, a vista, por exemplo, nos envolveria em uma noite eterna, e facil é prever-se a que estado de pobreza intellectual ficaríamos reduzidos. Todavia como um sentido pode, em determinados casos, ser substituido pelos outros, em algumas de suas funcções, é evidente que a falta

de um delles apenas nos dá sinão uma ideia approximada da realidade.

Os sentidos ou as aptidões de nossa mente para perceber as impressões dos objectos que, nos rodeiam são, como é sabido, cinco:

O sentido da vista, cujos orgams são os olhos; suas funcções as de visão; que têm por meios a luz e o ether; por excitantes as ondas luminosas; e cujos productos directos são a côr, a fórmula e tamanho; indirectos, a estrutura, magnitude, solidez e distancia, podendo ser substituido pelos sentidos do tacto, ouvido e do gosto;

O sentido do ouvido que reside nos ouvidos, suas funcções são a da audição; tem por meio a athmosphera; por excitantes as ondas sonoras; por productos directos o ruido e o som; por productos indirectos a direcção, a distancia e a origem, e pode ser substituido pelo da vista e pelo do tacto;

O sentido do olfacto, cujo orgam é o nariz; suas funcções a olfactação; seus meios o ar e os vapores; seus excitantes as substancias chimicas; seu producto directo, o odor; seus productos indirectos, a origem, a direcção e a distancia, podendo ser substituido pelos sentidos da vista e do gosto;

O sentido do gosto, que reside na bocca ou na lingua, cujas funcções são as de gustação; o meio, o contacto; os excitantes, as substancias chimicas; o producto directo, o sabor; e indirecto, a origem, podendo ser substituido pelo do olfacto e pelo da vista;

O sentido do tacto, que reside em todo o nosso corpo, e, principalmente, nas extremidades dos dedos das mãos, cujas funcções são as de tactação; seu meio, o contacto; seus excitantes, a pressão e a temperatura; seus productos directos, a estrutura, textura, solidez e peso; e indirectos, a magnitude, distancia, dureza e espaço, podendo ser substituido pelos sentidos da vista e do ouvido;

Os cinco sentidos offerecem suas gradações e differenças quanto a seus caracteres distinctivos e á delicadeza e refinamento de suas percepções. Attendendo ao seu grão de perfeição, podem ser collocados na seguinte ordem ascendente: — gosto, olfacto, tacto, ouvido e vista.

O sentido da vista occupa o primeiro logar por sua importancia, sendo o orgam que tem uma estrutura mais complicada e uma natureza mais delicada e subtil. O olho avantajase a todos os demais orgams dos sentidos pelo alcance e delicadeza de suas percepções, as quaes enriquecem nossos conhecimentos e nos proporcionam alguns dos mais requintados e puros gosos; taes são os que offerecem a luz, a côr, a fórmula, tamanho, extensão e espaço.

O sentido do ouvido tem uma alta importancia pelos prazeres que nos proporciona, por seu valor intellectual e pelos conhecimentos que nos traz. As sensações, que formam o material da musica, como sejam as produzidas pelos sons e suas combinações rythmicas, as melodias, etc., são as mais gratas ao nosso espirito; porque os apurados prazeres da musica suppõem capacidade intellectual.

O sentido do tacto é aquelle por meio do qual recebemos as sensações produzidas pelos nervos da pelle, ao pôr-se em contacto com um corpo qualquer ou ao exercer alguma pressão. Essas sensações pôdem ser de frio ou de calor, de suavidade ou de aspereza, e proporcionar-nos diversos prazeres, especialmente no primeiro periodo da vida. Seu principal papel está, sem embargo, no quanto se relaciona com o aspecto intellectual das cousas.

Sua fórmula mais elevada se offerece em determinadas partes da superficie da pelle, sobretudo nas pontas dos dedos e labios onde a sensibilidade tactil se converte em impor-

tantissimo meio de averiguar as propriedades dos corpos.

As sensações do tacto são mais definidas que as do gosto e as do olfacto. Ellas alargam o campo de nossas experiencias e conhecimentos.

Como é sómente pelos sentidos que adquirimos o conhecimento primordial das cousas, é evidente a necessidade de conservar em perfeito estado de saude esses orgams, assim como educal-os para que desempenhem suas funcções do melhor modo possível.

Um exemplo bastará para demonstrar a necessidade de educar os sentidos: as notas da musica, as modulações da voz humana relativamente ao diapason, quantidade e qualidades, as modificações de tom que constituem a palavra e as peculiaridades do discurso que exprimem as diversas emoções e paixões, são todas percebidas pelo ouvido; e para que estas differenças de sons possam ser plenamente apreciadas, deve o ouvido receber uma educação especial para o effeito.

Nem os olhos, nem outro qualquer sentido poderiam apreciar estas idéas.

As idéas relativas ao calor, á fórmula, ao tamanho, ao peso, ao som e ás propriedades dos corpos, são percebidas pelos sentidos, e nenhuma descripção ou representação graphica pôde substituir aos objectos mesmo para sua clara comprehensão e intelligencia.

O exercicio dos sentidos implica o dirigir a atenção da criança ao que está presente; e, assim, vem a ser, rigorosamente falando, exercicio da mente pelo exercicio das impressões sensitivas.

O conhecimento sensitivo obtemno a mente joven pondo-se em contacto com as cousas e não mediatamente pela intervenção de outra mente.

Dahi, que as funcções do educador, nesse primeiro periodo do desabrochar do conhecimento, sejam






tão limitadas. Boa parte do exercício dos sentidos, na primeira idade da vida, se executa com muito pouco auxilio das mães ou amas; a propria actividade da criança, si é sã e robusta da vista, a incita a valer-se das mãos e outros orgams, para observar as cousas que a rodeiam.

O quadro abaixo synthetisa todas as qualidades dos sentidos, na sua ordem de importancia.

(Traduzido do *El Monitor de la Educacion Comun*).

J. B.

OS SENTIDOS, ORGAMS, FUNÇÕES, MEIOS DE ACÇÃO, EXCITANTES, PRODUCTOS DIRECTOS E INDIRECTOS, E SUBSTITUIÇÕES POSSIVEIS

ORGAMS	SENTIDOS	FUNÇÕES	EXCITANTES	MEIOS	PRODUCTOS		SUBSTITUTOS	ORGAMS
					Directos	Indirectos		
	Vista	Visão	Luz Eter	Ondas luminosas	Côr, Forma, Tamanho	Estrutura, magnitude, solidez e distancia	Tacto Ouvido Gosto	Olhos
	Ouvido	Audição	Atmosfera	Ondas sonoras	Ruido Som	Direcção Distancia Origem	Vista Tacto	Orelhas
	Olfacto	Olfacção	Ar, Vapores	Substancias químicas	Olor	Origem Direcção Distancia	Gosto Vista	Nariz
	Gosto	Gustacção	Contacto	Substancias químicas	Sabor	Origem	Olfacto Vista	Lingua
	Tacto	Facteação	Contacto	Pressão Temperatura	Estrutura, Textura, Solidez e peso	Magnitude, Distancia Dureza e Espaço	Vista Ouvido	Mãos Musculos

PEDAGOGIA PRATICA

Physiographia

AS FONTES

(ORIGEM DOS RIOS)

—Si ameaçasse uma forte tempestade, como estaria o céu, Fernando?

—E, depois da chuva, como se mostrará elle, Pindaro?

—Bom: depois da chuva, depois da tempestade, vem a bonança, como dizemos muitas vezes; vem a calma e os ares estão tranquillos, reinando paz no céu.

—Aonde foram, então, Affonso, as nuvens negras, que caminhavam pelo espaço?

—Sim: cahiram, porque estavam muito pesadas e cheias de vapor de agua, como havemos de vêr mais tarde. Não puderam ser equilibradas e transportadas pelo vento de um logar a outro: transformaram-se em chuva.

—E, porque será, Ewbank, que a chuva cae em gottas maiores ou menores?

—? —Veremos esse factio, esse phenomeno, em outras licções.

—Imagine agora você, Antenor, que a chuva caia sobre um terreno secco: que acontecerá?

—Sim: a primeira coisa que faz é molhal-o; mas, dê-me você, Reimão, exemplo de um terreno secco, de uma terra secca.

—Sim: a areia, o saibro.

—Mas, como é formada a areia, Nobrega? Será um todo unido, uma massa compacta, como um pedaço de giz?

—Não é, de certo: si você quiser metter uma vara pela areia a dentro, facilmente o conseguirá, mas, si quiser atravessar com a vara um pedaço de ferro?

—Dê-me outro exemplo, Heraclio, de terreno compacto, secco, mas que não tenha o seu todo, a sua massa separada em partes pequenissimas e distinctas como a areia.

—Esse terreno, essa terra, a que você dá fôrma na aula de modelagem, será areia? Que é então? Que nome tem?

—Ha, então, terrenos seccos... como?

—Sim. Ha, então, terrenos seccos como a areia e seccos como a argila.

—Agora, qual será, Pereira, o terreno secco, ainda mais duro e consistente que a areia e a argila?

—Dê-me exemplo de um terreno secco, bem consistente e duro.

—Sim: a pedra, o granito, como você vê nas ruas da cidade.

—Poderá você, Alcides, atravessar, com uma vara, um terreno de granito, de pedra?

— Certo que não e já sabe porque: as suas partes estão completamente ligadas entre si; as particulas que formam a pedra, o granito, não estão livres e soltas, como as da areia.

— Si você pudesse, Mesquita, grudar todas as particulas da areia, que corpo formaria? Como ficaria ella?

— Sim, perfeitamente: dura como a pedra. A areia nada mais é que o granito desmanchado; o granito nada mais é que a areia compacta, formando um todo unido.

— Então, das tres especies de terrenos seccos, que vimos hoje em classe— areia, argila e granito— é mais consistente e dura... qual?

— Depois, virá qual, Crisci? E, por fim, teremos... qual?

— Sim: em primeiro, o granito; em segundo, a argila e, em terceiro, a areia.

— Si, porém, em vez da vara, quizesse você atravessar os com a agua? Conseguiria?

— Sim: todos, não.

— Qual será, então, Robespierre, o terreno secco que a agua atravessaria— a areia, a argila ou o granito?

— Perfeitamente: dos tres, somente a areia, pois a agua não atravessa a argila nem o granito.

— E todos os terrenos, como a areia, serão atravessados pelas aguas, Cardoso?

— E os terrenos como a argila?

— E os terrenos como a granito?

— Si, portanto, Engelberg, a agua cahir sobre um terreno arenoso? Que acontecerá?

— Sim. A areia chupa, suga e embebe-se de liquido, como um mata-borrão ou como uma esponja.

— E, com a argila e com o granito, dar-se-á a mesma cousa?

— Certamente que não.

— E, si cahir a agua, Humberto, sobre a argila e sobre o granito, não sendo sugada, desaparecerá, sumirá também?

— Perfeitamente: não. E que faz, então, a agua que cahir sobre uma pedra, sobre um terreno rochoso, ou sobre um terreno de argila?

— Sim: corre, espalha-se em todas as direcções depois de molhar a superficie.

— E, si, na superficie da pedra ou da argila, existir uma depressão, como si fosse uma bacia cavada pela natureza— que acontecerá, Benedicto, com a agua?

— Exactamente. A agua encherá a cavidade ou a depressão, formando um pequeno lago sobre o terreno; depois então, transbordando, correrá e se espalhará em todas as direcções, por toda a superficie.

— Ficarà a agua, Kaminski, eternamente depositada e conservada nas depressões da rocha?

— Sim: não ficarà. Mas, si o terreno não a chupa ou suga, como se explica o seu desaparecimento?

— Perfeitamente: evapora-se sob o calor do sol e sob o calor da rocha.

— Mas, será sómente o sol, Catite, que faz desaparecer a agua da superficie das terras?

— O sol e o vento seccam as roupas extendidas nos varaes, assim como seccam a agua que cae sobre a superficie da terra: não ha duvida nisso.

— Mas, será unicamente o sol?

— Sim, não será.

— Será o sol, Guimarães, que faz desaparecer a tinta que está por baixo de um mata-borrão?

— Já vê você, então, que nem sempre é o sol que determina o desaparecimento das aguas.

— Como ellas desaparecem, então, Americo? A parte que o sol não secca, para onde vai? Que é feito della?

— Sim: entra pela terra; atravessa os terrenos como a areia.

— Eu lhe apresento um vaso com uma certa quantidade de areia, ou de terra como a areia: si você der-

amar a agua sobre a areia ou sobre a terra do vaso, a agua irá desaparecendo e onde você a encontrará de novo, no vaso?

— De certo: no fundo do vaso. Ella irá atravessando a areia até ao fundo e ahi se ajuntaria, si o vaso não fosse furado.

— Todos os terrenos, Ahel, se deixam atravessar pela agua, como a areia?

— Sim: nem todos. Ha uns que a agua atravessa e outros que a agua não atravessa.

— Que nomes daremos, Atti, aos corpos, aos terrenos, que, como uma capa de borracha, não se deixam atravessar pela agua?

— Que nomes daremos a um sapato de borracha, que não se deixa atravessar pela agua?

— Quem sabe?

— Sim, perfeitamente. E' o que vocês ouvem falar sempre: a capa de borracha é *impermeavel*; os sapatos de borracha são *impermeaveis*; as galóchas são *impermeaveis*.

— Então, Orlando, das tres especies de terrenos— o arenoso, o argiloso e o rochoso— quaes são os que não se deixam atravessar pelas aguas, quaes são os *impermeaveis*?

— Bom: os terrenos argilosos e rochosos são *impermeaveis* ás aguas, isto é, não se deixam atravessar pelas aguas.

— Que nomes daremos agora, Mendes, aos terrenos arenosos?

— São elles atravessados pelas aguas?

— Bom; mas, si não o são, que nomes lhes daremos?

— Qual será o contrario de *impermeavel*? Será... como?

— Sim; tirando o prefixo, será *permeavel*: o contrario de *imperfeito* é *perfeito*, sem o prefixo *im*.

— Então, Glycerio, ha terrenos *permeaveis* como a areia e ha terrenos *impermeaveis*, como a argila e o granito: em qual delles as aguas

desapparecem— nes *permeaveis* ou nos *impermeaveis*?

— Perfeitamente: nos *permeaveis*.

Bom Por hoje basta: continuaremos na proxima licção.

AUGUSTO R. DE CARVALHO.

CHIMICA

IV

GUIA DO PROFESSOR PRIMARIO

POR

CARLOS ESCOBAR

Segundo o plano do eminente educador
Carlos Barlet

SCIENCIAS PHYSICO CHIMICAS

Aplicações do cônhecimento

(SEXTO ANNO)

— *Metallurgia do ferro.*— Os *Minerios* de ferro são oxidos ou carbonatos.

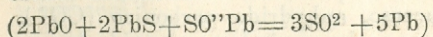
Para se extrahir o ferro de um minerio, põe-se num forno construido de tijolos refractarios (alto forno) uma camada de carvão vegetal ou de cobre, e sobre ella uma camada de minerio, depois outra camada de carvão e outra camada de minerio, etc.; e deita-se fogo ao carvão e ao minerio, alimentado pelo ar por um folle funcionando na parte inferior do forno. O oxigeneo do ar forma, com as primeiras camadas de carvão acceso, anhydrido carbonico (CO²), que se decompõe logo em oxido de carbono (CO) em virtude da elevção de temperatura. Atravessando a camada de minerio, o oxydo de carbono absorve o oxigeneo combinado com o ferro, e se transforma em anhydrido carbonico, que se escapa pela parte superior do forno. O ferro então escorre por uma abertura inferior do forno, opposta á do fole,

tendo antes se combinado com uma certa quantidade de carvão. Este é o *ferro fundido*.

Para se purificar o ferro fundido (extrahir-lhe o carvão) elle é posto noutro forno a uma alta temperatura, com escorias ricas em oxydo de ferro. O carvão do ferro fundido forma então com o oxygeneo do oxydo de ferro, oxydo de carbono, que escapa por uma abertura apropriada. Prepara-se assim o *ferro puro*. Este é martellado depois para se tornar homogeneo e desembaraçar-se de suas escorias.

O aço contem menos carvão do que o ferro fundido e mais do que o ferro puro. Póde ser preparado extrahindo-se do ferro fundido uma certa quantidade de carvão ou adicionando-se carvão ao ferro puro. Quando o aço, a uma temperatura muito elevada, é resfriado subitamente (*tempera*), elle se torna duro, quebradicho e muito elastico.

2.º *Metallurgia do chumbo*.—O principal minerio do chumbo é a *galena* (sulfureto de chumbo). Queima-se a galena num forno de reverbero até que ella se transforme numa mistura de sulfureto, de sulfato e de oxydo de chumbo. Fecham-se então todas as portas do forno para impedir a entrada do ar, e aquece-se o forno fortemente. O sulfureto, o sulfato e o oxydo de chumbo reagem um sobre outro, e desta reacção resulta anhydrido sulfuroso, que se desprende, e o chumbo que fica no estado metallico.



O chumbo é sempre *argentifero*. Tira-se este pelo processo da *copellação*.

3.º *Metallurgia da prata*.—Acha-se a prata no estado nativo ou no estado de sulfureto, de chlorureto, de arseniureto, misturado a minerios de chumbo e de cobre.

Ha dois processos para a extra-

ção da prata: o da *copellação* e o da *amalgamação*.

Pelo primeiro lava-se o minerio, mistura-se com chumbo e funde-se a mistura. Obtem-se uma liga de chumbo e de prata. Põe-se a liga na *copella* de um forno a reverbero (capulas de parede espessas e porosas, feitas com pó de ossos calcinado) e faz-se passar sobre ella uma corrente de ar quando a liga está em fusão. O oxydo de chumbo, que se forma, infiltra-se nos poros da *copella*, ao passo que a prata, que não se oxyda, fica á superficie.

Pelo segundo processo, queima-se num forno de reverbero o minerio com sal marinho. Desprende-se anhydrido sulfuroso; e o ferro, o cobre, o antimonio, etc., que se acham no minerio em estado de sulfureto, mudam-se em sulfatos ou em oxydos, ao passo que a prata se transforma em chlorureto. Depois reduz-se a pó fino a massa, lava-se para tirar os saes soluveis que ella contem, mistura-se com mercurio e ferro, e introduz-se a mistura num barril que se faz mover durante muitas horas. O ferro apodera-se então do chloro do chlorureto de prata e se dissolve, ao passo que a prata se une ao mercurio e forma um *amalgama liquido*. Submettido este *amalgama* á acção do calor, o mercurio evapora-se e obtem-se a *prata metallica*.

—1.º *Extracção do sal*.—Extrae-se o sal (chlorureto de sodio) directamente das minas ou pela evaporação das aguas do mar.

Para se extrahir do mar o chlorureto de sodio, cavam-se na praia vastas bacias chamadas *salinas*. Estas bacias, são divididas em compartimentos ou reservatorios, nos quaes a agua do mar é successivamente introduzida por canaes, para ser submettida á evaporação espontanea. A agua abandona primeiro o carbonato e o sulfato de calcio, que se depõem nos primeiros reservatorios; depois

ella passa a outras bacias onde elle se concentra cada vez mais, até o momento em que abandona o sal, que se crystalliza nos ultimos reservatorios chamados *mesas salinas*. Uma parte d'agua deve ser rejeitada antes que ella tenha deposto a totalidade do sal que encerra, para impedir que os saes de magnesia que tem em dissolução, deponham-se por sua vez e misturem-se com o sal marinho.

2.º *Extracção da soda*.—Durante muito tempo preparou-se a *soda do commercio* (carbonato de sodio bruto- $CO_3 Na_2$) fazendo decoada das cinzas do *sargaço*. Hoje prepara-se, introduzindo num forno uma mistura de sulfato de sodio, carbonato de calcio e carvão. Formam-se então sulfato de calcio e carbonato de sodio; mas, sendo o sulfato de calcio decomposto pelo carvão, á medida que elle se produz, forma-se anhydrido carbonico, que se desprende, e sulfureto de calcio.

—*Louça de barro*.—Para se fabricar a *porcelana*, começa-se por diluir uma mistura de kaolin e feldspatho finamente pulverizados. Com a massa assim preparada, fabricam-se as peças de porcelana, que se seccam a um calor brando. applica-se então ás peças um verniz fusivel e vitrificavel, feito de quartzo e feldspatho, reduzidos a pó e diluidos na agua, de modo a formarem uma *papa clara*. Procede-se a um segundo cozimento.

Decora-se a porcelana cobrindo a superficie de cores ou substancias metallicas, misturadas a materias vidrosas mais ou menos fusiveis. A mistura, reduzida a pó impalpavel, é diluida com essencias de terebenthina ou de alfazema, de maneira a formar uma pasta, que se applica com o pincel, depois do que se submete a louça a uma temperatura bastante elevada para vitrificar o emboço colorante.

As cores são geralmente oxydos metallicos. Os azues são dados pelo oxydo de cobalto; os verdes pelo oxydo de chromo ou pelo oxydo de cobre; os amarellos pelo oxydo de uranio ou pelo chromato de chumbo; os vermelhos pelo sesqui-oxydo de ferro; os roxos e os cor de rosa pelo purpuro de Cassios.

O ouro que serve para doirar a porcellana prepara-se precipitando uma dissolução de perchlorureto de ouro pelo sulfato ferroso. Ajunta-se a este precipitado um dissolvente composto de borax e de oxydo de bismutho, e se faz uma pasta diluindo tudo com a essencia de terebenthina. Esta pasta é applicada com o pincel sobre a louça envernizada. Submette-se esta á acção do fogo, e dá-se á doiradura o seu brilho metallico por meio do brunidor.

2.º *Faiença*.—A faiença é composta de argilla plastica á qual se ajunta uma proporção mais ou menos consideravel de quartzo reduzido a pó impalpavel. Os objectos fabricados com pasta de faiença são submettidos a uma primeira cozedura, que os endurece muito. Elles são em seguida cobertos de um verniz fusivel, formado de quartzo, bi-carbonato de potassio e de oxydo de chumbo. Um segundo cozimento faz fundir o verniz, que forma á superficie dos objectos uma camada vidrosa e impermeavel de silicato de potassio e de chumbo. Este verniz é transparente, e não convem sinão ás faienças finas, cuja pasta é branca. Para as faienças communs de pasta colorida, torna-se o verniz opaco, ajuntando-se oxydo de estanho, que o transforma num verdadeiro esmalte.

3.º—*Vidros*.—Dá-se o nome de *vidros* a materias duras e transparentes, compostas de silicatos duplos de potassio ou de sodio, e de uma base terrosa ou metallica.

Para fabricar o vidro, fundem-se

arêa (quartzo), carbonato de potassio ou de sodio e cal viva.

O trabalho do vidro executa-se ou pela *sopradura* ou pela *modelagem*. A sopradura faz-se por meio de um longo tubo de ferro. O obreiro mergulha a extremidade do tubo no vidro fundido, retira uma certa quantidade, e sopra por outra extremidade, de maneira a dar ao vidro, seja immediatamente, seja por meio de um molde de barro ou de bronze, no qual elle o força assim a penetrar, a forma do objecto que se trata de obter.

O *cristal* é um silicato duplo de potassio e de chumbo, que se obtém pela fusão da arêa, do minium e do carbonato de potassio.

A fabricação dos vidros coloridos repousa sobre a propriedade que possui o vidro de dissolver a maior parte dos oxydos metallicos conservando a sua transparencia. Basta ajuntar a mistura que deve produzir o vidro uma quantidade determinada de oxydo metallico colorante para obter vidros coloridos por fusão.

— 1.º *Alcool*.—Prepara-se o alcool submettendo-se á distillação o vinho, a cidra e todos os licores fermentados provindo de materias vegetaes assucaradas ou feculentas.

Assim obtido, o alcool contem sempre uma certa quantidade d'agua: a *agua ardente* encerra 50 % d'agua; o *espírito de vinho*, 30 %. Distillando-se sobre a cal viva o alcool ordinario, obtém-se o alcool absoluto (sem agua).

2.º *Essencias mineraes*.—Submettido á distillação, o petroleo dá diversos hydrocarburetos; naphtha, vaselina, parafina, etc.

3.º *Essencia de therebentina*.—Obtem-se da distillação do pinho; o residuo da distillação é uma resina conhecida sob o nome de colophono.

4.º *Essencias vegetaes* ou *oleos volateis*.—Extraem-se as essencias seja por simples expressão, seja distillan-

do com agua as partes dos vegetaes que as fornecem. Quando ellas são mais leves que a agua, são recolhidas em *recipientes florentinos* (uma especie de bule), no fundo dos quaes a agua se distilla ao mesmo tempo que a essencia, ajunta-se e escorre em seguida por uma abertura lateral, ao passo que a essencia, que sobrenada, fica no recipiente.

Estas essencias extraem-se da rosa, do jasmim, da alfazema, do alecrim, do cravo, da cidra, etc.

5.º *Assucar*.—Dá-se o nome de assucar ás substancias doces, que se transformam em alcool e anhydrido carbonico pela acção da levadura da cerveja (fermentação alcoolica). As principaes especies de assucar são a *glucose* ou *assucar de amido*, *levulose* ou *assucar dos fructos acidos*, o *assucar ordinario* ou *assucar de canna*, e a *lactose* ou *assucar de leite*.

O assucar ordinario acha-se na canna, na beterraba, no bordo, etc. Extrae-se o assucar por um processo que se reduz essencialmente a cinco operações: 1.º *extração do caldo* da canna por meios mechanicos; 2.º *purificação do caldo*, aquecendo-o gradualmente até á ebullição com uma pequena quantidade de cal hidratada, para separar delle as materias albuminosas; 3.º *clarificação e decoloração do caldo*, fazendo-o filtrar através do negro animal em grão; 4.º *cozimento do caldo*, fazendo-o ferver em caldeiras aquecidas a vapor, até que elle seja transformado num xarope sufficientemente concentrado para crystallizar; 5.º *crystallização*, obtida deixando-se resfriar o xarope até 50°, e derramando-o em seguida em formas conicas de barro ou de metal repouzando sobre o seu vertice, o qual tem um buraco destinado a dar passagem ao *melasso* ou residuo não crystallizavel do xarope. Transforma-se o assucar *mascavo* ou *bruto* em assucar branco, pela re-

finação. Esta operação consiste em se dissolver o assucar numa certa quantidade d'agua, á qual se ajuntam carvão animal e sangue de boi. Depois de uma ebullição sufficientemente prolongada, passa-se o xarope através de um filtro de carvão, e elle é recebido em formas, onde se crystalliza.

6.º *Productos da madeira*.—Submettida em vasos fechados á acção do calor, a madeira carbonisa-se e dá nascimento a productos volateis como o *vinagre da madeira* ou *acido pyrolignoso*, o *alcatrão*, o *espírito da madeira* ou *alcool methylico*.

7.º *Fecula*.—O *amido*, tambem chamado *fecula*, encontra-se na batata, na mandioca, no trigo, no arroz, etc.

Extrae-se a fecula da batata, reduzindo-se primeiro os tuberculos a uma massa polposa por meio do ralo, e submettendo-se em seguida esta polpa á acção de um fio d'agua. Os grãos de fecula, arrastados pela agua, passam através das peneiras, que os separam do resto das cellulas que os continham, e são recebidas em grandes cubas, no fundo das quaes elles se depõem.

GEOMETRIA

15.ª LIÇÃO

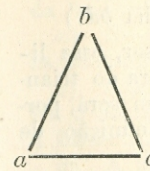
TRIANGULOS

(Continuação)

Recapitemos o quadro synoptico da lição passada e, entrando em materia nova, expliquemos ás creanças o que sejam *base* e *altura* dos triangulos.

— Venha você á pedra, Aurelio. Faça um triangulo retilineo equilatero, e colloque letras nos seus vertices.

O alumno traçará a seguinte figura:



— Muito bem Aurelio. Você me sabe dizer como se chama o lado *ac* sobre o qual o triangulo está pou-sado ou descançado?

E' natural não obtermos uma resposta satisfactoria e, nesse caso, o professor deverá dizer que esse lado tem o nome de *base*.

— Que vem a ser, então, base de um triangulo, Góes?

— Base de um triangulo é o lado sobre o qual elle está assentado.

Não nos esqueçamos de mostrar aos alumnos que a base deste triangulo tanto pode ser *ac*, como *ab* ou *bc*. Qualquer lado, portanto, pôde servir de base a um triangulo, comtanto que se supponha que é sobre esse lado que elle está assentado.

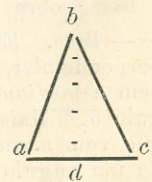
Mandemos ainda aos alumnos fazerem um triangulo escaleno e repitamos as mesmas perguntas a respeito de suas bases.

Finalmente façamos um triangulo isosceles e inquiramos a classe a respeito de suas bases.

Chamemos aqui a attenção das creanças para que ellas fiquem sabendo que no triangulo isosceles é especialmente considerado base o lado desigual do triangulo, isto é, que neste triangulo a base é quasi sempre representada pelo lado desigual.

Aproveitemos este triangulo para darmos ás creanças a idéa do que seja *altura* de um triangulo, para o que procederemos mais ou menos do seguinte modo:

Supponhamos na pedra o seguinte triangulo isosceles:



— Tire, Cassio, do vertice *b* uma

linha *pontuada perpendicular* sobre a base *ac*, desse triangulo *abc*.

(O alumno tirará a linha *bd*.)

— Bem, dirá o professor, essa linha *bd* representa a altura do triangulo isosceles *abc*. Quem será, portanto, capaz de dar a definição de altura de um triangulo?

— Eu.

— Diga, então, Tito.

— Altura de um triangulo é...

— E'...

— E' o que, Nestor?

— E' aquella linha pontuada.

— Sim, é aquella linha pontuada, não ha duvida. Mas em que posição deve estar aquella linha ou a altura do triangulo?

— Deve estar em posição perpendicular.

— Bem. E de que ponto deve ella partir do triangulo?

— Deve partir do vertice *b*.

— Sim, deve partir do vertice que estiver defronte da base do triangulo. E onde deve terminar essa altura, Gil?

— A altura deve terminar na base.

— Muito bem. Então vejamos tudo que vocês disseram: 1.º, a altura é sempre representada por uma linha perpendicular; 2.º, essa perpendicular deve partir do vertice opposto á base; 3.º, essa perpendicular vae terminar na base. Não é assim, Tito?

— Sim, senhor.

— Veja, então, si você é capaz de dar agora a definição de altura de um triangulo?

— Altura de um triangulo é a perpendicular tirada do vertice opposto á base sobre essa mesma base.

— Bem. E' assim mesmo. Esta perpendicular, neste triangulo, é tambem a *mediana* e a *bissectriz* do angulo *b*. Mais tarde vocês saberão o que vem a ser *mediana* e *bissectriz* de um angulo.

— Paulo, venha á pedra e meça

as distancias *ad* e *dc* e veja o que nota nessas distancias.

— Noto que a distancia *ad* é igual á distancia *dc*.

— E' isso mesmo. De maneira que vocês já podem ficar sabendo que, no triangulo isosceles, a perpendicular, que é a altura do triangulo, cáe sempre no *meio da base*.

Não vão, porém, pensar que a altura de um triangulo precisa cahir sempre no meio da base; acontece isto só quando o triangulo for equilatero ou quando fôr isosceles e mesmo neste caso é preciso que o lado tomado para a base seja o menor.

Ha casos em que a altura cáe em ponto muito differente do meio da base, como teremos occasião de vêr.

Procuremos achar com as crianças a altura de diversos triangulos, considerando todos os lados de cada triangulo como base.

Assim, teremos occasião de mostrar que a altura póde cahir fóra ou dentro dos triangulos, e insistamos sobre este ponto, porque d'elle vamos necessitar quando tratarmos da avaliação das areas dos triangulos e das de outras figuras.

16.ª LIÇÃO

TRIANGULOS

(*Continuação*)

Começemos a nossa 16.ª lição exigindo de cada alumno uma sentença a respeito de triangulos, como já fizemos na lição passada, quando tratámos dos angulos.

Sirvam de exemplos as seguintes definições que, ao mesmo tempo se prestam para exercicios de linguagem oral e para recapitulação da materia.

a) Triangulo é a figura geometrica que tem tres angulos; ou ainda: — triangulo é o espaço limitado por tres linhas.

b) O triangulo chama-se tambem trilatero.

c) Um triangulo tem tres vertices.

d) Os triangulos podem ser considerados quanto ao tamanho de seus lados e quanto á qualidade destes lados.

e) Quando um dos angulos do triangulo é recto, o triangulo toma o nome de rectangulo.

f) Todos os tres angulos de um triangulo sendo agudos, o triangulo chama-se acutangulo.

g) Um dos angulos do triangulo sendo obtuso, o triangulo toma o nome de obtusangulo.

h) A somma dos tres angulos de um triangulo vale sempre 180 grãos.

i) Um triangulo não póde ter dois angulos rectos.

j) Não ha triangulo que tenha ao mesmo tempo as tres especies de angulos — recto, agudo e obtuso.

k) Triangulo rectilineo é o triangulo formado por linhas rectas; curvilineo o de linhas curvas, e mixtilineo o de linhas mixtas.

l) Os triangulos curvilineos podem ser concavos e convexos.

m) Os triangulos podem ser equilateros, isosceles e escalenos.

n) O triangulo equilatero tem os tres lados eguaes; o isosceles só tem dois lados eguaes; o escaleno tem os tres lados deseguaes.

o) Base de um triangulo é o lado sobre o qual se suppõe que elle está assentado.

p) Qualquer lado de um triangulo póde servir de base.

q) No triangulo isosceles, considera-se geralmente como base o lado desigual, ou o menor dos tres lados da figura.

r) Em qualquer triangulo podemos sempre determinar a sua altura.

s) A altura de um triangulo é representada por uma linha perpendicular.

t) A altura de um triangulo váe da base até o vertice opposto.

u) No triangulo isosceles a altura cáe sempre no meio da base.

v) A altura do triangulo isosceles é ao mesmo tempo a mediana e a bissectriz do angulo.

x) A altura de um triangulo póde cahir fóra ou dentro do triangulo.

y) Um triangulo lê-se com tres letras que se collocam nos vertices.

z) Os angulos da base do triangulo isosceles são eguaes.

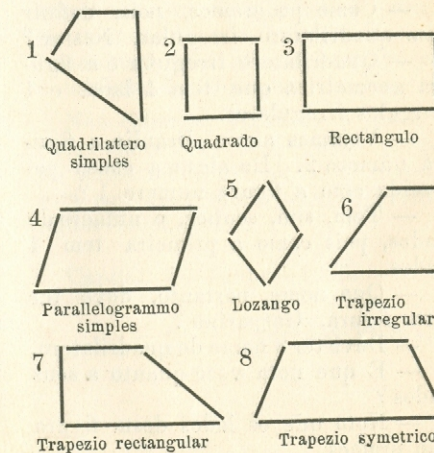
Deixamos de tratar das areas dos triangulos e dos processos para fazer triangulos eguaes a outros triangulos dados, por não comportarem aqui semelhantes estudos, visto dependerem de certos conhecimentos que ainda não foram dados.

17.ª LIÇÃO

QUADRILATEROS

Vou á pedra e escrevo a palavra *quadrilatero*.

Por baixo desta palavra traço as seguintes figuras, escrevendo ao lado de cada uma o seu nome, da maneira seguinte:



Pergunto em seguida a um dos alumnos:

— Quantos lados tem cada uma das figuras que se acham na pedra, Marcos?

— Todas essas figuras têm 4 lados.

— Pois bem, porque todas têm 4 lados, ellas tomam o nome geral de *quadrilateros*, conforme eu escrevi no alto da pedra. Segundo, porém, o tamanho destes lados, disposição dos mesmos e qualidade dos angulos destes quadrilateros, elles tomam diferentes nomes, e foi por isso que eu escrevi ao lado de cada figura o seu nome correspondente.

— Vamos ver, Euclides, si você conhece um objecto que tenha a forma da figura numero 1, isto é, uma figura de 4 lados que tenha uma forma irregular.

— Conheço, sim, senhor, por exemplo este pedaço de cartão.

— Que é que você nota quanto ao tamanho dos lados desta figura?

— Noto que os seus lados são todos desiguales.

— E quanto aos seus angulos?

— Os seus angulos são também desiguales.

— Perfeitamente; seus lados e seus angulos são irregulares, quer dizer, têm todos elles tamanhos diferentes.

— Como poderemos, pois, definir um quadrilatero irregular, Nestor?

— Quadrilatero irregular é a figura geometrica que tem 4 lados e 4 angulos irregulares.

— Vejamos agora, Braulio, a figura numero 2. Ha alguma coisa parecida com a figura numero 1?

— Tem, sim, senhor, o numero de lados, pois como a primeira tem 4 lados.

— Que nome, portanto, deve ter esta figura, Gasparino?

— Deve ter o nome de quadrilatero.

— E que nota você quanto a seus lados?

— Noto que os lados desta figura são eguaes.

— E quanto a seus angulos?

— Vejo que todos os seus angulos são rectos.

— Muito bem. Como definiremos, pois, o quadrado que nos é representado pela segunda figura que se acha na pedra, Amancio?

— Quadrado é a figura geometrica que tem 4 lados eguaes e 4 angulos rectos.

— Sim, podendo-se também dizer que quadrado é a figura geometrica que tem os 4 lados e os 4 angulos eguaes.

— Mostre-nos um quadrado aqui na sala.

— Outro, Paulo?

— Outro, Bias?

— Castro, formule uma sentença em que entre a palavra *quadrilatero*?

— Outra, Dias, em que entrem as palavras *quadrilatero irregular*?

— Mais uma Canuto, em que seja empregada a palavra *quadrado*?

— Você recorda-se, Paulino, da lição dos triangulos quando tratámos de determinar a altura dos mesmos?

— Que linha é que serviu para representar a altura?

— Pois bem. Então qual deve ser a altura do quadrado?

— Porque é, Dante, que qualquer um dos lados do quadrado serve para representar a sua altura?

— Sim, porque todos esses lados têm o mesmo tamanho, mas principalmente porque os lados do quadrado são representados por linhas perpendiculares entre si.

— Comparemos agora, Cassio, a figura numero 3 com as duas primeiras. O que tem estas tres figuras de commum?

— As tres figuras têm de commum o numero de lados: todas ellas tem 4 lados.

— Bem. E qual é a differença que você nota entre a 1.^a e a 3.^a, quanto a seus angulos?

18.^a LIÇÃO

QUADRILATEROS

(Continuação)

Em uma outra lição desenhemos novamente estas figuras (as de numero 1 a 8 da lição passada) fazendo uma recapitulação geral e depois tiremos as diagonaes de todas ellas mostrando a maneira pela qual se cortam.

Deixemos de fazer aqui as necessarias perguntas aos alumnos, esperando as supostas respostas dos mesmos, porque teriamos de seguir um processo identico ao que fizemos com os quadrilateros. Para não enfadar aos nossos bons collegas, nos quaes reconhecemos a necessaria competencia para transmittirem aos seus alumnos estes conhecimentos, fazemos aqui ponto, dando por terminada esta lição.

Achamos conveniente que os alumnos continuem a formular sentenças a respeito dos quadrilateros, assim como a respeito das suas diagonaes, conforme já temos feito nas lições precedentes.

No proximo numero da *Revista* daremos os processos praticos para a construcção dos triangulos, assim como trataremos da avaliação de suas areas e também das dos quadrilateros.

Não estamos seguindo á risca o programma dos nossos Grupos, porque no nosso modo de ver esta materia está mal distribuida pelos diferentes annos escolares.

Capital, 1—Junho—1903.

ANTONIO PENNA.

— Noto que os angulos da 1.^a são irregulares, ao passo que os da 2.^a são todos rectos.

— Compare, Vidal, os lados da 3.^a figura com os lados da 1.^a; não só quanto ao tamanho como também á sua disposição.

Façamos com que o alumno chegue á conclusão de que a figura numero 3 tem os lados eguaes e parallelos dois a dois, cousa que não se dá nos lados da figura numero 1. Comparemos ainda os lados da 2.^a figura com os da 3.^a, até que o alumno diga que no quadrado os 4 lados são eguaes entre si e parallelos dois a dois, ao passo que na figura numero 3 os lados são eguaes dois a dois e parallelos também dois a dois.

Temos, portanto, agora, base para fazer com que um dos alumnos nos dê a definição do rectangulo.

Mostremos a altura do rectangulo, tomando ora o lado maior para base, ora o lado menor.

Passemos a fazer a comparação do parallelogrammo simples com as tres figuras precedentes, vendo o que ellas têm de commum e de differente.

Não nos esqueçamos de mostrar que a altura do parallelogrammo simples póde cabir dentro do parallelogrammo ou fóra delle, sendo neste caso necessario prolongar a base.

Façamos a comparação da 5.^a figura com as quatro precedentes, dizendo tudo que for possivel a respeito desta figura, terminando dizendo que ella se chama *lozango* ou *rhombó*.

Finalmente, comparemos as figuras numeros 6, 7 e 8, primeiramente entre si, para que a creança possa dar a definição de trapesio; para que saiba porque a figura numero 6 é um *trapesio irregular*, o numero 7, um *trapesio rectangular* e o numero 8, um *trapesio symetrico*; e, por ultimo, comparemos estas tres figuras com as outras todas já estudadas, vendo os seus angulos, bases, lados, alturas, etc., etc.

Trabalho manual

REPRODUÇÃO

CARTONAGEM

A cartonagem é a construção, por meio de papel cartão, de solidos geometricos e objectos usuaes. Podemos consideral-a como o ensino concreto da geometria.

Trataremos, em primeiro logar da construção de solidos geometricos, deixando as suas multiplas applicações a objectos de mediata utilidade para mais tarde.

Este genero de exercicios, exigindo conhecimento do desenho e o manuseamento de instrumento cortante, só pôde ser dado do 3.º anno em diante. Para os alumnos dos annos inferiores deve ser usado cartão menos resistente, que já tenha o desenho necessario e que possa ser cortado a thesoura.

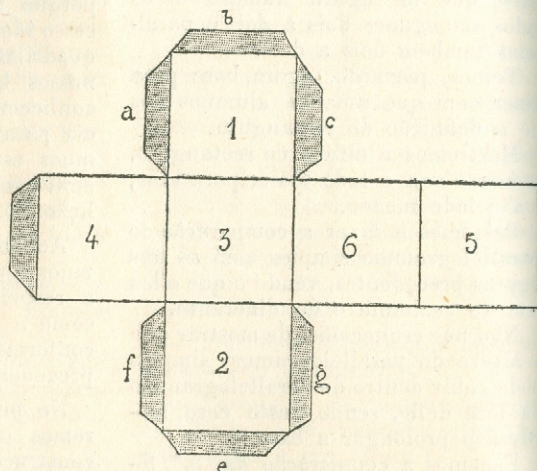
Material e instrumentos necessarios.—O papel cartão offerece vantagens sobre o papelão, mas, sendo este mais facilmente obtido, deve ser feito o seu emprego. O papelão de velhas caixas serve perfeitamente para os exercicios de cartonagem; e os objectos assim construidos, para tornarem-se mais elegantes, devem ser cobertos de papel de côr viva ou guarnecidos em suas arestas de papel de côr differente da que têm. Será este nais um util exercicio.

Os alumnos deverão ser munidos de uma regua ou tira de papel dividida em centimetros; de uma regua chata; de um esquadro ou pe-

daço de papel com a fórmula de um triangulo rectangulo; de um canivete ou outro qualquer instrumento cortante que o substitua; de gomma arabica ou da que é feita com farinha de trigo.

CONSTRUÇÃO DO CUBO

Munidos os alumnos do material necessario, o professor desenhara no quadro negro o desenvolvimento do cubo, como o indica a figura, e o fará copiar sobre os pedaços de papelão que possuem.



Pelo desenho será feito o recorte dos contornos da figura e praticadas incisões pouco profundas sobre as linhas que determinam as arestas.

Depois serão dobrados os rebordos *a, b, c, d, e, f* e *g*, e as faces *1, 2, 4* e *6*, e cuidadosamente colladas. Finalmente a face n. 5 será collada sobre as outras e representará a parte superior do cubo.

Este trabalho deve ser feito por partes, e acompanhado das observações

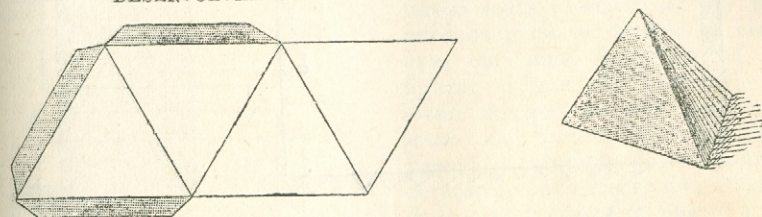
OUTROS SOLIDOS GEOMETRICOS

O mesmo processo seguido para a construção do cubo será applicado á dos solidos geometricos de que apresentamos em seguida o desenvolvimento.

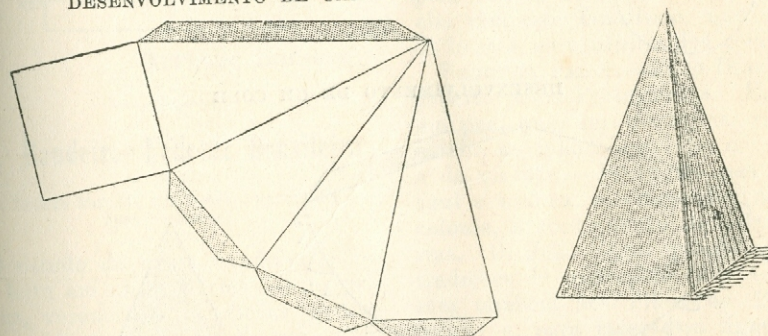
do professor, que executará outro identico aos dos alumnos, porém em ponto maior.

O paralelepipedo rectangular é construido identicamente ao cubo. Sómente os quadrados 3, 4, 5, e 6 terão de ser substituidos por figuras rectangulares.

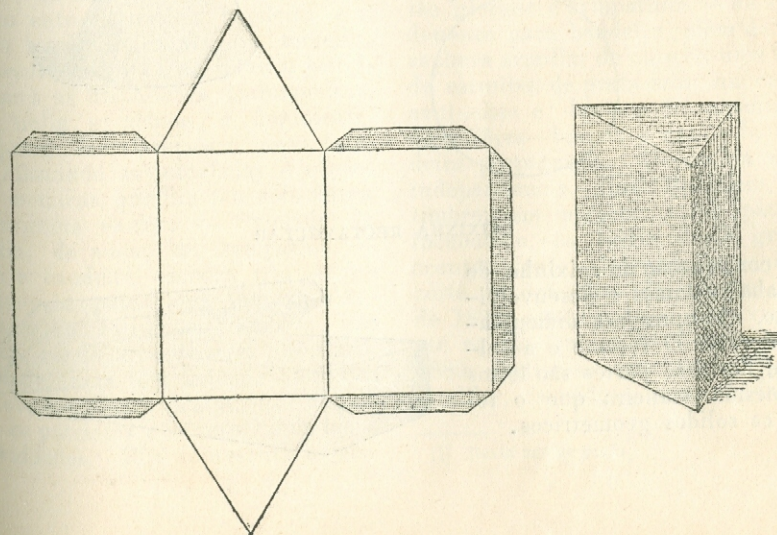
DESENVOLVIMENTO DE UM TETRAÉDRO REGULAR



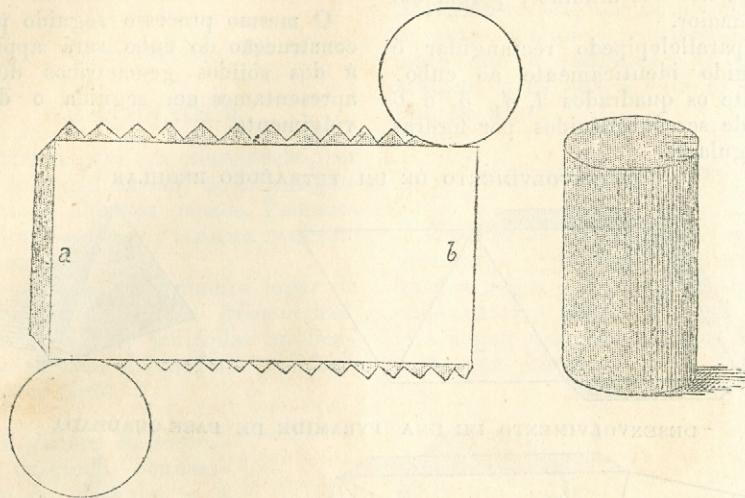
DESENVOLVIMENTO DE UMA PYRAMIDE DE BASE QUADRADA



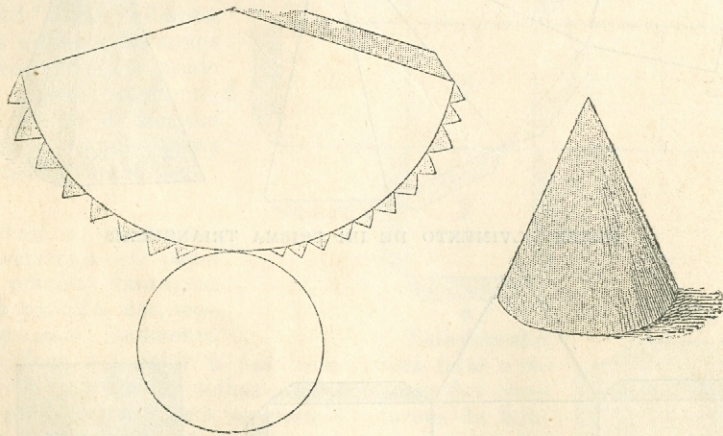
DESENVOLVIMENTO DE UM PRISMA TRIANGULAR



DESENVOLVIMENTO DE UM CYLINDRO

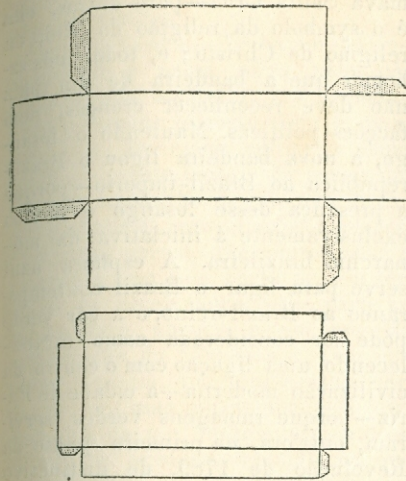
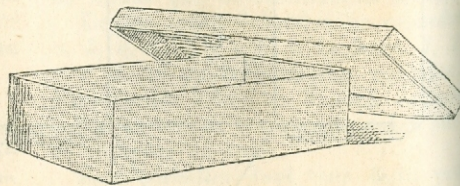


DESENVOLVIMENTO DE UM CONE



CAIXINHA RECTAMGULAR

A construcção da caixinha, de que abaixo damos o desenvolvimento, não apresenta difficuldade alguma. O recorte e a colagem das suas partes são feitos da mesma maneira que o foi para os solidos geometricos.



ALFREDO BRESSER

A Bandeira Federal Brasileira

(Esboço baseado nas lições do professor José Feliciano)

O estudo da nossa bandeira pôde ser feito em cinco partes: — na primeira, veremos as condições geraes que todas as bandeiras devem satisfazer; na segunda, faremos um historico entre a antiga bandeira e a nossa bandeira actual; na terceira, descreveremos a-emos; na quarta, justicaremos as disposições astronomicas, que nella se acham; e, finalmente, na quinta, remataremos o nosso estudo, afastando as descabidas objecções astronomicas, que lhe têm sido feitas.

PRIMEIRA PARTE. — Symbolo da Patria, de amor, de sympathia — toda a bandeira, embora não se recomende pelos seus requisitos artisticos ou estheticos, embora não tenha condições physicas de durabilidade, nem legitimidade heraldica — deve merecer o acatamento de todos os patriotas e o respeito de todos os cidadãos. Ella representa o pas-

sado com todas as suas glorias e desastres, e o futuro com todas as suas esperanças. E' um como esboço laconico e eloquente da Historia Patria; e as tradições, de que a rodeavam os nossos ante-passados, servem sempre de estímulo glorioso ás gerações presentes; nella devem, pois, manter-se todas as condições de continuidade e de solidariedade: eis porque, em uma bandeira, só deve figurar o que fôr necessario para levar, de geração em geração, de seculo em seculo, as conquistas do passado á gratidão dos vindouros, ao coração do povo. Serve de guia ao soldado e ao marinheiro, que, tão promptos em a defender e honrar, por ella têm esse fanatismo, que fórma os heroes na confusão dos combates.

SEGUNDA PARTE. — Foi o Brazil descoberto pelos Portuguezes. E, qual um pae, que, em memorias, recommenda ao filho o caminho da honra e da virtude — Portugal, nas cores azul e branca, recommendou á nova colonia, a continuação das suas glorias. D. João Sexto queria que as tradições da metropole se extendessem tambem aos filhos do Brazil-reino; e, para fazer essa ligação, a treze de Maio — data, para nós, já tão gloriosa e sympathica — de 1816, deu-nos para bandeira, além de uma esphera armillar de ouro⁽¹⁾, uma série de estrellas de prata sobre um campo azul—isto é, deu-nos justamente as duas côres—branca e azul—da bandeira portugueza. Depois da nossa independencia, José Bonifacio, que timbrou em merecer, como patriota inconcusso, os louros desse grande acontecimento—decretou logo, a dezoito de Setembro do mesmo anno de 1822, essa bandeira, que vigorou até ao dia Quinze de Novembro de 1889. Nella se manteve a esphera armillar, fazendo-a atravessada por

(1) Devia ser de prata.

uma cruz grega, para assim relembrar o nome primitivo da nossa Patria; mudou o campo azul para verde, ligando assim o Brazil-imperio ao Brazil-reino e ao Brazil-primitivo. Envolveu-se a esphera e a cruz por uma orla azul com estrellas brancas ou de prata, que, em numero de dezenove, eram as provincias unidas, concorrendo todas para a grandeza do Brazil-independente. Quando a comarca de Coritiba se desannexou da de S. Paulo de Piratininga, o numero de estrellas subiu a vinte. Prendia-se tudo isto — esphera, cruz e orla azul estrellada — a um escudo, que tinha, acima, a corôa da monarchia e, á direita e á esquerda, ramos de fumo e de café, representando a industria agricola, de que vivem ainda centenaes dos nossos patricios. Era esse o brazão d'armas do imperialismo. Ahi foi, como acabamos de vêr, mantida a condição de continuidade, e foi, além disso, dada ao symbolo da nossa Patria, a côr verde, genuinamente nacional, e a côr amarella — aquella como que lembrando as bellezas do futuro a que caminhamos, e esta como que nos prevenindo das desgraças que a ambição dos homens nos poderá, talvez, causar. Tal é o «auri-verde pendão da nossa Terra, que a brisa do Brazil beija e balança, o estandarte que a luz do sol encerra e as promessas divinas da esperança».

TERCEIRA PARTE.—Veiu a revolução de Quinze de Novembro. *On ne détruit que ce qu'on remplace*: cahiu a monarchia e veiu a Republica, que necessitava de nova bandeira; e a bandeira da Republica tinha de respeitar as condições de continuidade, assim como as outras já o tinham feito, mas tudo de acôrdo com o novo regimen inaugurado. A cruz não foi conservada, porque é já um ponto de divergencia. Si, para uns, ella lembra a primeira phase da vida da nossa Patria, que então se cha-

mava Santa Cruz—para outros, ella é o symbolo da religião do Rei, da religião de Christo; e, todos nós sabemos que a bandeira de um paiz não deve reconhecer crenças, nem facções politicas. Mantendo o losango, a nova bandeira ligou o Brazil-republica ao Brazil-imperio—porque a presença desse losango é devida exclusivamente á iniciativa da monarchia brasileira. A esphera azul serve para ligar o Brazil-contemporaneo ao Brazil-reino, e a côr verde pôde ser considerada como estabelecendo uma ligação com o centro da civilização moderna—a cidade de Pariz—porque ramagens verdes serviriam, outr'ora, na primeira phase da Revolução de 1789, de distinctivo aos assaltantes da Bastilha. Na base da esphera, está um pequeno ponto, que é o sigma do oitante, ou o nosso pólo, representando o districto federal ou o municipio neutro; acima desse ponto, está a faixa do zodiaco, onde se lê a divisa—Ordem e Progresso.—Não foram conservados os ramos de fumo e de café, que, sósinhos, representavam a nossa industria agricola, porque todos sabemos que, ao lado da cultura do café e do tabaco, se collocam hoje tantas outras tão variadas, que não pôdem ser representadas por essas duas ramagens. A propria côr verde incumbem-se de representar a nossa industria viva, e a côr amarella, de representar a industria morta. Precisavamos estabelecer symbolos e formulas, que traduzissem as nossas aspirações: foi adoptado o lemma—Ordem e Progresso—que muito bem nos satisfaz, porque, como pensamos, nenhum brasileiro desejaria para a sua Patria a bandeira da desordem e do regresso.

Pensam alguns que a Ordem não se pode conciliar com o Progresso. Mas, esta affirmção é bem fraca: seria ignorar que o Equilibrio se harmonisa com o Movimento. A di-

visa—Ordem e Progresso—representa, incontestavelmente, as nossas aspirações futuras.

QUARTA PARTE.—Tinhamos já representada a nossa terra pela côr verde e pela amarella: era necessario representar o nosso céu; e, para isso, não deviamos colher a esmo qualquer constellação. Si somos um povo do hemispherio sul, não devemos preferir as constellações austraes. Tinhamos, porem, que representar a Amazonia, que tem parte do seu territorio no hemispherio sul e parte no hemispherio norte; e, em vez da constellação do *Cão-menor*, com sua alpha *Procyon*, que representa o norte—fizemos uma outra concepção, que necessita de um desenvolvimento especial. A primeira constellação, que logo escolhemos para preencher esse fim, é a da *Virgem*. Bem extensa e preferivel, porque muito util foi a Hiparcho no phenomeno da precessão dos equinoccios—esse grupo zodiacal não pôde figurar todo completo na esphera da bandeira: delle basta apenas, a mais importante estrella, a alpha da constellação—a *Espiga*—que collocamos no hemispherio norte, isto é, acima da faixa em que está a divisa da ordem e do progresso, que ahi representa a ecliptica. A primeira constellação austral, que se impoz logo á acceitação, foi o *Cruzeiro do Sul*, tão cantado outr'ora pelos poetas, sempre visivel para todo o Brasil, tanto do norte como do sul, e que sempre ha de lembrar o nome, que, á nossa Patria, deu o navegante portuguez. Entre a faixa do zodiaco e o nosso polo, sobre o meridiano do Rio de Janeiro, está esse grupo symbolico, com cinco estrellas, sendo alpha a estrella de Magalhães; proximo lhe fica o *Triangulo Austral*. Escolhemos, depois, as bellas estrellas *Procyon*, *Sirius* e *Canopus*, que se acham de um lado do *Cruzeiro*—esta, da constellação do *Navio*, essa, da do *Cão-maior* e aquella, da do *Cão-menor*. A' direita do Tri-

angulo Austral, um pouco para baixo, ficam oito estrellas do grupo do *Escorpião*, em que se destaca *Antares*, que tem brilho avermelhado.

Ahi está, pois, no auri-verde pendão, um pedaço do nosso céu, tão significativo e invejavel, que não só serve para manifestar o nosso amor á realidade e á Natureza, assim como para mostrar aos estrangeiros que o Brasil não é Sancta Catharina ou Rio Grande—mas, sim, essa federação de vinte e uma estrellas ou de vinte e um Estados.

QUINTA PARTE.—A primeira objecção feita contra a bandeira da Republica recahiu sobre a *Espiga*, ou a alpha da constellação da *Virgem*. Disseram que, para essa estrella figurar nessa situação, no hemispherio norte, seria necessario dar-se uma revolução na esphera celeste; e todos os que conhecem Astronomia sabem que a nossa esphera mencionada oscilla forçosamente.

Pomos o polo sul em baixo, porque, si assim não o fizés semos, teriamos o *Cruzeiro* com os braços invertidos. Commetteriamos um erro, porque no Brasil, o *Cruzeiro* não sendo constellação circumpolar, tal aspecto é actualmente impossivel; não é caracteristico do céu brasileiro.

E, demais, manda a justiça que colloquemos sempre em cima o polo norte, porque é aos povos do hemispherio boreal que devemos todos os nossos conhecimentos astronomicos e a nossa civilização: essa disposição é, sobretudo, um dever de veneração.

Quanto ao lemma—Ordem e Progresso—foi elle, é verdade, inventado por Augusto Comte e pôde ser acceito por todos, sem que todos se tornem positivistas—assim como todos acceitam os productos chinezes e indianos, sem nunca se tornarem mahometanos e budhistas.

Só não pôde ser acceito pelos que desejarem... *desordem e regresso* ou *revolução e restauração*.

AUGUSTO R. DE CARVALHO.

LITERATURA INFANTIL

Visitando uma Escola

«O livro cahindo nalma
E' germen que faz a palma,
E' chuva que faz o mar.»

CASTRO ALVES.

Em vossas frentes erguidas
Leio um poema de luz,
Cheio de amor e de crenças,
Como a face de Jesus.
Rico de messe fecunda
Que ensoberbece—qu'inunda
O porvir de doce calma,
Porque nos mostra radiante,
A transluzir scintillante
«O livro cahindo nalma.»

Ah! Esta pagina santa,
Que vossas almas contém,
E' a luz auri-fulgente
Que indica a trilha do bem.
E' o bello oásis aberto
Que o viajor—no deserto,
A sêde, o cansaço acalma:
E' o pharol em noite escura,
Estrella em meio á espessura,
«E' germen que faz a palma.»

E' preuncio auspicioso,
Da instrucção e do saber,
E desejo grandioso
De quem grande busca ser.
Aspiração qu'ennobrece,
Flór viva—que não fenece
E que não pôde murchar
«Que o livro cahindo nalma
E' germen que faz a palma,
E' chuva que faz o mar.»

HYMNO OFFICIAL

DO

GRUPO ESCOLAR «DR. ALMEIDA VERGUEIRO»

DO

Espírito Santo do Pinhal

(MUSICA DE JOAQUIM AZEVEDO FILHO,
LETRA DE CARLOS FERREIRA)

Pela fé, pelo amor bafejados,
Aos acenos da crença a sorrir,
Nós sonhamos uns sonhos doirados,
Nós sonhamos laureis de porvir!...

Pelo azul dos espaços divinos
Surgem raios de intenso fulgor...
São idyllos, estrophes—são hymnos,
São poemas eternos de amor!

Numa grande harmonia cantante
Vamos todos, da aurora ao clarão,
Repetindo este lemma vibrante:
Instrucção! Instrucção! Instrucção!

Nós sabemos que a Patria precisa
De quem saiba pensar... trabalhar...
E' por isso que a nossa divisa
E' só esta—estudar! estudar!

E' do estudo que irrompe possante
Do progresso a visão senhoril...
Pois ergamos aos céus, triumphante,
Nossa patria querida—o Brazil!...

Seja a escola a sublime esperança
Que nos traga infinito prazer,
Vive a fé onde vive a criança!
Nunca morre quem sabe vencer!...

O VENDEDOR DE JORNAES

(A ARTHUR AZEVEDO)

Era pequeno e feio. As magras pernas nugas
Mostrava-as nos rasgões das roupas immoraes.
Corria o dia inteiro ahi por essas ruas,
Ganhando alguns vintens nas vendas dos jornaes.

Tão sujo, o coitadito, e tão disforme e feio
Que doia o coração e a alma só de vel-o...
A linha vertebral, recurva pelo meio,
Fazia-lhe por traz a giba de um camello.

A face descorada, a cabelleira pouca,
E chagras lhe comendo as sobranceiras pretas...
E tinha quasi sempre a voz velada e rouca
De tanto apregoar os nomes das gazetas.

Sómente em seu olhar sympathico, descubro
Um doce não sei que de mysterioso e suave,
Assim como em manhã primaveril de Outubro
A risonha canção estridula de uma ave.

Ospés, do muito andar, já os tinha ignaes a um casco,
E olheiras dessa cor escura como a dhalia.
A mãe já lhe morrera, e o pae era um carrasco,
Um bandido que fôra expulso lá da Italia.

Jantava sempre um pão. Cear... nunca cejava,
Nem tinha onde dormir, o pobre *carcamano!*
No entanto, antes do sol nascer já elle andava:
—«Olha o Estado e a Nação! *Correio Paulistano!*»

E os nickels que ganhava assim—com as magras
pernas
Exhaustas de correr, suando, o rosto em fogo,
Entregava-os no pae que, á noite, nas tavernas
Gastava tudo em vinho, em pandegas, em jogo.

O pobresinho então, com as forças exgotadas,
O corpo feito em suor de um trabalhar de moiro,
Dormia por ahi, de dia, nas calçadas.
E sonhava, Deus meu! com fadas e astros d'oiro.

E sonhava, outrosim, com doces de aletria,
E fructas em compôta, e muita cousa boa,
Emquanto o seu pequeno estomago fazia
A fácil digestão da côdea de uma brôa.

A's vezes tambem via, em meio de seu sonho,
Abrirem-se do céu os santos penetraes.
E vir da mãe o vulto, aligero e risonho,
Imprimir-lha na fronte os beijos maternaes.

E após o despertar, tremendo as carnes nugas
De frio, inda sentia o gosto das caricias...
Então elle sahia alegre pelas ruas:
—«Republica! O País! *Gazeta de Noticias!*»

RENÉ BARRETO

S. Paulo, 15 de Agosto de 1897.

HYMNO (*)

Para o 2.º Grupo Escolar do Amparo

Da instrucção a luz divina
Enche o espaço de fulgores...
Surge a aurora diamantina
Por entre nuvens de flores!

CÔRO

Do progresso o sol radiante
Que, no azul, além se avista,
Illumina triumphante
Mais esta grande conquista!...

Vinde infancia esperançosa
Ao altar do novo templo,
Receber firme e triosa
Do trabalho o nobre exemplo!...

Do progresso o sol radiante
Etc.

O sublime anjo formoso,
Que dos povos traça a historia,
Nos aponta hoje radioso
Mais uma grande victoria!...

Do progresso o sol radiante
Etc.

Por entre nuvens rosadas,
Activos, sempre a sorrir,
Busquemos as alvoradas
Do deslumbrante porvir!...

CÔRO FINAL

Do progresso o sol radiante
Etc.

(*) Este hymno foi escripto especialmente para o 2.º grupo escolar do Amparo, pelo primoroso poeta, sr. Carlos Ferreira, autor das *Rosas Loucas e Redivivas*. A musica é do nosso illustre amigo e collaborador, Maestro Antonio Carlos.

COMPANHIA FATAL

(A RENÉ BARRETO)

Andava muito doente o velho professor:
RENÉ BARRETO.

Andava muito triste o pobre professor.
Elle, o homem risonho, affavel, inda forte,
Que dava até bem pouco as aulas com vigor,
Parecia curvar-se ao vendaval da sorte.

Onde estava a razão, porque elle havia pouco,
Tinha o olhar desvairado a vaguear sem metro,
Um ar tão exquisito, um ar assim de louco
Que parece temer algum damnado espectro ?

Foi dura a cega sorte ao bom do professor.
Tinha apenas um filho, um filho esperançoso,
Que cuidava em tornar com desvelado amor
Das prematuras cans, a recompensa, o goso.

Mas, ah ! quanto mudou a flôr que elle criára !
No sacrario sublime, esplendoroso e bello,
No coração do filho, um vicio germinára,
Que ia a vida do pae cortar como um cutello.

Um visinho bem máo, que dava máos exemplos,
Dous filhos tambem tinha aos quaes elle ensinava
A dormir na taberna e a só fugir dos templos
Em busca ao vinho vil, que á noite o embebedava.

O filho acostumou-se a vêr do seu visinho
Esse exemplo funesto do decorrer do dia,
Emquanto seu bom pae, com paternal carinho
Aos meninos na escola um após outro ouvia.

O tal visinho foi para um paiz distante,
Onde veio a morrer debaixo dum tonnel.
O menino cresceu, de graça fulgurante,
Como delgada flôr á sombra de um vergel.

Abandonados, sós, andavam pelo mundo
Como párias sem sorte aos quaes se nega o lar,
Os filhos desse pae, que ébrio e vagabundo
Esquecera o dever que os pais têm de educar.

Numa noite de horror, quando nos céos se ouviam
Essas raivas lethaes das rudes ribombadas,
Esfarrapados, nós, ao professor pediam
Os jovens p'ra abrigar-se alli das más lufadas.

E o bom do professor, a alma pura e nobre,
Ao vêr tanta miseria, ao vêr tanto penar
Buscou então servir, si bem que muito pobre,
A'quelles que seu pão lhe vinham mendigar.

Abraçaram-se então por sob o mesmo tecto
O filho do trabalho e os filhos d'esse vicio,
Que ao proprio rosto imprime um repellente aspecto
E nos lança por fim num negro precipicio.

Fanou-se a meiga flôr; aos pomos foi rodar
No sujo lodaçal que lhe abeirára os pés;
E quando o pobre pae, de lá o quiz tirar,
Respondeu-lhe feroz com quatro pontapés.

Desde esse dia atroz, dos labios seus fugiu
O sorriso tão franco a traduzir que nalma
Estão ventura e paz: em rugas contrahiu
Essa fronte, que fôra em toda a vida calma.

O mestre não sorri: dir-se-ia que elle sente
Alguma dôr profunda, algum soffrer intenso,
Que faz que seu olhar pareça o de um demente
Que teme descobrir algum segredo immenso.

Deixára o lar paterno ha muito esse maldito.
Andava na taberna ou a cahir na estrada,
Sempre máo, sem corar, e como um vil proscripto
Que á Patria quiz trahir em troca da soldada.

Certa manhã mui bella o sol resplandecia,
E a passarada alegre alem no azul trinava,
Emquanto a meninada alli num livro lia
Que o filho do que bebe, esse defeito herdara.

Ouvindo assim dizer uma verdade tal,
Verteu dos olhos seus, sem procurar retel-os,
Uns prantos só de dôr ao se lembrar do mal
Com que lhe traz o filho a neve aos seus cabellos.

Mas, com o immenso amor que sabem ter os paes,
Sonhando arrependido então vel-o chegar
Esquece a escola e tudo e nem se lembra mais
Sinão de perdoal-o assim que o vir voltar.

Eis entra como um cão, quasi a rolar de tonto
Do bondadoso mestre o filho embrutecido.
Um menino se assusta ao vel-o assim, a ponto
de espojar-se no chão. Com ares de um bandido,

Voltando-se p'ra o pae que vê de pé na mesa,
Com o olhar de uma estatua ou como um ser sem vida,
Pergunta-lhe que faz, porque assim tem presa
Essa lingua moral, já noutro tempo ouvida.

«Bebeste, oh velho pae?» pergunta o filho baixo.
A tal pergunta infame, estatico, absorto,
O pae que ouvira bem, rolou do estrado abaixo,
Cahindo sobre o chão redondamente morto.

Com essa injuria vil, que o filho lhe assacára
Rompera-se na escola—o seu mais caro templo—
A vida d'esse heroe que tanto se esforçára
Por da virtude ser o sacrosanto exemplo.

FRANCISCO FURTADO MENDES VIANNA.

TOLSTOI—ESCRITOR DIDACTICO

I

O CAMPONEZ E O ESPIRITO DAS AGUAS

— *Conto* —

Um camponez deixou cahir o machado no rio, e, de pezar, poz-se a chorar.

O espirito das aguas, ouvindo-lhe o pranto, teve pena e levou-lhe um machado de ouro, perguntando-lhe:
—E' este o teu machado?

—Não, não é este, respondeu o camponez.

O espirito das aguas mostrou-lhe um de prata.

—Não é este tambem, disse ainda o pobre homem.

Então o espirito das aguas trouxe-lhe o que tinha deixado cahir.

—E' este, disse então o camponez.

Para recompensar-lhe a honradez com que procedera, o espirito das aguas presenteou-o com os dous machados de ouro e de prata.

De volta á sua casa o camponez relatou sua aventura aos camaradas.

Um delles teve a idéa de imital-o; foi á beira do rio, deixou cahir o machado e poz-se a chorar.

O espirito das aguas apresentou-lhe um machado de ouro e perguntou-lhe:

—E' este o teu machado?

O camponez, muito contente, respondeu:

—Sim, sim, é justamente o meu.

O espirito das aguas, para punil-o da mentira, não lhe deu o de ouro, nem o de aço, que se ficou enferrujando no fundo da agua.

O LOBO E O ESQUILO

(*Fabula*)

II

O esquilo, saltando de ramo em ramo, cahiu certo dia sobre um lobo adormecido.

O lobo agarrou-o e tratou de devoral-o.

O esquilo supplicou-lhe que o poupasse.

—Está bom, disse o lobo, eu te perdoarei a vida, mas com a condição de que me digas porque razão vos os esquilos andaes sempre tão alegres. Eu ando sempre aborrecido, e, entretanto, vos vejo sempre satisfeitos e dispostos a brincar.

O esquilo respondeu:

—Tenho medo de ti, não ousou falar, deixa-me saltar sobre um ramo e t'o direi.

O lobo deixou.

O esquilo saltou sobre uma arvore e de lá lhe disse:

—Tu te aborreces sempre porque és mau; a crueldade secca o coração. Nós somos alegres porque somos bons e não fazemos mal a pessoa alguma.

UM RICO POBRE

III

Nos tempos fabulosos existia um homem pobre, que deitando-se uma noite, não podia conciliar o somno. Pensava elle: «Porque razão é a vida tão penosa para os pobres? E porque os ricos accumulam tanto dinheiro?... Têm elles caixas cheias de ouro, e entretanto ainda ajuntam, privando-se de tudo. Fosse rico, mostrar-lhes-ia como é que se vive. Haveria de passar bem, não só eu, mas todos os que me rodeassem.»

Nem bem acabou de fazer estas reflexões, ouviu uma voz que disse:
—Queres ser rico? Eis ahi uma bolsa. Dentro della encontrarás uma moeda de ouro. Assim que a tiveres tirado, apparecerá outra; tirando esta,

outra, e assim sempre. Podes retirar da bolsa tantas moedas quantas quizes, depois joga a bolsa ao rio. Mas toma todo o cuidado em não gastares nenhuma sinão depois de teres jogado a bolsa, porque, si o fizeres, as moedas se converterão em pedras.»

O pobre homem ficou doido de alegria e começou a retirar moedas. Que bom, disse elle, vou passar toda a noite a tirar moedas; de manhã terei um grande monte, jogarei a bolsa no rio e ficarei rico.

Mas amanheceu, e elle pensou que trabalhando mais um dia a tirar moedas, ficaria dobradamente rico, e que, portanto, valia bem a pena de fazer mais um sacrificio.

Entretanto sentira fome; na casa só havia um pedaço de pão preto. Ir comprar alimentos era impossivel porque todas as moedas se converteriam em pedras. Comeu pois o pedaço de pão preto, e continuou a tirar moedas da bolsa. Chegou a noite e elle a trabalhar.

Passaram-se dias, semanas, mezes, annos, e o pobre homem, para não atirar a bolsa ao rio, ou para que as moedas não se transformassem em pedras, não gastava nenhuma, amontoando sempre.

E o desgraçado vivia de esmolas, mais pobre, mais miseravel do que antes do fatal presente, até que um dia, já velho, enfraquecido, foi encontrado morto com a bolsa maravilhosa nas mãos.

CONDE LEON TOLSTOI

(Traducção de R. Puiggari).

OS NOSSOS EDIFÍCIOS ESCOLARES

GRUPO ESCOLAR

DA

«ALAMEDA DO TRIUMPHO»

Creado pelo governo por decreto de 3 de Abril de 1900, recebeu a denominação de «Alameda do Triumpho», sendo a sua organização e direcção entregues ao distincto professor José Carlos Dias, que tomou posse de seu cargo no dia 5 do mesmo mez.

Uma vez em exercicio, este zeloso preceptor tratou desde logo de estudar as condições do predio que fôra escolhido para o funcionamento das aulas do referido grupo, afim de fazer aquisição do material necessario, e apresentou ao governo as propostas para a nomeação do pessoal que deveria constituir o corpo docente e administrativo. O predio escolhido está situado á Alameda do Triumpho; acha-se dividido em dois pavimentos—um inferior, onde está a secção feminina, e outro superior, onde funciona a secção masculina, podendo cada secção comportar 250 alumnos mais ou menos. Possui além disso, dois jardins lateraes, dando entrada separadamente a cada secção e duas areas destinadas para recreio. A installação deste grupo teve lugar a 3 de Setembro de 1900.

Actualmente, acham-se 520 alumnos matriculados em ambas as secções, com uma média de 442 frequentes. O corpo docente é assim constituido:

Secção feminina

D. Albertina Faria.
D. Alzira Bonilha.

D. Anezia Bonilha.
D. Eunice M. Soares.
D. Florinda R. Mello.
D. Maria do Carmo N. M. Gomide.
D. Mary Ellis M. Intyre Filha.
D. Maria José M. Penna.
D. Odila T. Macuco.

Secção Masculina

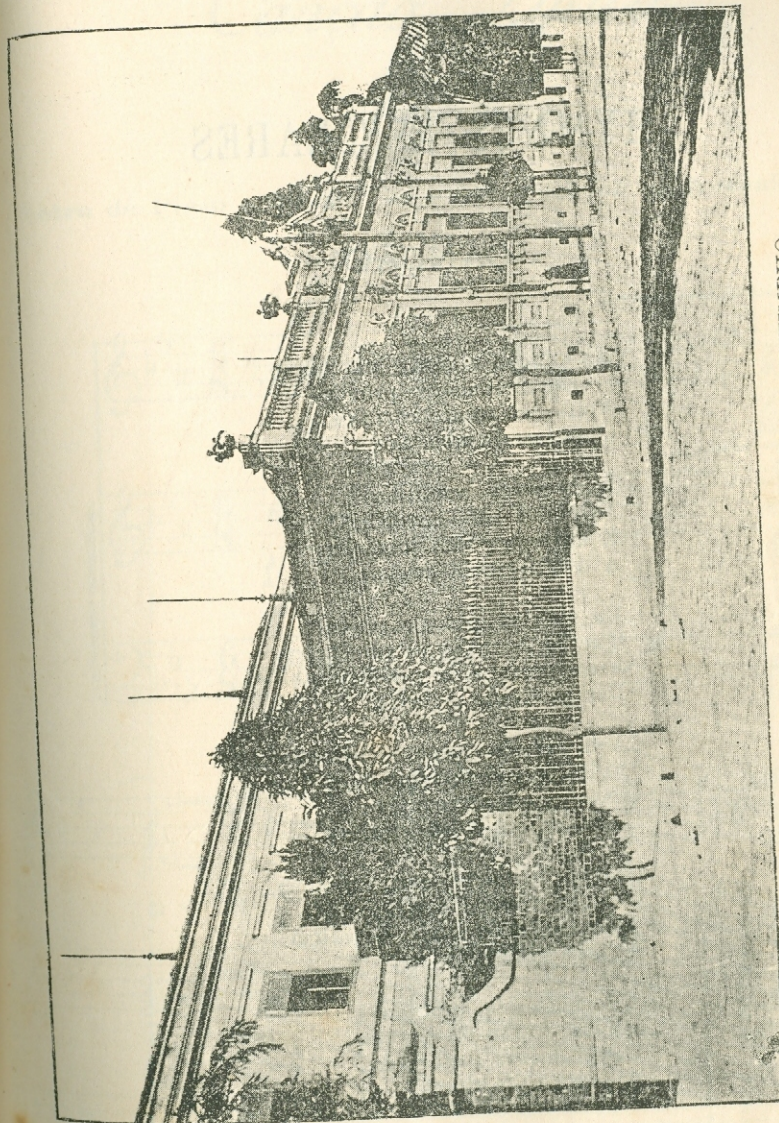
D. Benedicta Kiehl.
D. Hercilia A. de Azevedo.
D. Lydia Alves Vianna.
D. Perina Grassi.
D. Rachel Ayres.
Euclides Luz.
Horacio Faria.
João de Oliveira e Silva.
José Gomes.
José N. Camargo Couto.

Praticam neste grupo, as professoras: DD. Marietta Ferraz, Noemia Pereira, Liduina Fernandes e Maria E. da Silveira que substituem as professoras effectivas, em suas faltas. Encarrega-se do ensino de musica o proprio director. Para professora de trabalhos, foi contratada pelo governo, a sr.^a D. Luiza Martins. O ensino de desenho, na secção feminina, está a cargo da professora D. Florinda R. Mello, que, além desta disciplina, rege uma das classes; os professores José Gomes e Euclides Luz, além de regerem suas classes, se incumbem—o primeiro, do ensino de desenho na secção masculina, e o outro, do de gymnastica e exercicios militares. Na occasião em que admistrnam taes disciplinas, são substituidos pelos professores das classes em que taes ensinios são feitos.

Desde a sua installação até a presente data, o grupo tem apresentado um progresso sempre crescente e nem

se poderia esperar outro resultado, estando a sua direcção confiada a um director tão criterioso como é o sr.

José Carlos Dias, tendo a seu lado como auxiliar o não menos distincto professor, sr. Eduardo Raggio Zimbres.



GRUPO ESCOLAR DA «ALAMEDA DO TRIUMPHO»

HYMNOS ESCOLARES

CANÇÃO

Na concha morna d'um ninho
— Um verdadeiro primor —
Feito com tanto carinho
Que parecia uma flôr,

Duas gentis avesinhas
Nasceram num arrebol,
E alli cresceram juntinhas
A' luz fecunda do sol.

Da mãe as ternas caricias,
Que só as mães sabem dar,
Enchem de vida e delicias
Dos passaritos o lar...

Aqui tambem neste templo,
Ninho de alegres creanças,
Em cujas faces contemplo
Doce porvir de esperanças,

Nasceu vibrante, em minh'alma,
Luz da virtude e saber,
Que enche de luz e de calma
O meu risonho viver.

Eu vos saúdo, querida
Escola, ninho de amores,
Berço de luz e de vida,
Alcatifado de flôres.

J. PINTO E SILVA.

Canção Lyrica

Letra de Pinto e Silva

Musica de Antonio Carlos

Na con - cha mor - na de um
ni - nho, Um ver - da - dei - ro pri - - mor

Fei - to com tan - - to ca - - ri - - nho Que pa - - re -

-cia u - - - - ma flor

Du - as gen - tis a - ve - - zi - - - - nhas Nas

ce - ram num ar - re - hol. E a -

li cres - ce - ram jun - - ti - nhas A -

luz fe - cun - da do sol

17

Fine

DIVERSOS

Cesario Motta Junior

A *Revista de Ensino*, publicando hoje o retrato do saudoso Dr. Cesario Motta Junior, presta uma sincera homenagem á memoria do morto illustre, a quem muito deve a instrucção publica de nosso Estado.

Já alguns annos se passaram depois que elle baixou ao tunulo e, entretanto, a lembrança dos seus feitos na vida publica e de suas virtudes na vida particular, nem de leve esmaeceu em nosso espirito; e, sempre que o desanimo procura abater-nos a energia, é do frio silencio de sua sepultura que nos vêm o estímulo e o conforto, para proseguir na senda do trabalho.

Sim; podem a despeitada ignorancia e o intelligente despeito procurar amesquinhar o ensino publico deste Estado, emprestando-lhe todos os defeitos que a imaginação queira crear, podem os inimigos gratuitos do professorado publico proclamar bem alto a nossa pretensa ignorancia, mas um ligeiro confronto entre a escola actual e a de ha doze annos passados será bastante para nos trazer, a nós modestos professores publicos, a consoladora convicção de que não somos uma classe inutil e improductiva.

E ali nessa affirmacão, que fazemos com as mãos na consciencia, talvez esteja o maior titulo de gloria para aquelle a quem hoje rendemos esta homenagem, juntando assim nossos sentimentos de pezar aos que as escolas de S. Paulo, de Itú e de Piracicaba, manifestaram por occasião do sexto anniversario de sua morte.

Talvez esteja ali o seu maior titulo de glorias, porque foi da sua

clarividencia, reconhecendo que uma reforma de ensino, sem o auxilio do professorado, seria de nenhum effeito pratico e estimulando, em consequencia, a classe á qual se negava a consideração, que merecia pela nobreza de sua profissão, foi dahi certamente que nos veio esse entusiasmo com que, em poucos annos, substituímos aos antigos methodos os modernos processos pedagogicos, transformando radicalmente as escolas antigas e collocando em seu lugar as que temos hoje e que fazem a admiração de todos aquelles que nos visitam, realisando, finalmente, quasi que as maravilhas de uma resurreição.

A vida particular de Cesario Motta foi um modelo de virtudes: assim o dizem os seus intimos amigos e assim a descobrimos nos sentidos versos, que a sua inspiração nos legou, pouco antes de sua morte.

A sua vida publica, que vinha de longe, que tinha seu inicio no celebre anno de setenta, foi uma carreira de glorias, de que poucos homens se podem orgulhar e cuja culminancia esteve certamente no desempenho que elle deu ao cargo de ministro do interior.

Finalmente, em 1897, vencido mais pela força da molestia do que pelo pezo dos annos, pois não eram muitos os que contava, cerrou para sempre os olhos, deixando no coração das creanças o mais profundo pezar e trazendo-nos, a nós, que formamos o professorado de S. Paulo, um sentimento inexplicavel, onde não sabemos o que mais predominava—si a dor pela sua morte ou a admiração pela sua vida.

BENEDICTO GALVÃO.



Dr. Cesario Motta Junior

A EDUCAÇÃO

POR

MONSENHOR PECHENARD

(Tradução de J. Benevides)

A mais nobre das missões recebidas de Deus pelo homem é, incontestavelmente, a de dar a educação a seus filhos. A vida, sem a educação que a completa, não passaria de um simples esboço — o que levou um antigo philosopho a dizer que devia mais a seu mestre do que a seu pae porque si a este devia o viver, aquelle devia o bem viver.

E' aos paes, principalmente, que pertence a missão educadora. E' para elles, ao mesmo tempo, um direito natural inalienavel e um rigoroso dever; receberam-na do proprio Deus com essa auctoridade paterna, e nenhum poder humano della pode despossal-os.

A educação é a cultura que ao ser humano dá todo o vicejamento e que, como a um fertil botão, faz produzir flores e fructos. A ella cumpre desenvolver todas a facultades physicas, intellectuaes e moraes da creança, para habilital-a a fazer da vida presente um bom e fructuoso uso, e attingir seu destino na vida futura.

Indispensavel, pois, ao individuo porque sem ella não pode valorizar sua natureza — é tambem de grande importancia para as sociedades humanas porque contem em germen todo seu futuro, sua felicidade ou sua desgraça; sua grandeza ou sua decadencia.

Grande differença, porém, existe entre os diversos systemas de educação, que chegam a resultados inteiramente oppostos.

Qual o *criterium* do valor respe-

ctivo de taes systemas? Basta considerar a natureza do fim a que se propõe cada systema — e a conveniencia existente entre tal fim e a cultura dada ás facultades naturaes. E' preciso, portanto, antes de tudo, que um educador tenha uma vista clara do fim a que quer chegar, e do valor dos meios que quer empregar.

Qualquer erro sobre o ponto de partida ou sobre o ponto de chegada será fatal e irreparavel.

Com effeito, conforme o homem for considerado como um individuo isolado ou como um ser social; conforme se considerar que o seu destino acaba com a vida presente ou se termina em um mundo futuro — o objectivo a propôr ás suas aspirações e aos seus esforços será inteiramente differente: seu mestre terá de actuar sobre seu desenvolvimento physico ou sobre a formação de suas qualidades intellectuaes e moraes. Mais differentes ainda serão os meios educativos a empregar. O educador religioso chamará em seu auxilio a auctoridade divina, a consciencia, o senso moral, os sentimentos do coração, a perspectiva dos destinos futuros — e exigirá o esforço da vontade e a lucta contra si mesmo: o educador nacionalista se limitará ás theorias fundadas na razão natural, na liberdade, na instrução, nas sciencias, na arte e no *sport*.

Ora, o facto saliente dos diversos systemas de educação empregados no seculo XIX, facto que domina toda a questão, é precisamente a opposição radical dos pontos de vista em que se collocam os educadores modernos, e, consequentemente, a profunda differença dos processos que preconizam e empregam. A escola tornou-se a arena onde se batem duas forças contrarias — a religião e o livre pensamento, disputando a creança e a mocidade

Jamais, em materia de educação, tiveram os seculos christãos a idéa

de separar, na vida presente, á busca do bello e do bem, da preparação do homem para seus immortaes destinos. O seculo XVIII, porém, abertamente, rompeu este ideal. Seus philosophos e seus pedagogos (inglezes, allemães e francezes) formularam, a par de idéas generosas e de principios fecundos, theorias anti-christians e puramente naturalistas, que, recebidas como funesta herança pelo seculo XIX, foram então postas em pratica. Medraram, ellas, nas escolas officiaes, sem todavia conseguirem supplantar ou extirpar da consciencia dos povos os antigos principios e methodos, que continuam a formar gerações christians.

Vamos pôr em evidencia a dupla acção contradictoria da « religião » e do « livre pensamento » na educação publica: a constataremos, successivamente, nas tres ordens de ensino geralmente adoptadas, e mostraremos sua marcha, seus processos e sua diversa fortuna. Veremos, finalmente, como o « livre pensamento » tem, sobretudo, tirado successo do enfraquecimento ou da oppressão dos direitos da familia — e como, pelo contrario, « a religião » tem reivindicado por toda a parte o direito natural dos paes de educar seus filhos conforme seus principios, e tem conseguido, em muitos paizes, fazer triumphar a causa da liberdade do ensino e da educação.

* *

Um dos caracteristicos do seculo XIX foi o prodigioso esforço realzado, na maior parte das nações do mundo, para fazer a educação do povo por meio do ensino primario — sendo grato affirmar que já é grandiosa a obra effectuada.

A Europa iniciou o movimento.

As Americas a elle se associaram: a do Norte, mais ardente, se avantajou muitas vezes, procurando fazer

da escola publica o cadinho de fusão das diversas raças que se chocam em seu seio; a do Sul, embora mais apathica e menos unida, seguiu tambem a impulsão resolutamente.

No Egypto e no Levante, tambem, a escola popular tornou-se um dos agentes mais efficazes da influencia politica estrangeira, assim como das missões religiosas; os vastos paizes da India, desde 1854, participaram de transformação intellectual e moral que trabalha a humanidade inteira — assim como o Japão e até a Oceania.

A pedagogia tornou-se a grande preocupação geral, e sómente os livros escriptos sobre tal assumpto podem já formar uma bibliotheca; crearam-se revistas; fizeram-se conferencias; e estabeleceram-se cursos pedagogicos.

Nas installações escolares, por toda a parte, foram observadas as melhores condições hygienicas — sendo até adoptado um luxo exaggerado e fóra de proposito; a mobilia escolar foi melhorada; as paredes cobertas de quadros negros, de cartas geographicas, de colleções de historia natural, etc.... e aperfeiçoaram-se os methodos de ensino.

Mas, ao mesmo tempo, operou-se um grande e lamentavel deslocamento da auctoridade na fiscalização das escolas. Durante muito tempo foram ellas submettidas á triplice influencia dos paes de familia (representados pela auctoridade communal ou municipal), da Igreja, e do Estado em menor gráu. A influencia da familia que é de direito natural, e a da Igreja que decorre de seu mandato divino, tornaram-se preponderantes na maior parte das nações christians; mas, em nossa época, á medida que se desenvolveu a idéa da contralização administrativa, foram gradualmente perdendo terreno em proveito de influencia do Estado.

Assim, actualmente, o regimen mais generalizado é o que submete a escola á fiscalização de um ministro de instrucção publica, auxiliados por conselhos e inspectores.

Está em vigor na Suecia, Noruega, Dinamarca, Prussia, Hollanda, Belgica, França, Hespanha, Portugal, Italia, Austria-Hungria, India, Japão, America do Norte e nas Republicas da America do Sul.

Em alguns paizes, porém, como na França, as auctoridades dos paes de familia, da communa e da Igreja, estão completamente annulladas.

Na Suissa, nos E. U. da America do Norte e na Inglaterra, pelo contrario, este serviço publico não soffre ainda tão rigorosa centralização; mas é visivel que a intervenção crescente do Estado tende a fazer prevalecer, cada vez mais, em seu proveito, um systema de direcção geral.

Ao direito de pae de familia de fiscalizar a escola corresponde a obrigação de dar educação a seus filhos — obrigação de ordem moral, tão restricta quanto a de assegurar-lhes o sustento e o vestuario. Mas deixa ella muitas vezes de ser cumprida — cabendo, então, ás auctoridades religiosa e civil o dever não só de lembrial-a aos paes como de facilitar-lhes o seu cumprimento.

E' de justiça, porém, reconhecer que durante o seculo XIX o sentimento dessa obrigação natural muito se desenvolveu na consciencia geral.

Os governos, entretanto, dominados pelo desejo de augmentar a sua acção, e em vez de influencia moral e dos meios suasorios; decretaram — « o ensino obrigatorio » — com um arsenal de « sancções » mais ou menos rigorosas (França, Suissa, Inglaterra, Italia, Prussia, Portugal, Hespanha, Dinamarca, Suecia, Noruega, Turquia, uma parte da Russia e dos Estados Unidos, Japão, Australia, Mexico e Republica Argentina).

Mas o que succedeu? Verificou-

se, em toda a parte, que a frequencia escolar depende muito mais dos habitos recebidos do que da lei. E os governos, como aconteceu na Hollanda, na Belgica e na Inglaterra, tiveram de relaxar as prescripções legais e appellar para os incitamentos da ordem moral.

A obrigatoriedade do ensino primario teve como corollario a sua gratuidade.

Alguns paizes, como as Americas, adoptaram a gratuidade absoluta do ensino primario publico; outros, taes como a Inglaterra, Belgica, Pavia, Hespanha e Hollanda — só estabeleceram com relação aos indigentes.

Estava, porém, reservado para o seculo XIX o conhecer, desde que o mundo existe, um systema de educação de infancia e da mocidade que não tivesse por base a religião.

A educação sempre foi considerada como inseparavel da instrucção. A familia e a escola, esta prolongamento daquella, não se limitavam a instruir a creança; formavam-lhe o coração, a vontade e o character; ao mesmo tempo que desenvolviam-lhe a intelligencia. O educador partia do principio christão de que a natureza humana, embora boa, em si mesma, é imperfeita, limitada, e inclinada ao mal; e concluiu pela necessidade de luta de espirito contra a materia para alcançar o eterno destino.

Buscava na doutrina, nos exemplos e nos meritos do Redemptor do mundo o auxilio necessario para o bom exito de sua missão.

Veiu o philosophismo do seculo XVIII, e inoculou doutrina nova, inteiramente contraria á do Christianismo. Ensinou, com Rousseau, que o homem nasce bom; que sua natureza nenhuma decadencia soffreu; que não tem absolutamente necessidade de redempção; que a religião nada tem com a sua educação, e que para formal-a basta appellar para os seus bons instinctos.

Era o naturalismo pagão resuscitado, erguendo-se em frente do sobre naturalismo christão, e aspirando nada menos do que supplantal-o na alma dos povos. Fez, pouco a pouco, seu caminho, inclinando-se por um declive logico para os excessos do materialismo e do atheismo; depois, fazendo seu ponto de apoio nas seitas occultas, galgou o poder e fez a guerra em seu proveito. A luta de principios, travada entre elle a religião revelada, arrebentou viva e ardente no terreno da « escola ». A religião educava a creança para o Ceu; o naturalismo pretendeu educal-a unicamente para a terra — appellando unicamente para a razão humana.

A' medida que os Poderes Publicos se apropriaram destas theorias, e lançaram mão da educação da infancia a pretexto de nacionalizal-a, fez-se ella fóra da religião — pondo-se em pratica, mais ou menos, a formula de Condorcet: « a educação publica deve-se limitar á instrucção ».

O systema de educação sem religião fez, então, a volta do mundo na segunda metade do seculo XIX. A « Liga do Ensino », fundada em 1866, empregou prodigiosa actividade na sua propaganda. O auctor desta liga, J. Macé, tinha ensaiado um systema de moral escolar baseado na formula seguinte: « Obediencia á lei do dever sem acceitação de sua origem divina e sobrenatural ». Era, na verdade, um ensaio de religião leiga do ideal moral, sem dogmas, sem milagres e sem padres. Quasi por toda a parte fizeram os Poderes Publicos a revisão das respectivas legislações nesse impio sentido; restringiram, propositalmente, os direitos dos paes, alargaram os do Estado, e applicarem as theorias naturalistas com a fallaz denominação de « neutralidade escolar ». Esta neutralidade foi proclamada pelos Paizes-Baixos, desde 1806, e renovada em 1857 e 1878:

pela Baviera em 1866; pela Austria em 1869; pela Prussia em 1872; pela Italia em 1877; pela Belgica em 1878; pela França em 1886, e, no mesmo tempo por diversas Republicas da America do Sul. Poucos Estados (Hespanha, Russia, Grecia, Canadá) mantiveram a religião como base da escola publica. Em outros, o ensino religioso foi supprimido, excluida a auctoridade do Clero, e em alguns até o proprio nome de Deus foi banido.

Si esta neutralidade foi uma obra de odio, em certos paizes (França, Belgica, America do Sul), em outros (Hollanda, Inglaterra, Estados Unidos) foi o resultado de um compromisso entre adherentes de diversos cultos — sem implicar hostilidade contra o principio religioso. Os proprios Catholicos nos Estados Unidos, principalmente, della se declararam partidarios como meio de preservar seus filhos de um ensino heterodoxo. Mas a experiencia cedo demonstrou que este systema, ainda quando posto em pratica com o proposito de mutua tolerancia, descamba na irreligião ou pelo menos na indifferença religiosa — tão fatal aos costumes quanto ás creanças.

As estatisticas officias, com effeito, revelaram bem depressa uma estreita correlação entre a execução de « neutralidade escolar » e o desenvolvimentto da criminalidade nos jovens, sobretudo, mesmo nas creanças. Privada das salutare licções de fé, unicas capazes de agir efficazmente sobre a consciencia, a joven geração moral pressa de quebrar todo o freio moral e de precipitar-se em todos os excessos. Os roubos, os attentados ao pudor, os assassinatos, os suicidios, as ameaças contra a ordem social illuminaram com sinistro clarão o vicio radical de educação sem Deus — e arrancaram de seus partidarios intimas confissões, que não tiveram ainda coragem de tornar publicas « Quizes-tes que a instrucção fosse leiga, exclamou Jaurès (discurso na Camara

dos Deputados—Jornal Official, Dezembro de 1893), interrompestes a velha canção que embalava a miséria humana, e a miséria despertou contra vós, e a miséria se ergueu diante de vós! Sois vós que elevastes a temperatura do proletariado, e não tendes de vos espantar senão de vossa obra!»

A Igreja, sempre vigilante, nunca deixou de assignalar esse perigo moderno aos povos christãos.

Pio IX e Leão XIII, em mais de dez actos solemnes, condemnaram formalmente o regimen das escolas neutras por ser prejudicial á fé, impotente para formar consciências e compromettedor da pureza dos costumes—aconselhando vivamente ás famílias que assegurem a seus filhos o beneficio de uma educação francamente religiosa.

Tão funesta experiencia, e tão salutaros conselhos, não despertarão os Christãos?

E' de esperar—em vista do movimento ultimamente operado.

De um lado, a quasi totalidade dos Estados começaram a reconhecer o seu erro. Alguns, como a Belgica, em 1884; Luxemburgo, 1897—re-admittiram a religião como base da escola publica: outros, como a Hollanda, a Inglaterra, os Estados Unidos—sem renunciar a neutralidade de suas escolas officiaes tomaram medidas para facilitar o ensino da religião e para favorecer a criação de escolas livres confessionaes, ás quaes subvencionam até.

De outro lado, a poderosa reacção universal contra a corrente irreligiosa imposta á instrucção popular tornou suspeitas as escolas officiaes, e suscitou em nome da liberdade uma multidão de escolas confissionaes.

Actualmente, pois, em quasi todos os paizes civilizados, acha-se de novo a religião (em graus diversos) como base da educação popular.

(Continua)

A psychologia dos povos europeus

I

Subordinado a este titulo e estudando o livro do sr. Alfredo Fouillée, *Esboço psychologico dos povos europeus*, publicou o sr. Pierre Leroy Beaulieu no *Economiste Français* o seguinte artigo:

«Não sómente os estudos de psychologia individual, tambem os de psychologia collectiva têm tido nos ultimos tempos o maior desenvolvimento. Esses estudos adquirem consideravel importancia perante a historia, a politica, digamos mesmo, a economia politica applicada. A psychologia das multidões, muito distincta da dos individuos que as compõem, acha-se hoje scientificamente conhecida. O publico, que não é exactamente a multidão e até ás vezes (o publico dos jornaes, por exemplo) representa apenas uma agglomeração, teve a sua psychologia abordada na notavel obra do sr. Gabriel Tarde, que nestas mesmas paginas apreciamos. A psychologia das multidões e a psychologia do publico esclarecem extraordinariamente a historia das revoluções, das guerras, das grandes transformações sociaes e nenhuma serie de conhecimentos será mais util aos homens de Estado e aos historiadores que essas novas indagações da sciencia. Não menos instructiva e sem duvida mais importante ainda, não só para os que se orgulham de dirigir o mundo como para aquelles que estudam a maneira como elle é dirigido, é a psychologia dos Povos. Essa foi longamente discutida, antes da do publico ou das multidões. Não ha viajante ou historiador que não dedicasse alguns traços; para que, porém, se torne possivel tratá-la scientificamente é preciso conhecer scientificamente tambem, os diversos

factores que determinam essa psychologia collectiva; primeiro a psychologia individual, depois as condições do meio geographico e climatico que tão fortemente actuam no caracter dos homens, as proprias raças; todos esses conhecimentos estavam por adquirir, ou delles havia uma noção muito imperfeita, sobretudo no que diz respeito ás raças, até fins do seculo XIX. Finalmente, é preciso conhecer, de maneira bastante completa, os factos pelos quaes se manifesta essa psychologia dos povos, os seus actos cujo movel se possa discriminar; a sua historia, a sua literatura, a sua forma de governo, os seus costumes. Tudo isto só em nossos dias foi sufficientemente obtido, e assim a psychologia dos povos só em nossos dias pôde legitimamente aspirar á classificação de sciencia.

O interessantissimo trabalho que o sr. Alfredo Fouillée acaba de publicar com o titulo *Esboço psychologico dos povos europeus* mostra claramente que não exaggeramos ao dizer que o assumpto constitue hoje em dia uma verdadeira sciencia. Sem duvida, não nos é permittido ainda considerá-la definitivamente constituída, mas qual a sciencia que se possa dizer definitiva? A psychologia dos povos não o está talvez tanto como outras, porque é mais complexa, tanto mais complexa quanto mais avançados sejam os povos de que se trate, entre os quaes os individuos, as profissões, as classes sejam mais separados; não se pôde, porém, negar que muitos pontos estejam conquistados depois de se haver lido o livro do sr. Fouillée.

Inutil seria procurar uma rigorosa precisão nos resultados de tal estudo. «Um esboço, diz o sr. Fouillée, é preferivel a um retrato generico muito acabado, por isso mesmo arbitrario em demasia e cheio de minucias tanto mais contestaveis quan-

to mais numerosas forem e mais particulares. Nunca um povo entrará numa fórmula precisa e estreita; ha de forçosamente transbordar.»

Ora, se realmente convém não cair em exaggeradas minudencias, é igualmente necessario evitar o outro extremo, considerar impossivel o desenho, embora a traços largos, do caracter dos povos; tal principio levaria a não ver na sua psychologia collectiva sinão o objecto de um estudo completamente vão. No seio de um povo podem existir grandes diferenças individuaes que chegam quasi a esconder os caracteres comuns dos individuos que delle fazem parte; pode mesmo haver, e de certo ha, alguns francezes, por exemplo, que sintam, pensem e procedam exactamente como certos allemães ou certos italianos; entretanto esses casos constituem apenas raras excepções. E' preciso, sem duvida, não esquecer que elles existem e são importantes, tendo, porém, o cuidado de não permittir que mascarem o conjuncto, o fundo commum, que é o objecto verdadeiramente digno de estudo. Desse estudo resultará um retrato talvez um tanto indeciso, apagado, apresentando menos relevo, contrastes menos energicos de luz e sombra de um retrato individual, qual quer cousa á maneira de uma photographia composta; todavia, dará os caracteres fundamentaes de cada povo e será ainda extremamente interessante e util de conhecer.

«Tanto mais necessario se torna em França estudar a psychologia dos povos quanto é certo que um dos traços do nosso temperamento nacional é a propensão para julgar os outros segundo nós mesmos.» E' bem verdadeira esta observação do sr. Fouillée, cuja importancia elle claramente expõe, juntando-lhe a seguinte reflexão do Principe de Bismark: «Conhecer os caracteres dos povos é tão essencial como conhecer

os seus interesses.» Não será a opposição destes dous estados de espirito — a nossa ignorancia dos caracteres nacionaes, o nosso desdem por esse estudo e, de outro lado, o conhecimento que do nosso caracter assim como do de outros povos possuem os grandes homens de Estado dos paizes vizinhos — a causa fundamental dos desastres que a França tem soffrido? Assim, o sr. Fouillée tem muita e muita razão quando diz que se tornará util ao seu paiz quem lhe fizer comprehender «como os povos que nos cercam, principalmente os nossos vizinhos mais chegados, a Allemanha, a Inglaterra, a Italia, e até a nossa longinqua alliada, a Russia, differem do nosso; como na nossa vida internacional devemos tomar sentido com essas differenças; como ellas se nos impõem até a vida nacional. E' uma utopia acreditar que tudo podemos fazer e tudo ousar como se nos achassemos sózinhos no mundo, ou fossemos uns sem patria.»

Por esta maneira de vêr, o livro vem rigorosamente a proposito. Parece que soffremos actualmte em França mais uma dessas crises que tão fataes nos têm sido e durante as quaes nos alimentamos de «visões sentimentaes, sonhos cavalleirescos, utopias equalitarias e humanitarias, em lugar de indagar com que especie de homens e de povos estamos tratando, o que nós proprios somos e o que são esses que nos rodeiam...»

E' reconfortante vêr um philosopho como o sr. Fouillée, um verdadeiro «intellectual» em toda a extensão e nobreza do termo, julgar dessa energica maneira as doutrinas dissolventes que certos rhetoricos desejariam aclimatar entre nós, e assignalar o perigo das experiencias ás quaes nos arrastariam. «Convertem em ingenuidades as mais nobres idéas e, sob o pretexto de que a ovelha é moralmente superior ao

lobo, emprazam-nos a que nos façamos ovelhas e pelos lobos nos deixemos devorar. Assim contam impôr uma pretensa philosophia humanitaria sem lhes passar pela cabeça que as nações vizinhas adoptam exactamente a philosophia anti-humanitaria, apoiada a innumerados canhões e a sempre crescentes massas de soldados. Estudemos, pois, essa philosophia dos nossos vizinhos e o seu caracter, esforcemo-nos por conhecer os moveis que os fazem agir, e delibermos de nossa parte agir conforme o resultado da investigação. Mais valerá isso, com certeza, que fazer a abstracção da sua existencia e abandonar-nos aos nossos sonhos humanitarios, cujo despertar será terrivel. *Primo vivere, deinde philosophare*, aconselha o velho axioma. Ou mais propriamente: entreguem-nos á boa e sã philosophia que nos ensina a assegurar a nossa vida; ora, para isso, cumpre antes de tudo saber com quem vivemos.

Que é que determina a psychologia, a feição particular da alma de um povo? Nesta materia convém distinguir, como o fazia Augusto Comte em sociologia, os elementos staticos e os elementos dynamicos. Os primeiros, que são a raça e o meio physico, permanecem invariaveis para um dado povo habitando um dado paiz, ou variam muito lentamente: até certo ponto o meio pôde ser modificado pela civilização; a raça—ou antes, o conjuncto de raças que formam a nação, pois parece que em todos os paizes do globo ha hoje muitos elementos ethnicos misturados—egualmente se modifica, pelos cruzamentos primeiro, depois pelo desigual crescimento das diversas raças componentes. Essas raças que aqui analysamos não são as raças historicas, no sentido em que hoje se diz—raça latina, raça germanica, raça slava; mas as primitivas raças, as quaes a anthropologia

conduz todos os elementos que actualmente se encontram na Europa: o dolichocephalo louro (*Homo Europaces*), o brachycephalo trigueiro (*Homo Alpinus*), o dolichocephalo trigueiro (*Homo Mediterraneus*). O sr. Fouillée recusa-se, e a nosso vêr com grande razão, a conceder a essas influencias de raça grande importancia para a psychologia e o desenvolvimento dos povos. Hoje tornou-se uma especie de moda louvar a superioridade dos dolichocephalos, dos dolichocephalos louros principalmente, o que combina com as theorias em voga acerca da superioridade dos anglo-saxões. Entretanto, os mesmos anthropologistas que assim exaltam as qualidades dos dolichocephalos, constataam que desde os tempos prehistoricos o indice cephalico tende a augmentar constantemente por toda a parte e se produz uma alta universal de brachycephalos. Como, entretanto, a civilização tem avançado prodigiosamente, podemos dizer, como o sr. Fouillée, que é difficil tomar a serio um phenomeno assim universal e que exactamente coincide com o universal desenvolvimento das intelligencias.

Todavia, a raça exerce a sua influencia; talvez, porém, como observa o illustre anctor, a exerça principalmente porque os effeitos sociaes differem segundo o numero e a proporção dos elementos misturados. Ora, em certos paizes a mistura é muito mais violenta que em outros: tal o caso da França, onde existem differenças de physionomia e de estatura, muito consideraveis, entre os habitantes das diversas provincias, onde o indice cephalico varia de 76 a 88 segundo as regiões, ao passo que na Grã Bretanha tal indice quasi se não afasta da média de 77 na Inglaterra, de 78 na Escocia, com raras excepções; e a estatura é ordinariamente a mesma, 1,70^m na Inglaterra, 1,71 na Escocia. E' o typo dolichocephalo louro, de grande estatura, que do-

mina do outro lado da Mancha; na Hespanha, é o dolichocephalo trigueiro, de menor estatura, com homogeneidade ainda superior no que diz respeito a côr dos cabellos, pois ha muito menos hospanhocos louros do que inglezes morenos. Nós francezes somos, ao contrario, um povo mais misturado e muito menos unificado. Como quer que, porém, seja, «as raças europeas são parentés proximos e todas ellas capazes do mais alto desenvolvimento intellectual e social; de mais, as proporções relativas nas misturas nacionaes não vão ao ponto de produzir consideraveis differenças de composição ethnica; não se pôde, por consequencia, considerar nenhum dos grandes povos europeos como victima de incapacidade nativa, nem dizer-lhe em prophecia: «Não passarás dahi.»

Somos, ao contrario, levados a crer (embora nisto de certa maneira discordemos do illustre philosopho cuja obra neste momento meditamos) que o meio physico exerce sobre o desenvolvimento e o caracter uma acção mais profunda do que o Sr. Fouillée suppõe, influencia que lhe é negada sómente porque a theoria da influencia do meio parece um tanto fóra da moda.

Por meio physico é preciso não entender sómente o clima, a situação geographica; são esses, de certo, factores importantes: um clima brumoso e tepido, não conhecendo os extremos de calor nem os do frio, como o da Inglaterra, onde a natureza é bastante cruel para obrigar o homem ao trabalho menos violento, entretanto, para lhe tirar a coragem de o cumprir—parecendo destruir o fructo dos seus esforços, impelle o desenvolvimento da energia humana; o contrario se dá nos climas muito quentes ou muito frios, que condemnam o homem a uma prolongada inacção, o levam á indolencia, e quando muito pôdem desenvolver nelle

uma força de resistencia passiva. Quanto á situação geographica, já tudo se disse da acção que a posição insular da Inglaterra tem exercido sobre os destinos e o espirito do povo inglez; sem que egual influencia se note em outros paizes, o facto de estarem mais ou menos abertos ás invasões, mais ou menos isolados, situados nos confins da civilisação ou bem perto do seu fóco, tem profundamente actuado no caracter dos seus habitantes.

Mas ao lado do clima e da posição geographica estão os recursos naturaes, a fertilidade do sólo, a existencia, maior ou menor abundancia de animaes, de vegetaes, de mineraes uteis principalmente, porque se num paiz se podem mais ou menos aclimatar os animaes e vegetaes uteis que lhe faltem, outro tanto se não póde fazer com os mineraes.

Assim, o povo que no seu territorio não possui algumas dessas preciosidades, está condemnado a ficar eternamente tributario do estrangeiro; e tal caso constitue uma permanente inferioridade. Em cada estado de civilisação ha certas riquezas, certos bens naturaes que são particularmente preciosos, dão aos territorios que em larga escala os contenham, um alto valor, e, por consequencia, aos habitantes desses territorios um elemento capital de superioridade; é que esses povos dispõem das melhores armas conhecidas, na lucta pela vida. Dessas riquezas, desses bens naturaes, o mais util entre todos é a abundancia do carvão de pedra; amanhã será talvez o numero ou a força das quedas de agua. E o Sr. Fouillée lá explica como, pelo facto de ser a Inglaterra a nação mais rica em minas de carvão no momento em que se descobriram as applicações industriaes desse mineral, dahi lhe veio tal importancia e tal engrandecimento. São desses acasos felizes que tão profundamente, ás vezes, influem na vida

dos povos, como na dos liomens. Parece-nos contudo que ha certo exagero de apreciação, quanto á influencia que taes accidentes podem exercer sobre o caracter de um povo.

Sem duvida, para que delles se saiba tirar partido, é preciso que já existam certas qualidades; entretanto, essas qualidades podem desenvolver-se consoante o maior ou menor interesse. O facto de um povo dispôr de elementos que lhe dêem a superioridade economica, incita-o á a trabalhar, pois o seu trabalho será muito mais proveitoso que na circumstancia desse elemento não existir ou ser desconhecido; o espirito de comprehendimento, a confiança propria, a ambição, o orgulho, tudo se desenvolve. Se o conjunto da sociedade britannica parece valer mais hoje que ha um seculo, se ella é hoje mais seria, mais moralizada, o grande impulso que ás suas energias deu o immenso desenvolvimento industrial resultante do emprego das suas enormes riquezas mineraes, produziu, julgamos nós, em grande parte, essa ditosa transformação. Finalmente, a existencia de taes riquezas determina um rapido crescimento da população, a reforma de sua classificação, a formação de grandes agglomerações urbanas que têm talvez os seus defeitos mas nem por isso deixam de ser «centros de contacto, de unificação e progresso sociaes.»

Assim o meio determina, por si proprio, certos factores sociologicos, que são os elementos dynamicos da psychologia dos povos. Taes elementos comprehendem a historia do povo, as suas relações com os vizinhos, o seu interno desenvolvimento intellectual, esthetico e moral. Evidentemente, são os factores sociologicos os mais importantes, os que superiormente se impõem ao estudo e á observação, quando se pretenda definir os traços dominantes da alma de um povo. «O caracter sociologico de um

povo, diz o sr. Fouillée, é a resultante de uma vida em commum através os seculos.»

E' examinado todos esses elementos para trás indicados, que se chegará a determinar «o conjunto de sentimentos e idéas, produzido pela acção do sentimento de cada um sobre todos e do de todos sobre cada um», conjunto que varia de povo a povo, caracteriza um por um, constitue a sua verdadeira consciencia nacional. Agora que expuzemos o methodo por meio do qual se poderá alcançar tal resultado e as bases scientificas da psychologia dos povos, acompanharemos o sr. Fouillée em outro artigo, analysando os seus estudos especiaes sobre os diversos povos europeos, e os retratos, tão interessantes, tão verdadeiros e tão uteis de conhecer, que elle faz dos nossos visinhos.»

(Do *Jornal do Commercio.*)

OS LIVROS E OS BRINQUEDOS

Mr. Camille Flammarion, impressionado com certos presentes dados ás creanças no fim do anno, escreveu o seguinte e curioso artigo, que traduzimos do diario *Le Petit Marseillais*:

«Póde-se ter duvida se a humanidade terrestre é deveras intelligente. Digo humanidade «terrestre», porque ninguem sabe dizer se os habitantes dos systemas de Sirius, de Véga ou de Arcturos ainda estão por lá. O facto é que a humanidade se conduz muito frequentemente como uma pessoa que não raciocina ou que raciocina mal, principalmente na época em que ha o habito de uma ruidosa alegria por ter mais um anno passado sobre as nossas cabeças, isto é, por termos menos um anno

para viver neste mundo incoherente, na época em que ha o habito de trocar presentes, consoadas e lembranças as mais generosas.

Fazei em espirito uma visita ás principaes cidades da Europa, a Berlim, a Colonia, a Vienna, a Milão, Roma, Barcelona, Madrid, Londres, S. Petersburgo, Lyão, Marselha e Pariz, e reparai por simples curiosidade no que dão de festas ás creanças.

Eis aqui livros nas livrarias allemas, inglezas, italianas, hespanholas ou francezas. Folheai-os. Encontrareis nelles estampas. Que representão ellas?

Nesta, védes um navio, cujos marinheiros em linha na amurada fazem fogo sobre outro navio proximo, onde outros marinheiros cahem baleados e envoltos em fumaça; adiante védes levas de prisioneiros conduzidos por soldados; noutra é Frederico o Grande ganhando batalhas; outra representa Napoleão passando uma revista; mais longe o incendio de Moscow, a passagem de Beresina, os Inglezes victoriosos nas Indias, os Allemães victoriosos em Sadowa, os Francezes victoriosos em Sebastopol, os Russos victoriosos em Mandchuria, os Chins batidos e roubados, os Hespanhões conquistando a America, Carlos V. disputando o imperio do mundo a Francisco I, Carlos XII declarando a guerra á Russia, á Polonia, á Dinamarca, á Escocia, contado por Voltaire, etc., etc. Bellos livros illustrados, soberbas edições que extendem sob os olhos das crianças as maravilhas dos grandes morticinios internacionaes, excitam ardores, mostram um rumo á actividade humana, põem heróes em evidencia, costumes militares, trophéos de guerra e fazem o joven allemão inimigo innato do seu vizinho francez, do joven inglez, o presumido senhor do mundo que um dia lhe pertencerá.

Examinando esses livros, pergunta-se quem será mais culpado, se os auctores, se os edictores.

Se reflectissem um pouco, uns e outros perceberiam que prestam máu serviço á instrucção, entretendo por tal modo odios internacionaes, fazendo acreditar ás intelligencias juvenis que a força bruta é nobre e, sobretudo, que ella pôde crear alguma cousa de duravel. A historia ahi está para se contradizer e dar-lhes o diploma de mentirosos.

A Inglaterra tem a pretensão de conquistar o mundo. Entretanto não ha muito, que a America do Norte sacudiu o seu jugo impostor e se declarou livre. No dia em que a India quizer fará a mesma cousa. E se a Inglaterra chegar a estender a sua dominação pela Africa, tudo quanto de abominavel fez em relação ao Transwaal não impedirá que ella perca um dia a Africa como perdeu a America.

Ha nos acontecimentos uma especie de justiça inflexivel. Napoleão bem queria manter o seu imperio; entretanto, o desmembramento fez-se por si. Procurai o imperio de Carlos V! Procurai o de Carlos Magno! Procurai o imperio Romano! Como pôde o historiador ter um só momento de illusão sobre o que durará uma conquista qualquer feita pelas armas?

Decerto, ainda se encontram partidarios do militarismo que declaram isso um excellento exercicio gymnastico para os moços; que acham o corpo humano melhor dentro de uniforme militar do que no traje civil; que entendem até que ser militar é melhor para caçar um dote, e que são precisos soldados para nos defenderem do inimigo.

Aceitamos os primeiros argumentos. Permitti, porém, a observação de que os exercicios gymnasticos podiam ser organizados sob outra fórma, e de que as moças podiam preferir homens de um certo valor pes-

soal a automatos em uniforme. Emquanto escrevo estas linhas passam uns sessenta cavallos sob as minhas janellas; esses cavallos são montados por homens. Todos os dias á mesma hora, no mesmo minuto, elles passam, dous a dous, na mesma marcha, pisando as mesmas pedras. Todos os dias dão a mesma volta no canto da avenida, mudando ahi sempre o rythmo, ao mesmo gesto do braço dos homens a cavallo. Ha mezes e mezes que isso assim se passa, faça que tempo fizer. Não sei de onde, nem para onde vão; mas ha naquillo um mecanismo automatico, banal e pepetuo que, a meu vêr, deve ser horripilante.

E quando se pensa que assim é em toda a França, em toda a Europa, e que os deputados de todos os paizes nos carregam de impostos cada vez mais pesados para darem aos governos meios de pagarem por dia a esses homens e seus cavallos, pergunta-se realmente em que planeta habitamos.

O ultimo argumento é, ás vezes, tomado ao sério por homens graves: são soldados para nos defenderem do inimigo.

E' o argumento patriotico. Mas digei-me, por favor, meu joven prussiano rosado e louro, digei-me onde está esse inimigo contra o qual deveis um dia defender-vos?

E' o joven prussiano, do oito ou dez annos, responderá: esse inimigo é o francez.

E o joven irlandez responderá: esse inimigo é o inglez.

E o austriaco nos responde: o nosso inimigo é o allemão.

E o polaco nos diz: o nosso inimigo é o russo.

E o grego accrescenta: o nosso inimigo é o turco.

E o turco: o nosso inimigo é o armenio.

Em summa, cada um pensa que o

inimigo é o seu visinho. E cada um pensa dessa maneira, por que? Por que assim o educam, porque assim o instruem.

Na verdade não ha inimigos; não haveria se os não creassem.

Os máus educadores da mocidade são os perversos que fundam as nacionalidades no roubo das provincias, no saque e no assassinato.

Póde-se imaginar porventura o que teria ganho a Europa em paz, em tranquillidade, em felicidade, em progresso intellectual, scientifico, litterario, industrial e artistico, si Bismarck tivesse sido asphyxiado no berço por uma providencial migalha de pão?

Quantas centenas de milhares de cadaveres de menos! Quantos milhares de homens a maior!

Desgraçada e funesta educação! Si eu fosse mãe de familia, habitasse a Allemanha, a Inglaterra, a Italia ou a França nunca daria um desses livros de festas a meu filho. Não quereria educal-o para fazer delle um dia um professional da morte, matando ou sendo victima dos collegas. Entenderia que as fronteiras só existem para os malfeitores; é que e verdadeira grandeza de um paiz, está no seu valor intellectual e moral.

De ordinario, as vistas superficiaes não descobrem na guerra senão as apparencias gloriosas. Cada soldado de Napoleão trazia na cartucheira o bastão do marechal. Causavam admiração os generaes com os seus bordados a ouro, os bellos regimentos, as armas e os estandartes; rufavam os tambores, soavam os clarins, as fanfarras militares enchiam os ares do sons musicaes. Tudo isso ainda produz grandio effeito theatral. O que ninguém via, o que ninguém vê, o que se não ouvia, o que se não ouve, são os milhões de mortos estatelados no campo de batalha. Esses não protestam. O bastão de Marechal ficou-lhes na cartucheira.

A justiça e a razão é que protestam por elles.

Não, si eu fosse mãe de familia, não daria de festas a meus filhos nem historias militares, nem soldados de chumbo ou de cartão, nem espingardas, nem sabres, nem regimentos, nem cidadelas.

Espantoso! Hontem, entre os novos brinquedos, eu vi um inglez dando bayonetadas no espaço, um marinheiro disparando um canhão, um chim atravessado por um sabre, contorcendo-se, com os olhos revirados...

Que singulares divertimentos, pensei eu, e que extravagante maneira de instruir o espirito e de alimentar o coração!»

Cumprimentos

Continuámos a registrar em nossas columnas as palavras cheias de animação com que a imprensa, tanto deste estado como dos outros do nosso paiz tem recebido a nossa «Revista».

Do «Bananal»:

REVISTA DE ENSINO. — Temos sobre a nossa mesa de trabalho a *Revista de Ensino*, da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo a qual conta como redactor-chefe o operoso professor Arnaldo de Oliveira Barreto e como redactor-secretario Romão Puiggari.

A excellento revista com o presente numero encetou o seu segundo anno de existencia e oxalá possa ella transpôr muitos anniversarios, sempre punhando pela causa do ensino, tomando como escôpo a defesa da classe a que se consagra, a qual tanto preciza de quem a levante e a colloque acima dos corrillos politicos que cavam sempre a ruina da instrucção.

D'O 15 de Novembro, de Sorocaba :

REVISTA DE ENSINO. — Temos sobre a mesa mais um numero da revista cujo nome nos serve de epigraphe, com o qual enceta o segundo anno de sua publicação.

Como sempre, este numero de tão bem feita revista apresenta-nos uma boa collecção de trechos didacticos e literarios, a par de uma desenvolvida parte noticiosa.

Cumprimentamos a illustrada redacção da «Revista de Ensino» pelo primeiro anniversario da sua publicação, auspiciando-lhe longos annos de uma existencia toda de prosperidades, donde resultará incontestavelmente uma boa somma de inapreciáveis serviços prestados á instrucção.

Do *Correio de Jahú* :

REVISTA DE ENSINO. — O n. 1.º da «Revista de Ensino», organ da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo é uma elegante brochura de mais de cem paginas, nas quaes encontramos excellentes publicações scientificas e pedagogicas interessantissimas, e de variada leitura.

Esta publicação é a prova mais evidente do desenvolvimento moral e intellectual de São Paulo, e honra a classe do professorado paulista, que sabe dignamente comprehender a sua elevada missão na sociedade.

Por emquanto esta revista é bi-semanal e tem á sua frente nomes conhecidos na republica litteraria, quaes são: Arnaldo de Oliveira, redactor-chefe; Romão Puigari, redactor-secretario, Joaquim Luiz de Brito, João Pinto e Silva, João Lourenço Rodrigues, Alfredo Bresser da Silveira, Emilio Mario de Arantes, Ramon Roca Dordal e João Chrysostomo B. dos Reis Junior.

D'O *Republicano*, de Bragança:

Temos sobre a nossa mesa de trabalho o n. 1 do anno 2 da *Revista de Ensino*, publicada pela Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo, e dirigida pelos Professores Arnaldo de Oliveira Barreto, Romão Puiggari e outros.

Com este numero a *Revista* abre o seu segundo anno de existencia, util e proveitosa á classe que representa e ao fim a que se destina.

A sympathia com que tem sido recebida a *Revista* e a larga acceitação que vae tendo, provam de sobejo a proficiencia de quem a dirige e os inestimáveis serviços que está prestando.

Em suas paginas têm sido com superior criterio aventadas e discutidas as mais arduas e momentosas questões de ensino, o que é de incontestavel vantagem para todos que se consagram ao seu estudo e pratica.

Agradecendo a gentileza da visita, auguramos á *Revista* prospero e glorioso futuro.

D'A *Cidade de Cajuru* :

REVISTA DE ENSINO.—Occupando lugar entre as melhores publicações com que temos o prazer de permuttar, temos presente o ultimo numero desta excellent e util revista de ensino, em cuja brochura encontra-se uma escolhida e fina collaboração dos nossos melhores educadores.

Está digna de lêr-se.

D'O *Vassourense*, da cidade de Vassouras:

«REVISTA DE ENSINO».—Encetando o seu segundo anno de fecunda e gloriosa publicidade, chega-nos ás mãos a *Revista de Ensino* da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo; publicação bi-mensal subsidiada pelo Governo Estadual, e de que é redactor-chefe

o sr. Arnaldo de Oliveira Barreto, e redactor-secretario o sr. Romão Puiggari.

E' um fasciculo de mais de 105 paginas, impressas com inexcédível asseio, e illuminadas por brilhantes artigos.

D'O *Progresso de Itatiba*:

«REVISTA DE ENSINO». — Recebemos o n. 1 da «Revista de Ensino» da Associação Beneficente do Professorado Publico do Estado de S. Paulo.

Como sempre, um trabalho importante, esse, em que são collaboradores distinctos professores, taes como Ramon Roca Dordal, que é do nosso publico muito conhecido.

Muito agradecemos a remessa e permutaremos.

Da *Cidade do Amparo* :

«REVISTA DE ENSINO». — Recebemos o primeiro numero desta utilissima publicação pedagogica, correspondente ao 2.º anno.

E' uma brochura de 105 paginas contendo bellos e bem lançados artigos que interessam ao ensino publico.

Agradecendo a remessa do presente numero, felicitamos aos dignos redactores da «Revista» pelo bom serviço que estão prestando á causa da instrucção em nosso Estado.

Do *Correio Paulistano*:

«REVISTA DE ENSINO». — Recebemos o 1.º numero do 2.º anno desta excellent publicação organ da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.

A sua redacção está confiada aos srs. Arnaldo de Oliveira Barreto e Romão Puiggari, contando a *Revista* com diversos outros redactores, todos do professorado paulista.

Como publicação emanada de um

centro de profissionaes que de perto seguem e estudam a questão do ensino, a *Revista* nada deixa a desejar e, talvez, no genero, outra igual não se encontre editada no nosso paiz.

O numero que temos á vista apresenta-nos magnifico summario, em que vêm diversos trabalhos, interessantes todos, e cuja leitura é muito recommendavel aos que não são indifferentes ao ensino e á educação no nosso meio.

Do *Correio do Sertão*, de Santa Cruz do Rio Pardo:

Revista de Ensino, da «Associação Beneficente do Professorado Publico em S. Paulo». Como os anteriores, vem este numero repleto de bons artigos sobre questões geraes, pedagogicos, litteratura, etc.

Da *Gazeta de Piracicaba*:

A esplendida «Revista de Ensino», organ da Sociedade Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo, que se edita trimestralmente na Capital, sob a redacção de intelligentes moços.

Como sempre, o presente numero traz summario attrahente.

D'O *Resistente*:

Veu occupar o lugar de distincção a que tem direito na nossa mesa o n. 1 do segundo anno da magnifica *Revista de Ensino* da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.

Si ha entre nós uma publicação deste genero bem dirigida, é esta *Revista*; os seus artigos e tudo quanto insere obedece sempre ao programma e ao fim a que ella serve.

Como os anteriores, o presente numero é digno de leitura.

D'O *Mogyano*:

«REVISTA DE ENSINO». — Recebemos o primeiro numero do segundo

anno da excellente *Revista de Ensino*, da Associação Beneficente do Professorado Publico do Estado. Traz um magnifico summario e sua redacção, composta de abalisados professores, continúa a elevar a *Revista*—a altura digna de inveja de seus confrades e do progresso deste Estado em tão palpitante assumpto, como seja a instrucção popular.

D'A *Folha*, de Caçapava:

—O n. 1, anno II, da «*Revista de Ensino*», que tem como redactor-chefe o illustrado professor Arnaldo de Oliveira Barreto.

Magnifico como os precedentes está este fasciculo, que contem 100 paginas, illuminadas pelas pennas de distinctos professores.

D'O *Movimento*, de S. Manoel:

Recebemos o n. 1 do 2.º anno, da revista do professorado publico de S. Paulo.

Como sempre muito interessante.

D'O *Rio Novo*, de Minas:

REVISTA DE ENSINO.—Mais um excellento numero da preciosa revista do professorado publico de S. Paulo, veio ornar nossa mesa de trabalho.

Este, como os antecedentes, vem repleto de materia escolhida e sã, valioso tributo para o progresso da instrucção naquelle adiantado Estado.

D'A *Tribuna Popular*:

Entrou no segundo anno de publicação a preciosa «*Revista de Ensino*», organ da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.

O primeiro numero do segundo anno, que temos em mãos, é um bello e eloquente attestado da brilhante acceitação que lhe dá o publico, que assim compensa os esforços daquelles que, nella collaborando, concorrem grandemente á perfectibilidade da instrucção neste Estado.

Felicitações.

D'A *Gazeta de Angra* (Estado do Rio):

De S. Paulo foi-nos remettido o 1.º numero do 2.º anno da *Revista de Ensino* da Associação Beneficente do Professorado Publico do mesmo Estado, publicação bi-mestral, subsidiada pelo respectivo governo.

Redigida com provada competencia, talento e criterio, é a *Revista* feita em um nitido volume de 120 paginas, contendo escriptos de toda a importancia que attestam felizmente que a instrucção publica, aliás um dos mais importantes ramos da publica administração, não tem sido descurada no adiantado e culto Estado paulistano.

Nos é sempre grato noticiar o apparecimento de publicações como esta, uteis e proveitosas ao nosso cultivo e progresso intellectual, e a *Revista de Ensino* do professorado de S. Paulo tem jus a um dos primeiros lugares na nossa modesta bibliotheca.

Saúdando-a com effusão, retribuiremos gostosamente a delicada visita com que vem de distinguir-nos.

D'A *Comarca*, de Dois Corregos:

REVISTA DE ENSINO.—Recebemos o n. 1 do II anno da *Revista de Ensino*, publicada sobre os auspicios da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo, correspondente ao mez de Abril.

Como sempre, este substancioso trabalho é um mimo no genero, graças aos esmeros e dedicação da magna aggremação que impulsiona á luz da publicidade, á sua acurada observação investigadora em prol da grande sciencia pedagogica.

Somos gratos pelo exemplar que recebemos.

Do *Correio Brotense*:

—A esplendida *Revista de Ensino*, da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo, publicação bi-mestral, subsidiada pelo governo do Estado. Gratos.

Da *Gazeta Semanal*, Pindamonhangaba:

REVISTA DE ENSINO da Associação Beneficente do professorado publico de S. Paulo. Recebemos o 1.º numero do 2.º anno de publicação desta importante e utilissima revista bi-mestral que, sob a redacção dos distinctos e laboriosos professores Arnaldo Barreto, Romão Puiggari, Joaquim de Brito, João Pinto e Silva, João Lourenço Rodrigues, Alfredo Bresser, Emilio Arantes, Ramon Rocha e João Chrysostomo dos Reis Junior, se publica em S. Paulo, subsidiada pelo Governo.

Agradecemos a remessa da necessaria publicação, que muito honra a instrucção publica do nosso Estado.

D'O *Araguary*:

REVISTA DE ENSINO:—Recebemos o n. 1.º do 2.º anno desta interessante e util publicação da Sociedade Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo, sob os auspicios do governo do mesmo Estado.

O fasciculo a que nos referimos contem 105 paginas de materias todas instructivas.

A' testa de sua redacção está o sr. Arnaldo de Oliveira Barreto.

Honra-nos immensamente a permuta.

D'A *Comarca*, de Mogy-mirm:

«REVISTA DE ENSINO.—Brilhante como todos os do anno anterior, é o numero 1 da *Revista de Ensino* da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo, exemplar inicial do segundo anno e correspondente aos mezes de Março e Abril.

A querida revista, que honra á classe distincta de cujos esforços nasceu e do Estado em que é publicada, apresenta em sua primeira pagina as seguintes linhas:»

Reproduz o nosso artigo de fundo, e continúa;

Nada mais se poderá dizer, em

justo elogio á já gloriosa *Revista de Ensino*, acima ditadas por quem conscientemente sabe quanto trabalhou num anno de luctas e quanto aproveitou desse digno e insano labor, a instrucção publica, no mesmo periodo, assim—valentemente defendida por paladinos intemeratos da mais santa das cruzadas—o ensino.

Mais uma vez e entusiasticamente saudamos á illustre redacção da *Revista de Ensino*.

D'O *Taubateano*, de 30 de Abril:

IMPRESSOS:—Mais um numero esplendido da *Revista de Ensino* temos em mãos. Numero de anniversario, pois completou seu segundo anno de publicação proveitosa a 2 do mez que finda hoje, a *Revista de Ensino* se nos apresentou com 105 paginas de cheio, afóra as de annuncio e capaçaõ, nitidamente impressas, contendo artigos traçados por mãos de mestres, versando sobre instrucção, litteratura, sciencias e artes.

E' um numero digno de leitura e que attesta exuberantemente a bõa orientação dada á *Revista* pelos dignos professores, interpretes dos interesses da classe a que pertencem e devotados á instrucção publica que prepara nas creanças de hoje os cidadãos do futuro, defensores da patria extremecida.

Desejamos á *Revista de Ensino* prolongada vida e saudamol-a contentes pelo seu primeiro anniversario.

D'O *Novidades* de 3 de Maio:

—REVISTA DO PROFESSORADO PUBLICO.—Recebemos um dos seus melhores numeros, não só quanto a artigos do maior interesse e actualidade, como quanto a nitidez e capricho em toda a sua organização.

D'O *Jundiayense*, de 3 de Maio:

REVISTA DE ENSINO.—Recebemos o ultimo numero desta revista pedago-

gica. Como sempre, muito agradável e illustrada por bellos talentos.

—
Correio Municipal, Guaxupé, Minas:

REVISTA DE ENSINO. — De ha muito é conhecido o cuidado que dedicam os governos do Estado de S. Paulo á instrucção publica, parecendo mesmo que é essa a suprema preocupação de todos elles.

Prova eloquente do que referimos, deu ao povo mineiro, em seu brilhante relatorio, apresentado ao Presidente deste Estado, o nosso illustre confrade Major Estevam de Oliveira.

O professorado alli é illustrado, diligente e acatado.

A união existe entre a classe e por isso é altiva e impõe-se, delibera, age e espalha a instrucção, quer em associações quer na imprensa.

E a prova disso temol-a aqui exuberante e bella, folheando a *Revista de Ensino*, publicação da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo, redigida por uma pleiade brilhante de amestradas pennas, sob a direcção competentissima de Arnaldo de Oliveira Barreto e Romão Puiggari.

Encheu-nos, deveras, de prazer a

leitura das paginas dessa magnifica *Revista* que nos deu a honra insigne de uma visita; e a par dos votos sinceros que fazemos pela sua prosperidade e das saudações que dirigimos aos seus illustres redactores, endereçamos um bravo ao Governo daquelle Estado, que reconhecendo o valor dessa publicação, não regateou um subsidio para a sua manutenção.

Que continue a *Revista* a nos visitar, porque com isso nos dará prazer e honra.

—
Da *Escola*, Pará :

REVISTA DE ENSINO de São Paulo. — Recebemos esta importantissima *Revista*, orgão do professorado publico, subsidiada pelo Governo do Estado. Os numeros que temos á vista de 1 a 6, cheios de artigos proficientemente redigidos, demonstram não só a real e incontestavel competencia de seus auctores, mas ainda a grande superioridade d'aquelle Estado em materia de instrucção popular.

Cada fasciculo, de cento e cinquenta a duzentas paginas, é um repositório de idéas sãs e conhecimentos uteis, que muito honra a Instrucção Publica de nosso paiz.

Agradecemos desvanecidos a remessa de tão notavel publicação.

Grande Patria

—
A grande Patria, senhores,
Onde o saber se acrysolá,
Tem como livros as flôres,
Tem como flôres — a escola.

Côro — Somos hoje, assim dizemos,
Flôres desta madrugada,
Porém, amanhã, seremos
Guerreiros de outra cruzada.

Cruzada que não tem cruces,
Guerra que o sangue não tem;
Nessa batalha de luzes
Espalharemos o bem.

Côro — Seremos nós no futuro
Quem, de victoria em victoria,
Escalaremos o muro
Do livro grande da historia.

Corre a lagrima da idéa
Na batalha espiritual;
Seja a lucta uma epopéa,
Luctemos pelo ideal.

Côro — Somos hoje, assim dizemos,
Etc.

JULIO PRESTES.

GRANDE PATRIA

(OFFERECIDO A EX.^{ma}. SR.^a. PROFESSORA D. EUNICE CALDAS)

Letra de JULIO PRESTES

Musica de JOSÉ CARLOS DIAS

Moderato

INTRODUÇÃO

CANTO

mf
A gran--de Pa--tria Se - nho - - - res,

PIANO

mf
A gran - de Pa - tria se - - - nho - - - res,

f
On - de o sa - ber se a - cry - - - so - - - la

pp
Tem co - mo li - vros as flo - - - res,

p
On, de a - sa - ber-se a - cry - - - so - - - - - la,

mf
Tem co - - mo li - vros as flo - - - - res,

p
Tem co - mo flo - - res a es - - co - - - - - la,

Côro all.º

f
Tem co - mo flo - res a es - - - - - la So - - mos

ho - je as - sim di - - - - - ze - - - - - mos

Flo - - - - - res des - ta ma - dru - - - ga -

da, Po - - rém a - - ma - - nhã se -

re - - - - mos, Guer - - - - rei -

ros de ou - tra cru - - - - za - - - - da.

rall

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

POSTO MEDICO

São medicos da Associação:

DR. CARLOS MEYER

E' encontrado em sua residencia, a rua Amaral Gurgel, 16 (villa Buarque), todos os dias, até ás 9 horas da manhã.

O dr. Meyer promptifica-se a fazer visitas diurnas ás familias dos associados, na Capital, pelo preço de 5\$000.

DR. GABRIEL CESARIO DE FREITAS

RESIDENCIA: Rua Ypiranga n. 28.

Dá consultas aos associados, do meio dia á uma hora da tarde.

DR. ALVARO DE OLIVEIRA RIBEIRO

RESIDENCIA: Rua Victoria, 156 (Pharmacia da Fé).

Dá gratuitamente consultas aos associados.

DR. ROBERTO GOMES CALDAS

RESIDENCIA: Rua S. Bento, 38.

Dá consultas aos associados e faz visitas diurnas ás suas familias pelo preço de 5\$000.

PHARMACIAS

Fornecem medicamentos aos associados, com abatimento de 20%:

Pharmacia de Santa Thereza de IGNACIO PUIGGARI, á rua Santa Thereza n. 9.

Pharmacia e Drogaria de José SANTOS & COMP., á rua de S. Bento n. 66.

Pharmacia Assis, de C. DE ASSIS RIBEIRO, á rua 15 de Novembro n. 2.

CIRURGIÃO DENTISTA

O cirurgião dentista, sr. JAYME TEIXEIRA, presta aos associados os serviços de sua profissão, fazendo abatimento nos preços e com a facilidade de serem os respectivos pagamentos feitos em prestações mensaes.

GABINETE E RESIDENCIA: Rua General Jardim n. 73, canto da rua Cesario Motta.

CONSULTAS: das 8 ás 10 da manhã, e das 11 ás 5 da tarde.

TERRENOS NO YPIRANGA

Acham-se na Secretaria da Sociedade os recibos das futuras prestações.

O segundo sorteio mensal de bonificação effectuou-se no domingo, 26 de Abril, conforme disposição da respectiva clausula. O prazo para as inscrições ultimou a 15 do mez de Março proximo passado.

O terceiro sorteio teve lugar a 25 de Maio, sendo premiado o n. 286 pertencente ao sr. Arthur Soares, ao qual coube o lote n. 291.

Para quaesquer informações, os interessados podem dirigir-se ao sr. Antonio Peixoto, 1.º secretario.

MORDOMAS

Junho:--D. Maria Minervina Payão
Julho:--D. Delphina Lemos.

NOTICIÁRIO

Publicações.

Recebemos e agradecemos: — *Gazeta de S. João*, de S. João da Boa Vista; *O Mogyano*, de Mogy-mirim; *A Opinião*, de Cascavel; *O Republicano*, de Bragança; *A Verdade*, de Taubaté; *Correio de Jahú*; *Tribuna Popular*, de Itapetininga; *O Progresso*, de S. José dos Campos; *Cidade de Cajurú*; *Correio Brotense*; *A Epoca*, da Capital; *Araguary*; *Correio Municipal*, de Guarará; *A Fé*, do Rio de Janeiro; *O Friburguense*, de Nova Friburgo; *O Vassourense*, de Vassouras; *Gazeta de Angra*, de Angra dos Reis; *O Crepusculo*, de Laguna; *Leituras Religiosas*, da Bahia; *Centro Caixeiral*, do Maranhão; e *O Alumno-Mestre*, de Belem do Pará.

Da Bahia nos foi remetido o jornal *Leituras Religiosas*; e da Villa S. Francisco de Paula, Estado do Rio, a *Comarca*, solicitando ambos permuta com a *Revista*.

R. Puiggari.

Devido aos seus muitos affazeres, deixa de ser redactor-secretario da *Revista* o nosso distincto companheiro, prof. R. Puiggari, sendo esse cargo, d'ora em diante, confiado ao illustre professor, sr. João Pinto e Silva.

R. Puiggari, entretanto, continuará a collaborar effectivamente na *Revista*, prestando-lhe o brillantismo do seu talento e dedicação.

Agradecimento.

Agradecemos aos distinctos collegas *Gazeta de Piracicaba* e *O Jundiayense* a transcripção, que fizeram, da poesia de René Barreto, publicada no nosso numero passado, e á *Tribuna Popular*, de Itapetininga, a gentileza de trasladar para as suas columnas a *Divagação* de J. Paixão.

Prof. Horacio Scrosoppi.

Nas *Cartas anepigraphas*, deste nosso illustre amigo e collaborador, sahidas no numero passado da *Revista*, escaparam alguns erros de somenos importancia.

Cumprê tambem declarar que a graphia da palavra *letra*, com um *t*, conforme lá sahio, é a adoptada por esta redacção, pois que no original enviado pelo illustre escriptor, aquella palavra estava graphada com dous *tt*.

Primeiro livro de leitura.

A proposito desta sua publicação didactica, além das muitas cartas de felicitações, que têm recebido de profissionaes distinctissimos, os nossos prezados collegas, srs. R. Puiggari e Arnaldo Barreto, receberam dos Exmos. srs. drs. Presidente do Estado e Secretario do Interior, as cartas abaixo, que mais uma vez vêm patentear o interesse e sympathia que os dignos cidadãos ligam ao nosso professorado e ao ensino publico.

Por ahi verão os leitores que as insinuações visando desconceituar o professorado publico aos olhos do governo, não têm o minimo valor.

Eis as cartas:

« Aos illustres e dignos professores, srs. Arnaldo Barreto e R. Puiggari, Bernardino de Campos cumprimenta e, agradecendo a offerta do seu interessante e util « Livro de Leitura », felicita-os pela importante contribuição prestada á nossa literatura pedagogica ».

« Ill.^{mos} S.^{rs} Arnaldo Barreto e R. Puiggari.

Muito e muito lhes agradeço o exemplar do seu « Primeiro Livro de Leitura ».

Pelo que delle já li, convenço-me de que os srs. fizeram um trabalho realmente digno dos seus auctores, tendo sido correspondidos, como mereciam, na parte material, pelos editores. Sahiu um livrinho bonito e attrahente devéras. Meus parabens. E meus agradecimentos pelos termos archi-generosos da dedicatória.

De Vv. Ss. Att.º Am.º Obr.º.

BENTO BUENO. »

Abundancia de materia.

Por abundancia de materia, deixamos de publicar neste numero muitos artigos que temos em mãos, e entre elles todos os artigos sobre critica de livros didacticos.

Pedimos mil desculpas aos seus respectivos auctores.

Grupo escolar de Mogy-mirim

Por nos ter chegado tarde ás mãos, deixamos de estampar no presente numero a photographia do Grupo escolar de Mogy-mirim, o que faremos no proximo.

Valentim Magalhães.

Com a morte de Valentim Magalhães a 17 do corrente, na Capital Federal, perdeu a nossa literatura uma das suas mais bellas figuras.

Desde moço dedicou-se ás letras e, pelo seu talento invejavel e pelo seu proprio esforço, porque elle foi antes de tudo um luctador, chegou a occupar logar proeminente entre os nossos melhores escriptores.

Ante o tumulo do malgrado poeta e prosador, a « Revista de Ensino » curva-se reverente, e á Excma. familia e á Academia Brasileira de Letras, da qual o finado era um dos mais bellos ornamentos, envia os protestos do seu mais profundo pezar.

Grupo Escolar de Bragança.

Realizou-se em Bragança o festejo civico promovido pelo professor Joaquim Pereira da Costa, digno director do Grupo Escolar dessa cidade, e pelos alumnos deste acreditado estabelecimento de instrucção publica, para solemnisar a data de 3 de Maio.

Acompanhados da banda musical « 15 de Outubro » e de numerosa multidão de patriotas, os alumnos partiram ás quatro horas do edificio do Grupo, abrindo o prestito um lindo estaudarte alçado por uma gentilissima alumna.

Em frente a casa do dr. Juiz de Direito, após o hymno nacional, saudou-o o intelligente alumno Ducidio Costa, respondendo em seguida o dr. Villaça em arrebatados termos de patriotico enthusiasmo, agradecendo-lhes a saudação e associando-se ao justo regosijo que invadia o coração da mocidade bragantina, no dia duas vezes memorando — 3 de Maio !

Saudou a Camara Municipal o intelligente menino Fernando Fragali, respondendo-lhe o illustre advogado

Vicente Guilherme; em frente da *Cidade de Bragança* falou o habil sr. Tancredo Coelho, recitando com muita correção um bello discurso; de uma das janellas do edificio orou o sr. Ernesto Penteado. O Gremio Commercial foi saudado pelo intelligente alumno Antonio Fragali e da saccada do edificio falou o dr. Joviano Telles, seu presidente. A directoria offereceu ao orador do Grupo Escolar um lindo ramallete de flores naturaes.

Desfilando o prestito civico, parou em frente áquella redacção, e com palavras captivadoras e de summa benevolencia, saudou-a o talentoso alumno José Russomano, sendo suas ultimas palavras cobertas de palmas. Agradeceu-lhes em breve allocução o sr. dr. Jeronymo da Cunha.

A auctoridade policial foi saudada pelo intelligente Leoncio Leme, agradecendo-lhes em nome do Capitão delegado de policia o illustre advogado Genezio do Amaral.

Finalmente, o intelligente alumno José Benedicto Gomes saudou o Club Literario, respondendo-lhe o seu presidente, advogado Vicente Guilherme.

Como ameaçasse chover, dissolheu-se em frente do Grupo, o prestito infantil, deixando nalma de todos gratas recordações.

Nossos parabens ao illustre Director do Grupo e ao esforçado corpo docente, que promovendo festejos de tão alta significação, arraigam no coração da mocidade o patriotismo, o amor ás datas gloriosas.

E. complementar de Campinas

Realizou-se no dia 13 de Maio, a data aurea da confraternização dos brasileiros, a inauguração da escola complementar de Campinas, dirigida pelo nosso illustre collega, sr. Antonio Alves Aranha.

Foi uma festa imponentissima, que mais uma vez veio provar o inte-

resse que o governo e o povo paulista ligam á nossa já invejavel ins-tituição publica.

Afim de receber o sr. dr. secretario do Interior e Justiça organizou-se, em frente da Escola Complementar, um extenso e bellissimo prestito, na seguinte ordem:

Alumnos e alumnas da Complementar, do Asylo de Orphams, segundo grupo escolar, meninas e meninos (estes uniformizados militarmente), primeiro grupo escolar, do mesmo modo que o segundo, cujo aspecto marcial, ao rufar dos tambores e ao clangor das cornetas, chamava a attenção publica, escolas municipaes Corrêa de Mello, Ferreira Penteado, do Taquaral; algumas escolas isoladas, trazendo quasi todas vistosos estandartes.

Abria o prestito a banda de musica União Operaria. Acompanhavam os respectivos alumnos os directores e professores, assim como diversos membros da mesa da Santa Casa (conduzindo as meninas do Asylo).

Era extraordinaria a affluencia de povo nas ruas por onde passou o prestito.

Na estação, ao chegar o comboio em que foi o dr. Bento Bueno, se achavam a camara municipal, auctoridades judiciais, policiaes, os juizes de paz, directorio politico, commissão sanitaria, administração da Misericordia, dr. director e lente do Gymnasio, representantes da imprensa e de outras corporações, além de uma massa compacta de populares. A força publica, ao mando do sr. tenente Silva, prestou as devidas continencias e duas bandas de musica executaram o hymno nacional, sendo erguidos vivas ao dr. presidente do Estado e ao dr. secretario do Interior e outros.

Sahindo de carro, s. exa. passou entre alas de muitas centenas de crianças, sendo-lhe atiradas muitas petalas de flores, manifestações a que s. exa. agradeceu.

Uma recepção verdadeiramente significativa, e, entre as de character escolar, que temos observado, foi esta a mais numerosa.

A s. exa. foi offerecido o carro, dirigindo-se então o dr. Bento Bueno á residencia do sr. Quirino dos Santos, até onde foi acompanhado por varios cavalheiros.

Os alumnos dos diferentes estabelecimentos dirigiram-se até a frente do edificio da escola complementar, de cuja sacada o sr. Antonio Alves Aranha, director do estabelecimento, agradeceu o concurso de todos que contribuíram para o brilhantismo da recepção, dissolvendo-se o prestito em seguida.

Logo depois de sua chegada, o sr. dr. Bento Bueno foi á repartição da Commissão Sanitaria, sendo recebido pelo dr. director e mais medicos.

Á 1 hora da tarde, achando-se repleta as salas da escola, destacando-se alli elevado numero de exmas. senhoras, as auctoridades, directorio, magisterio, etc., chegou o dr. secretario do Interior e Justiça, sendo recebido ao som do hymno nacional e ao troar de uma salva de bateria.

Ao penetrar no salão principal irrompeu geral saudação em prolongada salva de palmas.

Assumiou s. exa. a cadeira para presidir a sessão, tendo á esquerda o sr. dr. Candido Gomide, presidente da camara municipal, e á direita, o sr. Alves Aranha, director da escola.

Declarada aberta a sessão, o sr. dr. Antonio Lobo leu um officio por meio do qual diversos cavalheiros offereciam áquelle estabelecimento os retratos dos srs. drs. Bernardino de Campos e Bento Bueno, e que nesse momento foram apresentados, decerando as cortinas que os cobria o sr. director Aranha.

Foi ouvido o hymno nacional e nova salva de palmas, troando a bateria em frente ao edificio.

Seguiu-se: exposição por parte do sr. director dando conta do estado actual do estabelecimento; discurso do sr. dr. Antonio Lobo, repassado de justas considerações, como representante da camara municipal; hymno 13 de Maio cantado pelas alumnas, com acompanhamento de pequena orchestra; eloquente discurso pelo sr. dr. secretario do Interior, hymno da escola, cantado pelas alumnas, sendo em seguida encerrada a sessão por s. exa.

De tudo lavrou-se uma acta que foi assignada.

Em nome das alumnas foi o exmo. dr. Bento Bueno saudado em brilhante allocução pela distincta senhorita Zuleika Santos.

O recinto estava elegantemente adornado, destacando-se a grande quantidade de flores e festões existentes nas salas.

Ás tres horas da tarde, numa das salas do vasto predio, foi offerecido delicado lunch a s. exa., que se sentou ao tópo da mesa, tendo á sua esquerda o sr. dr. C. Gomide presidente da camara, e á sua direita o sr. Coelho Netto, conhecido homem de letras.

Actos officiaes

Dia 28 — MARÇO. — Declarou-se ao director do Gymnasio de Campinas, em resposta ao seu officio de 24 do corrente, que o n. 1 do artigo 74 do regulamento dos gymnasios, approvado pelo decreto n. 503, de 18 de Dezembro de 1897, dispensava do exame de admissão, para a matricula no 1.º anno desses estabelecimentos, os alumnos approvados em todas as materias do curso preliminar; porém, essa disposição foi revogada pelo regulamento vigente.

Dia 30: — Declarou-se ao presidente da camara municipal de Villa da Cotia, que as actas de exames das escolas publicas, boletins e map-

pas semestraes, devem ser enviados a esta Secretaria.

— Declarou-se á camara municipal de Santo Amaro, em relação ao pedido de remessa de attestados de vaccina, que cabe ás municipalidades a organização e direcção do serviço de vaccinação e revaccinação, cumprindo ao governo sómente fornecer pela Directoria do Serviço Sanitario a lympha.

Dia 7 — ABRIL: — Declarou-se ao director do Grupo Escolar de Itatiba, que as faltas dos professores só podem ser justificadas pelas auctoridades escolares, até o numero de tres; as excedentes só poderão ser justificadas por este secretariado.

Dia 22: — Aos diversos estabelecimentos de ensino do Estado, o sr. dr. Secretario de Estado dos Negocios do Interior e da Justiça dirigiu a seguinte circular:

Secretaria de Estado dos Negocios do Interior e da Justiça — 2.^a sub-directoria, — 1.^a secção. — Numero 2. — S. Paulo, 22 de Abril de 1903. — Sr. director de. . . — Attendendo ao que me representou o director do Serviço Sanitario, recommendo-vos que, nos casos de manifestação de sarampão, os alumnos atacados sejam afastados desse estabelecimento por espaço de dezeseis dias, a contar do dia em que apresentarem symptomata da molestia, para evitar o contagio, e bem assim que sejam desinfectados com solução de sublimado ou creolina o soalho das salas de aulas, bancos e carteiras, na forma das instrucções sanitarias. — Saude e fraternidade. — *Firmiano M. Pinto.*

Dia 28: — Declarou-se ao director do Grupo Escholar de Villa Bella, em resposta ao seu officio pedindo auctorização para suspender as aulas

no dia 26 do mez vindouro, em commemoração do primeiro anniversario da installação daquelle grupo, que, de accôrdo com os avisos ns. 65 e 166, de 29 de Março de 1897 e 10 de Agosto de 1900, devem em taes occasiões ou circumstancias os professores, visando a educação civica dos alumnos, fazer allocuções consonantes ao assumpto sem alterar o horario das aulas.

Dia 8 — MAIO: — Declarou-se ao presidente da camara municipal de Bragança que o seu pedido de fornecimento de material não pôde ser attendido, visto não se tratar de escholas do Estado, pois no auxilio concedido pelo Governo estão incluídos o custeio e a manutenção das escholas provisórias.

Dia 16 — Respondeu-se ao presidente da camara municipal de Ytú declarando que as escholas preliminares nocturnas estão sujeitas ás mesmas leis e regulamentos em vigencia, que regem as escholas diurnas, o que deve fazer constar ao inspector municipal dessa cidade.

— Aos directores dos grupos escholares foi expedida a seguinte circular:

« Secretaria de Estado dos Negocios do Interior e da Justiça. — S. Paulo, 21 de Maio de 1903. — 2.^a sub-directoria. — 1.^a secção. — Circular n. 4. — Sr. director. . . — Scientificos de que as escholas do Estado só podem deixar de funcionar nos dias indicados pelo artigo 189 do regulamento de 27 de Novembro de 1893, e nos determinados por ordem expressa deste secretariado, não podendo, sob pretexto nenhum, ser suspenso o funcionamento das respectivas aulas, nos dias uteis. — Saude e fraternidade. — *Bento Bueno.* »

REVISTA DE ENSINO

Publicação bi-mestral, subsidiada pelo Governo do Estado de S. Paulo

De accordó com o § 3.^o do art. 7.^o dos nossos Estatutos, todos os socios são considerados assignantes da *Revista*, sem retribuição alguma.

ASSIGNATURAS

Anno	10\$000
Semestre.	6\$000
Numero atrazado	2\$000

ANNUNCIOS

Por pagina, annualmente.	20\$000
Por 1/2 pagina, annualmente.	12\$000
Por 1/4 pagina, annualmente.	8\$000

REDACÇÃO: RUA DE SANTA THEREZA N. 28

CORRESPONDENCIA: A CAIXA DO CORREIO N. 183

SUMMARIO

Junho de 1903.

QUESTÕES GERAES :

	PAGS.
Cartas anepigraphas III, H. Scrosoppi	100
Paginas civicas, Augusto R. Carvalho	113
Notas de portuguez, Luiz Cardoso	116
Dr. Lauro Sodré	119
A reforma dos estatutos, Antonio R. A. Pereira	119
Festa das arvores em Itapira, do correspondente	121
Syntaxe do pronome — Se — Maximiano Maciel	124
Garantias ao Professorado, Gabriel Ortiz	128
Os Sentidos, traducção por T. B.	132

PEDAGOGIA PRATICA :

Physiographia, Augusto R. de Carvalho	133
Chimica, IV	135
Geometria, continuação, de Antonio Penna	139
Trabalho manual, reproducção, de A. Bresser	144
A Bandeira Brasileira, de Augusto R. de Carvalho	147

LITERATURA INFANTIL :

Visitando uma escola, poesia por XXX	150
Hymno official do Grupo Escolar «Dr. Almeida Vergueiro, por Carlos Ferreira	150
O vendedor de jornaes, poesia, de René Barreto	151
Hymno para o 2.º Grupo Escolar do Amparo, de Carlos Ferreira	151
Companhia fatal, poesia de Francisco Furtado Mendes Vianna	152
Tolstoi, escriptor didactico, contos, traducção de R. Puiggari	154

OS NOSSOS EDIFICIOS ESCOLARES :

Grupo Escolar da Alameda do Triumpho	157
--	-----

HYMNOS ESCOLARES :

Canção, poesia de T. Pinto e Silva, musica de Antonio Carlos	158
--	-----

DIVERSOS :

Cesario Motta Junior, de Benedicto Galyão	160
A educação, traducção de J. Benevides	164
A psychologia dos povos europeus, do <i>Jornal do Commercio</i>	168
Os livro e os brinquedos, traducção	173
Comprimentos	175
Grande patria, letra de Julio Prestes e musica de José Carlos Dias	182
Movimento associativo	187
Noticiario	187
Annuncios	188

REVISTA DE ENSINO

DA

ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE

DO

PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO

PUBLICAÇÃO BI-MESTRAL, SUBSIDIADA PELO GOVERNO DO ESTADO

Redactor-chefe : — ARNALDO DE OLIVEIRA BARRETO

Redactor-secretario : — JOÃO PINTO E SILVA

REDACTORES EFFECTIVOS

JOAQUIM LUIZ DE BRITO	ALFREDO BRESSER DA SILVEIRA
ROMÃO PUIGGARI	EMILIO MARIO DE ARANTES
JOÃO LOURENÇO RODRIGUES	RAMON ROCA DORDAL
JOÃO CHRISOSTOMO B. DOS REIS JUNIOR	

NUMERO 3

SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO OFFICIAL»

1903

OS NOVOS EDIFICIOS ESCOLARES :

	PAGS.
Grupo escolar de Bella-Vista	68
HYMNOS ESCOLARES:	
Canção, letra de Luiz Galvão e musica de Antonio Carlos.	71
Hymno da Escola Normal de S. Paulo (aos contemporaneos de 1888) musica de José Ivo.	75
DIVERSOS :	
Lei geral para divisibilidade, de Francisco Furtado Mendes Vianna.	78
Regras para ter exito na vida	80
Cumprimentos	82
Calumnias, de José C. C. Sá e Benevides	92
Curso Theorico e pratico de musica elementar, de Antonio R. A. Pereira	93
Movimento associativo	96
Noticiario	99

ANNUNCIOS:

REVISTA DE ENSINO

DA

ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE

DO

PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO

PUBLICAÇÃO BI-MESTRAL, SUBSIDIADA PELO GOVERNO DO ESTADO

Redactor-chefe : — ARNALDO DE OLIVEIRA BARRETO

Redactor-secretario : — JOÃO PINTO E SILVA

REDACTORES EFFECTIVOS

JOAQUIM LUIZ DE BRITO

ALFREDO BRESSER DA SILVEIRA

ROMÃO PUIGGARI

EMILIO MARIO DE ARANTES

JOÃO LOURENÇO RODRIGUES

RAMON ROCA DORDAL

JOÃO CHRISOSTOMO B. DOS REIS JUNIOR

NUMERO 2

SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO OFFICIAL»

1903